



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17- N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2017**



Presidente da República

Michel Temer

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)

Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Elza Mary de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Clovis Campos de Oliveira

Divino Cristino de Figueiredo

Fernando Arthur Santos Lima

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Nayara Sousa Marinho (estagiária)

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 4 - SAFRA 2016/17 - N.7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2017**

Monitoramento agrícola – Safra 2016/17

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 4 Safra 2016/17 - Sétimo levantamento, Brasília, p. 1-160 abril 2017.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Danielle Barros Ferreira (Inmet)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)

Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Gerpa - soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Antonio Sergio Ribeiro Camelo (Geint)

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Miriam R. da Silva (Latis - Conab/Inmet)
Marcia dos Santos Seabra (Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nólêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Helena Mara Souza, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hércio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); César Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo-----8



2. Introdução-----10



3. Estimativa de área plantada ----- 12



4. Estimativa de produtividade----- 17



5. Estimativa de produção ----- 22



6. Crédito rural -----27



7. Prognóstico climático - Inmet -----33



8. Monitoramento agrícola ----- 37



9. Análise das culturas	41
9.1. Culturas de verão	41
9.1.1. Algodão	41
9.1.2. Amendoim	50
9.1.3. Arroz	55
9.1.4. Feijão	62
9.1.5. Girassol	87
9.1.6. Mamona	89
9.1.7. Milho	92
9.1.8. Soja	106
9.1.9. Sorgo	119
9.2. Culturas de inverno	124
9.2.1. Aveia	124
9.2.2. Canola	125
9.2.3. Centeio	126
9.2.4. Cevada	127
9.2.5. Trigo	128
9.2.6. Triticale	130



10. Receita bruta	129
--------------------------------	------------



11. Cadeia agroindustrial do feijão	137
--	------------



12. Balanço de oferta e demanda	140
--	------------



13. Calendários de plantio e colheita	142
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2016/17

Para a safra 2016/17 a estimativa é de 227,93 milhões de toneladas. Crescimento de 22,1% em relação à safra 2015/16, o que equivale a 41,32 milhões de toneladas.

A área plantada está estimada em 60,1 milhões de hectares. O crescimento previsto é de 3% se comparada com a safra 2015/16.

Algodão: as condições climáticas continuam favorecendo a cultura e a produção deve atingir 2,21 milhões de toneladas de caroço e 1,47 milhão de toneladas de pluma.

Amendoim primeira safra: o incremento de área e produtividade resultam em 416,8 mil toneladas de produção, aumento de 7,2% em relação à safra anterior.

Arroz: apesar da queda na área de sequeiro, a retomada da semeadura nas áreas irrigadas e as condições climáticas favorecendo toda a região produtora resultam em 11,95 milhões de toneladas de produção.

Feijão primeira safra: o forte incremento de área e a produtividade favorecida pelas boas condições climáticas refletem em uma produção de 1,38 milhão de toneladas, sendo 858,2 mil toneladas de feijão comum cores, 317,1 mil toneladas de feijão comum preto e 204,2 mil toneladas de feijão caupi.

Feijão segunda safra: o incremento de área nesta safra e as boas expectativas de produtividades resultam numa safra de 1,22 milhão de toneladas. A produção deverá ser de 607,1 mil toneladas de feijão comum cores, 216,1 mil toneladas de feijão comum preto e 393,6 mil toneladas de feijão caupi.

Milho primeira safra: incremento de área e condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura. Produção estimada de 29,86 milhões de toneladas.

Milho segunda safra: é a oitava safra seguida de aumento na área plantada desta cultura devido à sucessão de cultura com a soja, plantada na primeira safra. Estimativa de produção de 61,60 milhões de toneladas cultivadas em 11,52 milhões de hectares.

Soja: com a colheita avançada, a projeção é de crescimento de 15,4% na produção, atingindo 110,16 milhões de toneladas.

Trigo: a primeira estimativa de trigo é de redução na área plantada, em razão do preço do produto e aos estoques de ótima qualidade da safra passada.





2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se neste boletim do sétimo levantamento da safra brasileira de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, mamona, milho, soja e sorgo. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados, quando divulgados, devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), registra, nosso especial agradecimento a todos, pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

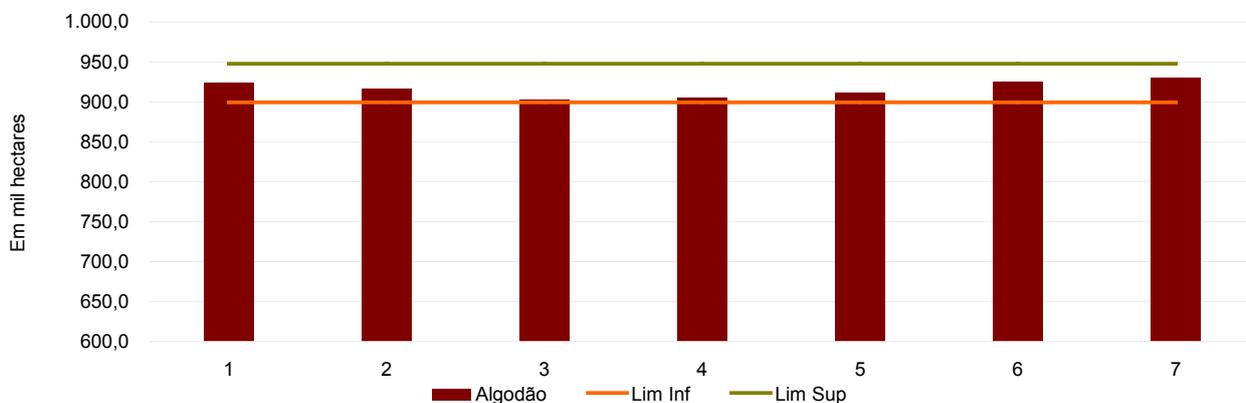
Para o sétimo levantamento da safra brasileira de grãos a estimativa é que o Brasil cultive 60 milhões de hectares. São informações coletadas pelos técnicos da Conab em todas as principais regiões produtoras do país. Além do avanço da área plantada das culturas de primeira safra, este levantamento também confirma a possibilidade de maior plantio de culturas de segunda safra, sobretudo o milho segunda safra. O aumento de área plantada equivale a um aumento de 1,7 milhão de hectares e indica um recorde na área plantada no país.

O algodão é uma cultura com cultivo concentrado em Mato Grosso e Bahia, mas presente também em Mato Grosso do Sul, Goiás e Maranhão, uma vez que estes estados apresentam condições edafoclimáticas favoráveis à tecnificação. Para a safra 2016/17 se estima redução da área plantada. Nas principais regiões produtoras do país é comum a ocorrência de chuvas em janeiro e fevereiro, quando as temperaturas são altas e a umidade do ar elevada, coincidindo com o período vegetativo da cultura. A partir de março, há um decréscimo na temperatura e na precipitação pluviométrica, mesmo que eventualmente haja chuvas. O plantio mais tardio, em relação à soja, tem a função de evitar que a colheita do algodão coincida com o período chuvoso. Se isso ocorrer, a abertura dos frutos (maçã) será lenta e pode prejudicar a colheita da fibra, além de ser um ambiente propício para o desenvolvimento de doenças fúngicas.

Esta é uma das razões para que a área plantada de algodão sofresse alterações ao longo dos levantamentos. Como a semeadura é realizada após o término do plantio da soja, isso faz que a semeadura seja concentrada em janeiro/fevereiro, ou seja, neste momento é que há realmente a definição da área a ser plantada.

Outro fator, comum em Mato Grosso, é que a maior parte da área plantada é cultivada na segunda safra, assim, a concretização do plantio depende exclusivamente do plantio da soja na época ideal, com colheita programada para janeiro e semeadura do algodão na sequência.

Gráfico 1 – Estimativa de área plantada de algodão



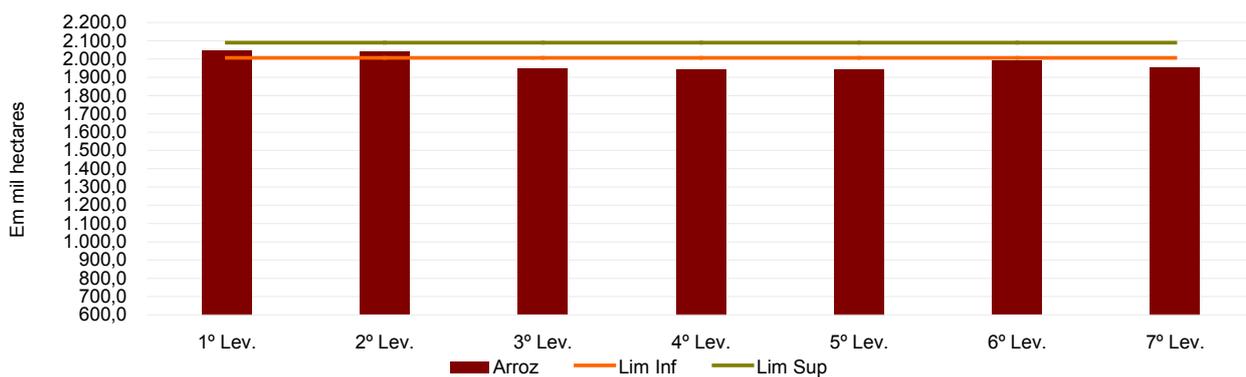
Fonte: Conab.

Há tendência de retração da área plantada do arroz de sequeiro em quase todos os estados produtores. Por competir área de soja com milho, uma vez que são cultivadas no mesmo período, na maior parte das vezes ela perde lugar para estes cultivos devido a sua menor rentabilidade. Maranhão e Mato Grosso, estados com as maiores áreas plantadas de sequeiro, é um exemplo dessa retração, principalmente pela competitividade com a soja no estado. Já as áreas cultivadas sob irrigação, sobretudo as provenientes do ecossiste-

ma várzeas, a tendência é de manutenção e/ou incremento do seu cultivo.

A área plantada de arroz sofreu modificação ao longo dos levantamentos, principalmente pela incerteza do produtor em cultivar milho ou soja nas áreas de arroz de sequeiro. Após a definição da semeadura destas culturas e, apesar de ficar fora dos limites inferiores e superiores, a estimativa é para uma área de 1,95 milhão de hectares.

Gráfico 2 – Estimativa de área plantada de arroz



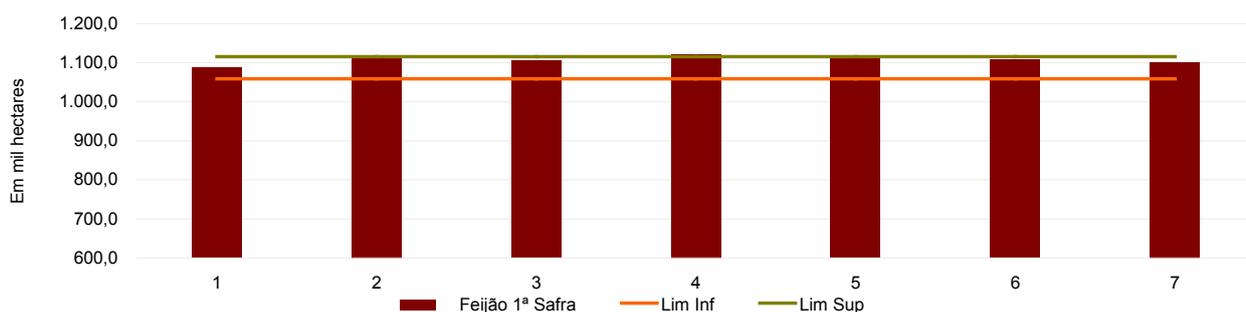
Fonte: Conab.

O feijão primeira safra apresenta concentração da área plantada na Bahia, Piauí, Paraná e Minas Gerais, apesar de ser cultivado amplamente no território brasileiro. Estima-se que a área a ser destinada para a cultura do feijoeiro aumente na maior parte dos estados

produtores, influenciado pelos preços de mercado e à possibilidade de clima favorável. Tanto o feijão comum cores, quanto o caupi, apresentam ganho de área. O feijão comum preto deve ter redução de área, cedendo área para o feijão comum cores.



Gráfico 3 – Estimativa de área plantada de feijão primeira safra

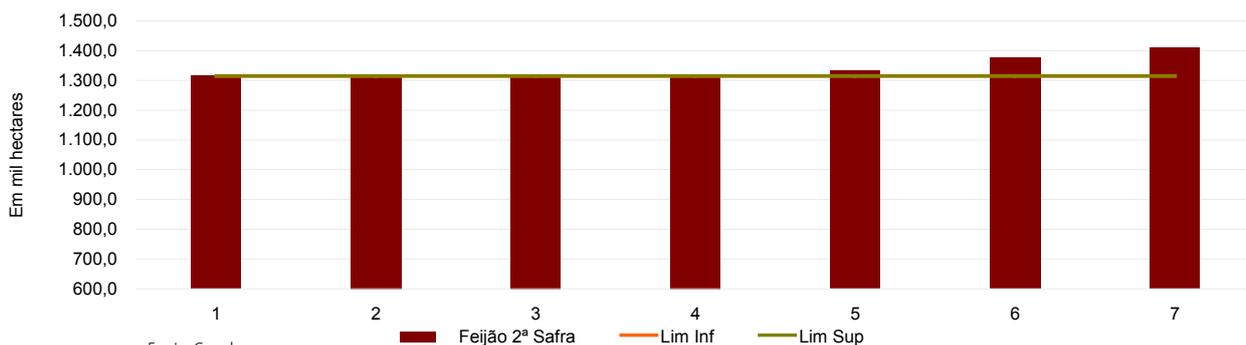


Fonte: Conab.

Para o feijão segunda safra a perspectiva é também de aumento na área plantada. O produtor tem optado por plantio de uma área maior na segunda safra por não concorrer com a soja, e também por não haver chuvas coincidindo com a colheita, o que favorece a colheita.

Para o feijão segunda safra as expectativas são muito boas, tanto pelas condições climáticas propícias ao plantio e desenvolvimento, quanto para a colheita em época com menor intensidade de chuvas e consequentemente melhor qualidade do grão colhido. Nesta safra deverá haver aumento de área de feijão comum cores, caupi e feijão comum preto.

Gráfico 4 – Estimativa de área plantada de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

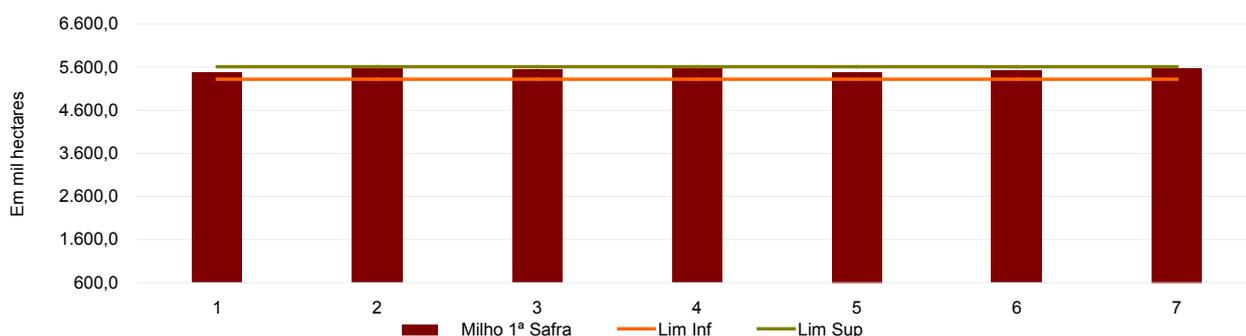
O milho cultivado na primeira safra sempre concorre com o cultivo da soja, que tem resultado em quedas recorrentes de área cultivada. No entanto, nesta safra observa-se a expansão das áreas para garantir o abastecimento estadual das cadeias produtivas que possuem o milho como matéria-prima e atender a renegociação das dívidas da última safra. No Matopiba há expectativa de aumento da área plantada na Bahia e no Maranhão. Piauí e Tocantins devem perder área para a soja, uma vez que na safra passada as condições não foram adequadas para o cultivo da oleaginosa. O Ceará apresenta expectativa de aumento devido à perspectiva de um ciclo favorável de precipitação.

O milho primeira safra é plantado em diferentes épocas, nas diferentes regiões do país. A Região Sul come-

ça o plantio em julho, mas com picos de semeadura de agosto a outubro. As Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Norte, com exceção do Tocantins, plantam de outubro a dezembro, mas com pico em novembro. O Matopiba planta de novembro a fevereiro, com picos em dezembro e janeiro. O restante da Região Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco) semeiam a partir de janeiro, com alta em fevereiro e março, se o regime pluviométrico permitir. Esse calendário diversificado acaba por influenciar a estimativa de área plantada, uma vez que a definição de áreas, em algumas regiões, acontece mais tardiamente. Porém a área permanece dentro dos limites divulgados no primeiro levantamento e bem estável entre os levantamentos.



Gráfico 5 – Estimativa de área plantada de milho primeira safra

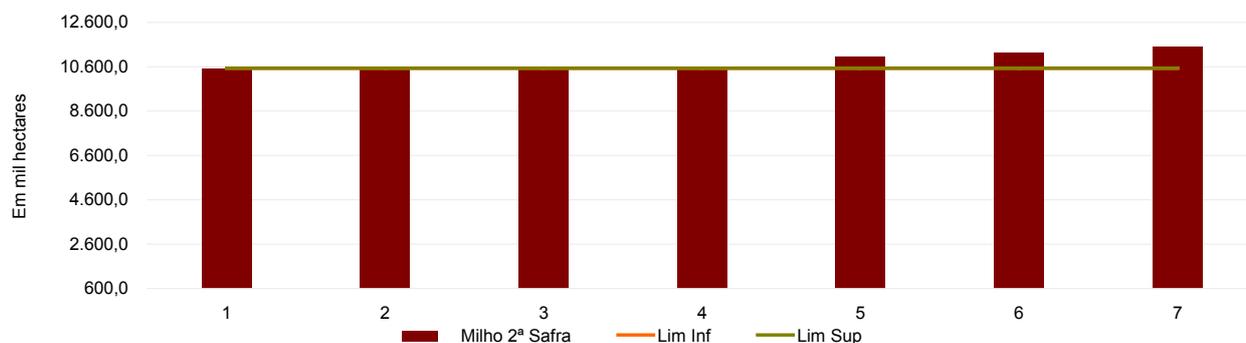


Fonte: Conab.

Para a segunda safra de milho a estimativa é de aumento na área semeada. A destinação de área para o cultivo deve ultrapassar os 11,5 milhões de hectares, aumento de 9,0%. Semelhante ao feijão segunda safra, o milho segunda safra é semeado a partir de ja-

neiro, após a colheita da soja. Os bons regimes pluviométricos, coincidindo com dias de tempo aberto, têm propiciado o avanço do plantio de milho segunda safra e deve ocupar cerca de 34% da área plantada com soja.

Gráfico 6 – Estimativa de área plantada de milho segunda safra



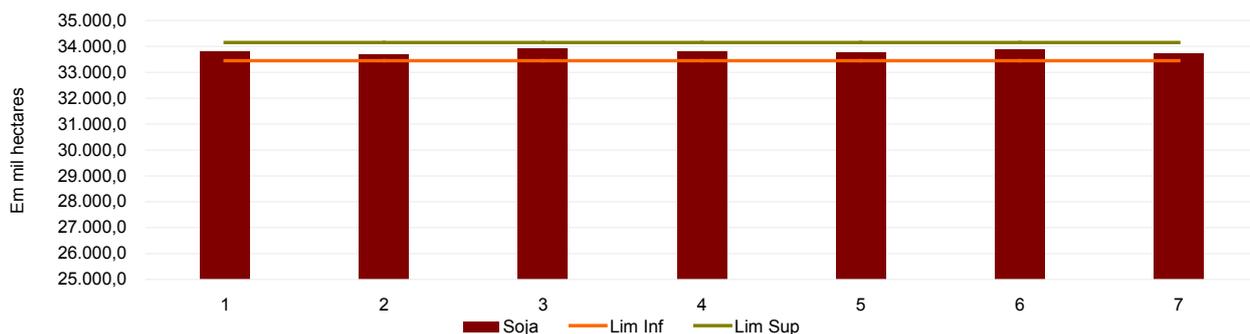
Fonte: Conab.

A destinação de áreas para cultivo da soja apresenta avanço em áreas em rotação cultivadas com algodão primeira safra, milho primeira safra, feijão primeira safra e arroz de sequeiro. O calendário de semeadura similar, a disponibilidade de sementes com alto desempenho agrônomo e de pacotes tecnológicos acessíveis, são alguns dos fatores técnicos que corroboram para a expansão da área plantada. Portanto, a estimativa de área plantada de soja é crescente em quase todos os estados produtores.

A soja tem sido a principal cultura cultivada no país e, pela sua rentabilidade, tem ocupado lugar de outras culturas, mas principalmente, tem seu avanço sobre áreas de pastagens que tem sido reconvertida para o cultivo de grãos. Apesar das incertezas no início do cultivo, quanto ao trimestre chuvoso para a semeadura da cultura, houve precipitações favoráveis e o avanço foi superior aos anos anteriores. A soja praticamente já teve a sua colheita totalizada, cedendo área para o cultivo de algodão segunda safra, milho segunda safra e feijão.



Gráfico 7 – Estimativa de área plantada de soja - 2016/17



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de área – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)		
ALGODÃO	955,2	925,8	930,4	(2,6)	(24,8)
AMENDOIM TOTAL	119,6	121,3	123,4	3,2	3,8
AMENDOIM 1ª SAFRA	110,3	112,6	115,0	4,3	4,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	9,3	8,7	8,4	(9,7)	(0,9)
ARROZ	2.008,0	1.991,0	1.954,5	(2,7)	(53,5)
ARROZ SEQUEIRO	607,7	543,1	505,7	(16,8)	(102,0)
ARROZ IRRIGADO	1.400,3	1.447,9	1.448,8	3,5	48,5
FEIJÃO TOTAL	2.837,5	3.029,3	3.078,0	8,5	240,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	978,6	1.108,1	1.101,0	12,5	122,4
CARIOCA	409,9	481,1	481,4	17,4	71,5
PRETO	180,5	177,1	174,9	(3,1)	(5,6)
CAUPI	388,2	449,9	444,7	14,6	56,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.311,2	1.376,2	1.410,2	7,6	99,0
CARIOCA	404,6	424,5	414,1	2,3	9,5
PRETO	118,0	117,4	128,8	9,2	10,8
CAUPI	788,6	834,3	867,3	10,0	78,7
FEIJÃO 3ª SAFRA	547,7	545,0	566,8	3,5	19,1
CARIOCA	477,2	477,2	491,6	3,0	14,4
PRETO	0,2	0,2	0,2	-	-
CAUPI	70,3	67,6	75,0	6,7	4,7
GIRASSOL	51,5	51,1	61,6	19,6	10,1
MAMONA	31,8	28,3	30,5	(4,1)	(1,3)
MILHO TOTAL	15.922,5	16.772,0	17.077,1	7,3	1.154,6
MILHO 1ª SAFRA	5.356,6	5.520,0	5.556,0	3,7	199,4
MILHO 2ª SAFRA	10.565,9	11.252,0	11.521,1	9,0	955,2
SOJA	33.251,9	33.878,8	33.711,3	1,4	459,4
SORGO	579,0	621,9	608,1	5,0	29,1
SUBTOTAL	55.757,0	57.419,5	57.574,9	3,3	1.817,9
SORGO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)		
AVEIA	291,5	291,5	294,2	0,9	2,7
CANOLA	47,5	47,5	46,1	(2,9)	(1,4)
CENTEIO	2,5	2,5	2,7	8,0	0,2
CEVADA	95,6	95,6	104,8	9,6	9,2
TRIGO	2.118,4	2.118,4	2.055,0	(3,0)	(63,4)
TRITICALE	23,5	23,5	23,0	(2,1)	(0,5)
SUBTOTAL	2.579,0	2.579,0	2.525,8	(2,1)	(53,2)
BRASIL	58.336,0	59.998,5	60.100,7	3,0	1.764,7

Legenda: * Ponto médio dos limites superior e inferior.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.





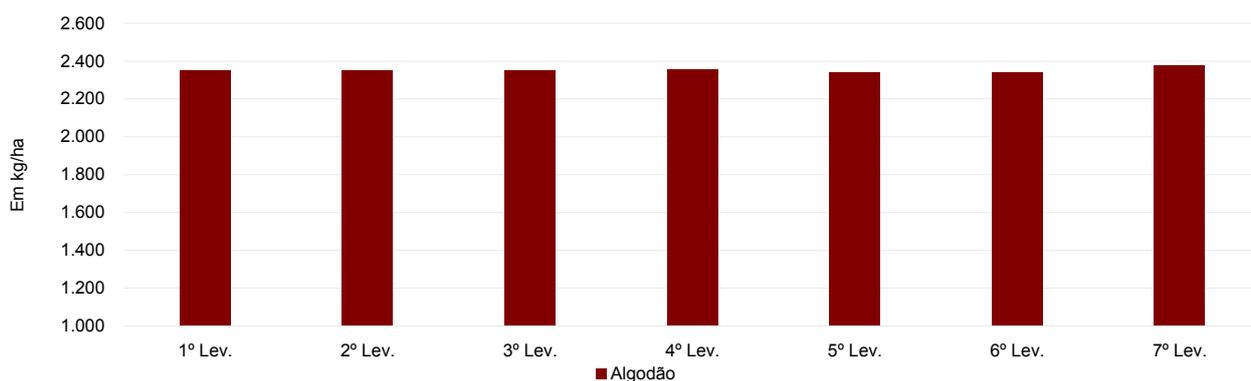
4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

Para algumas culturas, o pacote tecnológico utilizado pelo produtor é de alto nível e não há tanta variação entre as safras, como é o caso da soja e algodão. O milho e o feijão possuem variações. São culturas que apresentam, desde o uso de elevado pacote tecnológico, até determinadas regiões onde se prioriza o plantio para consumo de pequenas propriedades as quais nem sempre usam os melhores pacotes disponíveis. Para o arroz também há muitas variações, mas de modo geral, a cultura irrigada é suplementada com um pacote de alto nível.

Diferente da safra passada, nesta safra as condições climáticas têm contribuído muito para as boas condições da cultura. A última safra foi fortemente influenciada pelo efeito do El Niño, impactando as produtividades de praticamente todas as culturas.

O alto custo de cultivo, a dependência da demanda do mercado externo e a verticalização da produção levaram o produtor a utilizar o melhor pacote tecnológico para a cultura do algodão em comparação às demais culturas de grãos. Sendo assim, a cultura fica dependente apenas das condições climáticas.

Gráfico 8 – Estimativa de produtividade de algodão

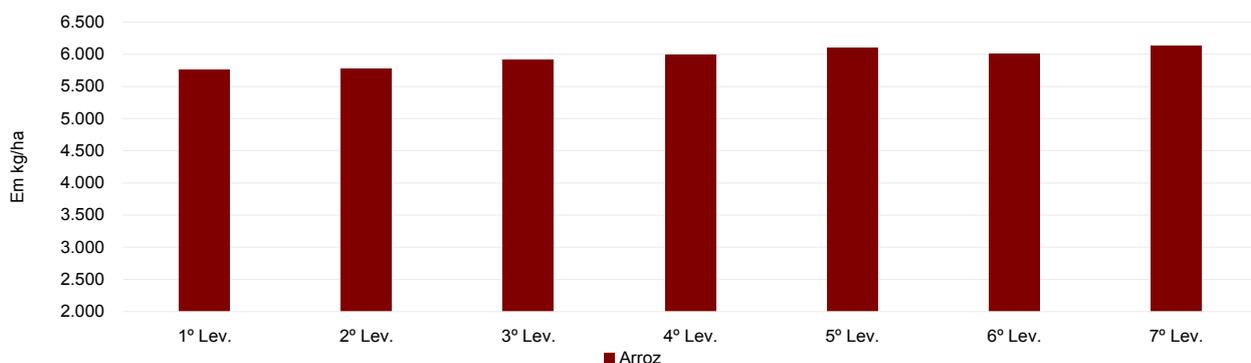


Fonte: Conab.

O aumento da área de plantio de arroz irrigado e queda no plantio de sequeiro são responsáveis pelo aumento da média de produtividade de arroz do Brasil, uma vez que o manejo irrigado alcança produtividade

muito superior ao de sequeiro. As boas condições climáticas em todo o desenvolvimento da cultura têm influenciado o aumento das estimativas de produtividade do arroz.

Gráfico 9 – Estimativa de produtividade de arroz

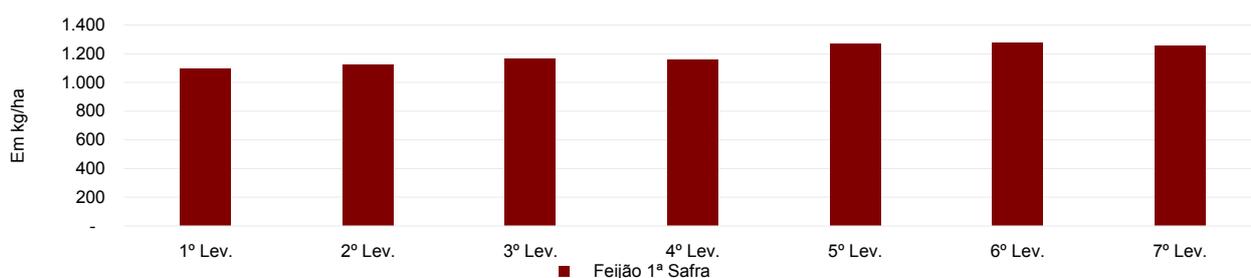


Fonte: Conab.

O feijão primeira safra é uma cultura com uso de alta tecnologia na Região Sul, com cultivo de feijão comum cores e preto, e Centro-Oeste, com predominância do cultivo de feijão comum cores. Na região Norte/Nordeste é predominante o cultivo de caupi com baixa tecnologia. Minas Gerais cultiva os três tipos com diferentes níveis tecnológicos. Em São Paulo é a predo-

minância de feijão comum cores com alta tecnologia, alcançando uma das maiores produtividades do país. A recuperação no potencial produtivo em relação a outras safras e as boas condições climáticas têm favorecido o aumento da produtividade para o feijão primeira safra.

Gráfico 10 – Estimativa de produtividade de feijão primeira safra



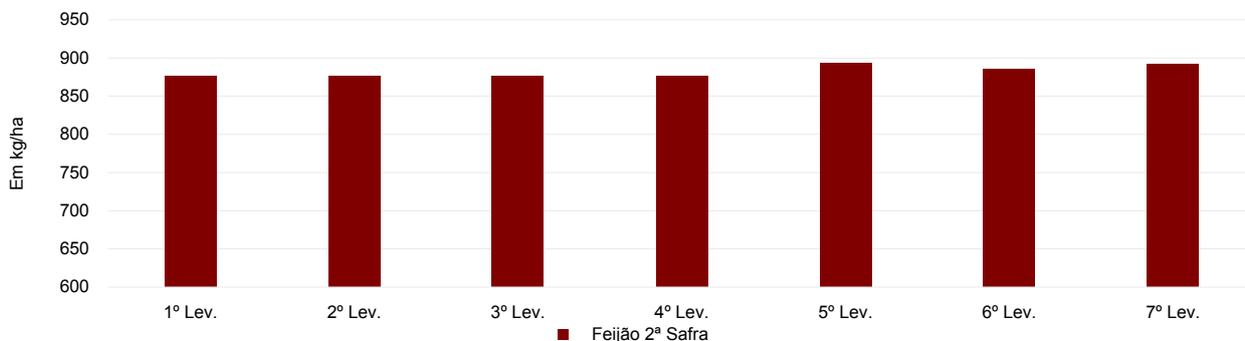
Fonte: Conab.



Para o feijão segunda safra, este ano agrícola mantém a expectativa de ser uma boa safra em termos de produtividade. A captação das informações de campo, substituindo as produtividades derivadas dos cálculos

estatísticos dos primeiros levantamentos, também indica para o aumento da produtividade para o feijão segunda safra em relação à safra passada.

Gráfico 11 – Estimativa de produtividade de feijão segunda safra

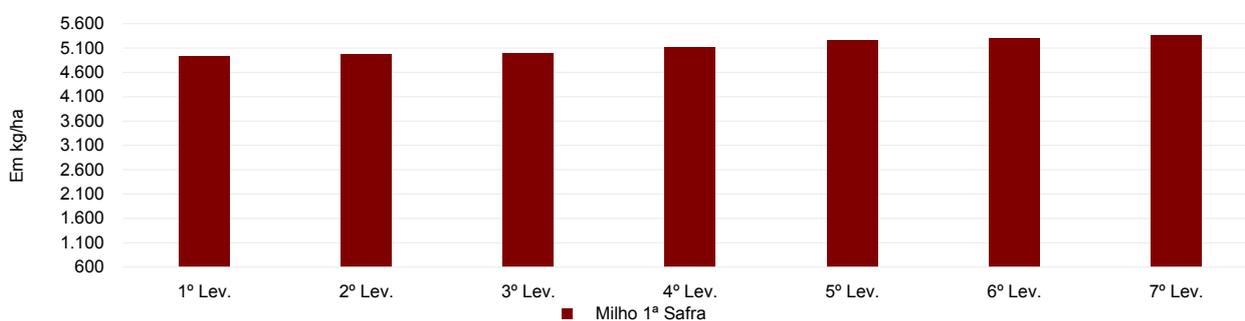


Fonte: Conab.

A quebra de produtividade de milho segunda safra no ano passado levou muitas Unidades da Federação, principalmente aqueles que possuem grande volume para consumo próprio, a investir nesta cultura, tanto com aumento de área como melhores tratamentos culturais.

Para o milho primeira safra as boas condições climáticas apresentadas têm contribuído para a expressão de boas produtividades destas culturas, exteriorizando o investimento realizado nesta cultura.

Gráfico 12 – Estimativa de produtividade de milho primeira safra

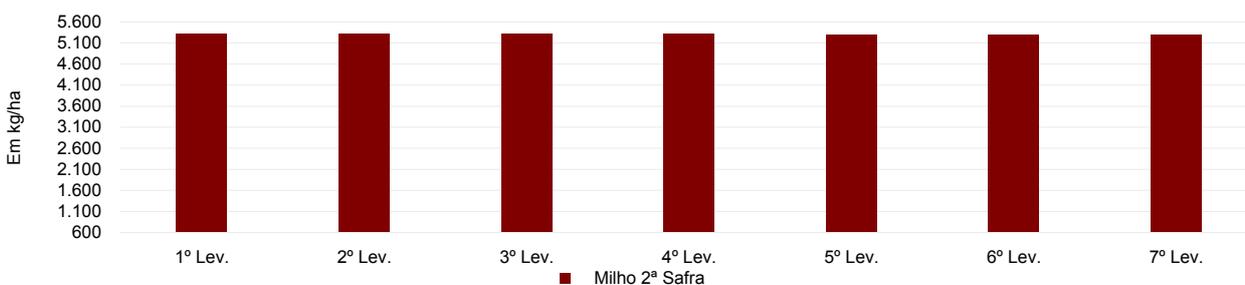


Fonte: Conab.

A expectativa para o milho segunda safra é de que haja a recuperação da sua produtividade, após o baixo rendimento na última safra. Neste levantamento

permanece a expectativa de boas produtividades para a cultura.

Gráfico 13 – Estimativa de produtividade de milho segunda safra



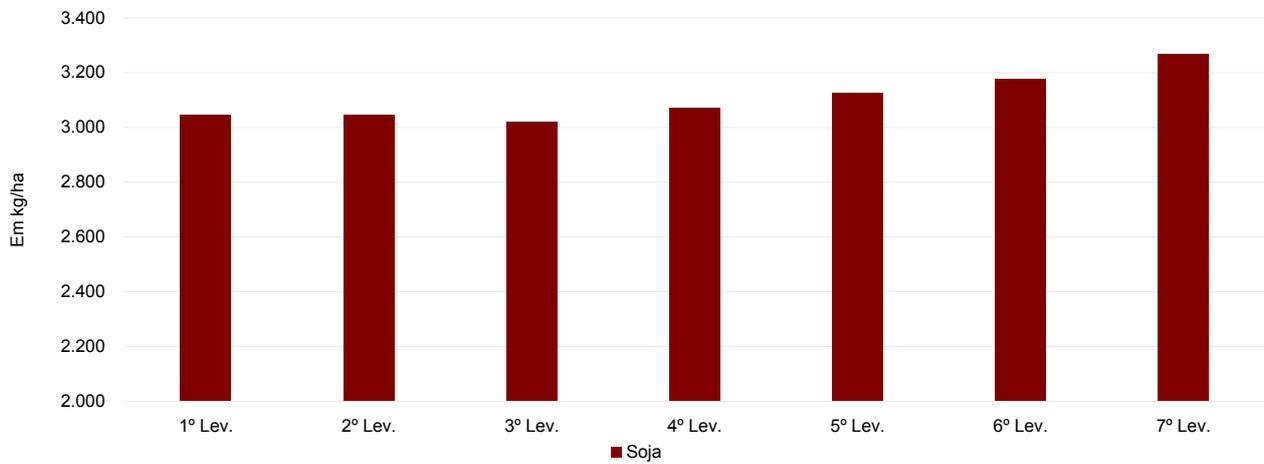
Fonte: Conab.



A soja, é uma cultura em que há alto investimento por parte do produtor, tanto em equipamentos, quanto em tecnologia de sementes, adubação e defensivos agrícolas. As expectativas são muito boas para esta

safr. Com a colheita praticamente finalizada, o bom desenvolvimento da cultura ao longo de todo ciclo, resultou em produtividades ainda melhores.

Gráfico 14 – Estimativa de produtividade de soja



Fonte: Conab.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade - Brasil– Grãos

(Em kg/ha)

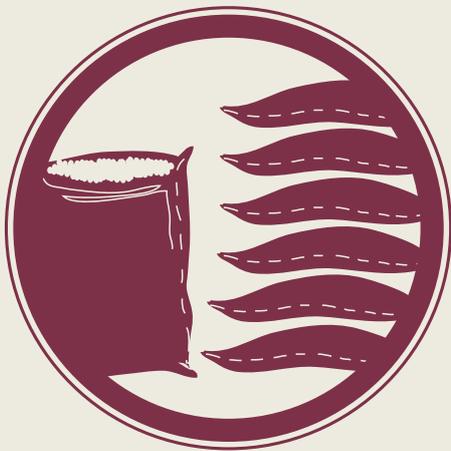
CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO ⁽¹⁾	2.028	2.342	2.379	17,3	350,5
ALGODÃO EM PLUMA	1.350	1.559	1.583	17,3	233,3
AMENDOIM TOTAL	3.396	3.390	3.512	3,4	115,9
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.524	3.495	3.625	2,8	100,2
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.873	2.038	1.968	5,1	95,1
ARROZ	5.280	6.010	6.113	15,8	832,7
ARROZ SEQUEIRO	2.028	2.147	2.190	8,0	162,1
ARROZ IRRIGADO	6.692	7.459	7.482	11,8	790,5
FEIJÃO TOTAL	886	1.081	1.067	20,5	181,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.057	1.247	1.253	18,6	196,1
CORES	1.619	1.792	1.783	10,1	164,2
PRETO	1.601	1.797	1.813	13,2	211,6
CAUPI	210	448	459	118,3	248,9
FEIJÃO 2ª SAFRA	696	886	863	24,0	166,9
CORES	1.226	1.454	1.466	19,6	240,1
PRETO	1.494	1.688	1.677	12,3	183,5
CAUPI	305	484	454	49,0	149,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.034	1.234	1.216	17,6	182,2
CORES	1.069	1.317	1.304	22,0	235,4
PRETO	2.000	3.000	3.000	50,0	1.000,0
CAUPI	578	645	637	10,1	58,5
GIRASSOL	1.224	1.419	1.479	20,8	255,0
MAMONA	465	469	493	6,0	27,9
MILHO TOTAL	4.178	5.305	5.356	28,2	1.177,8
MILHO 1ª SAFRA	4.809	5.308	5.375	11,8	565,9
MILHO 2ª SAFRA	3.859	5.303	5.347	38,6	1.488,5
SOJA	2.870	3.176	3.268	13,9	397,7
SORGO	1.782	2.667	2.798	57,0	1.015,9
SUBTOTAL	3.202	3.764	3.844	20,0	642,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)		
AVEIA	2.840	2.367	2.366	(16,7)	(474,0)
CANOLA	1.514	1.552	1.553	2,6	39,0
CENTEIO	2.600	1.680	1.741	(33,0)	(859,0)
CEVADA	3.921	2.951	3.020	(23,0)	(901,0)
TRIGO	3.175	2.667	2.661	(16,2)	(514,0)
TRITICALE	2.898	2.562	2.517	(13,1)	(381,0)
SUBTOTAL	3.131	2.621	2.619	(16,4)	(512,0)
BRASIL (2)	3.199	3.715	3.793	18,6	593,5

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril 2017.





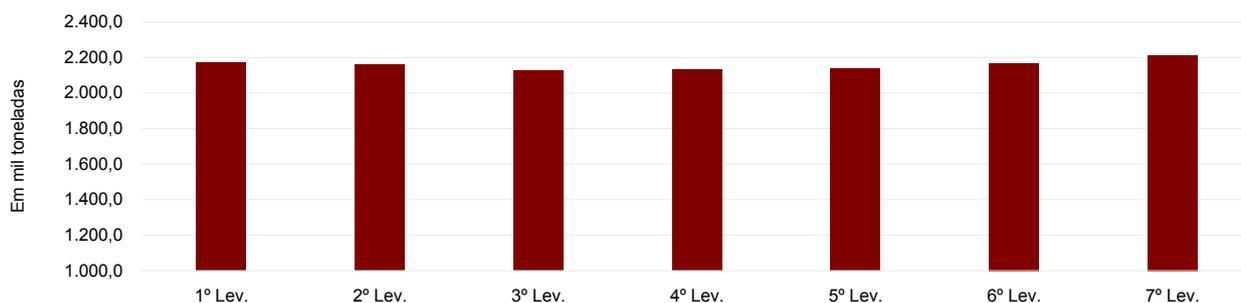
5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO (227,93 MILHÕES DE TONELADAS)

Uma produção de 227,93 milhões de toneladas é a estimativa brasileira de grãos para a safra 2016/17, sendo um aumento de 22,1% em relação à safra passada, o que equivale a 39,12 milhões de toneladas. A produtividade média das culturas continuam em ascensão, em face das boas condições climáticas que tem favorecidos todas as lavouras nas diferentes regiões do país.

A soja e o milho, principais culturas produzidas no país, apresentam ganho na produção de 15,4 e 37,5%, respectivamente. Os dois produtos correspondem a quase 90% do que é produzido. A soja deve alcançar uma produção de 110,16 milhões de toneladas. Para o milho a estimativa é de 91,47 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira safra (29,86 milhões de toneladas) e segunda safra (61,61 milhões de toneladas).

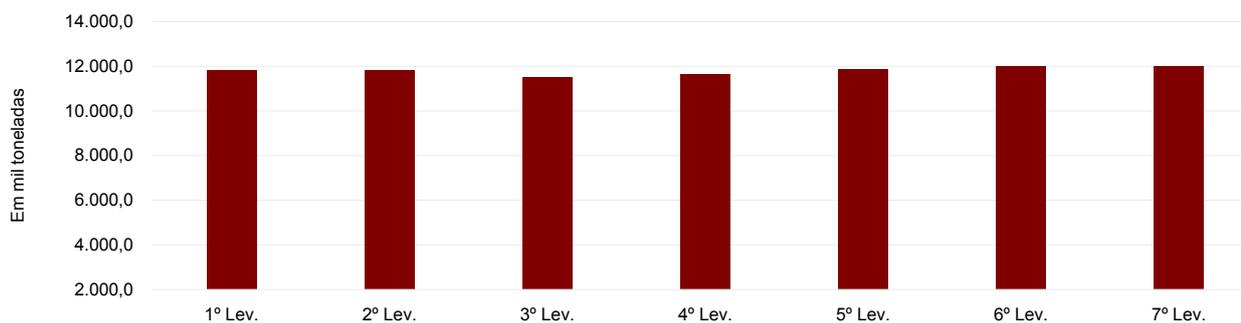
Já o arroz e feijão devem alcançar uma produção de 11,95 milhões de toneladas e 3,29 milhões de toneladas, respectivamente. Distribuídas por safra, a produção de feijão está estimada em 1,38 milhão de toneladas na primeira safra, 1,22 milhão de toneladas na segunda safra e 689,3 mil toneladas na terceira safra. A produção de feijão comum cores deve alcançar 2,1 milhões de toneladas, a de feijão comum preto está estimada em 533,8 mil toneladas e a de feijão caupi em 645,5 mil toneladas.

Gráfico 15 – Estimativa de produção de caroço de algodão



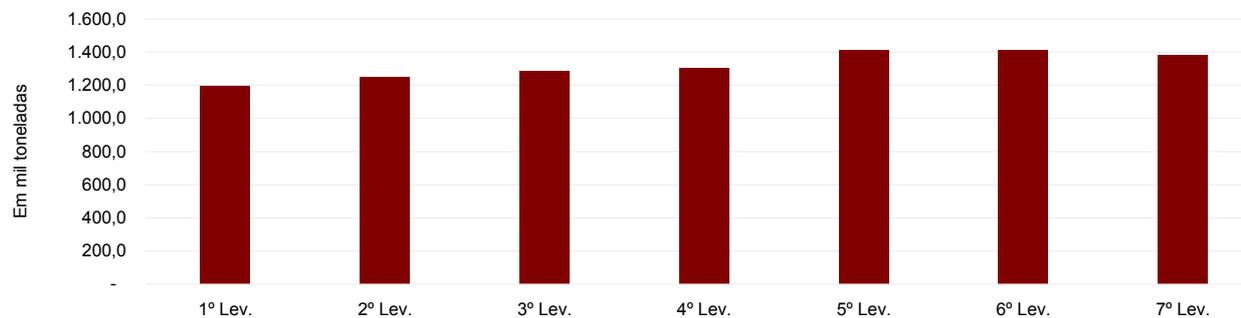
Fonte: Conab.

Gráfico 16 – Estimativa de produção de arroz



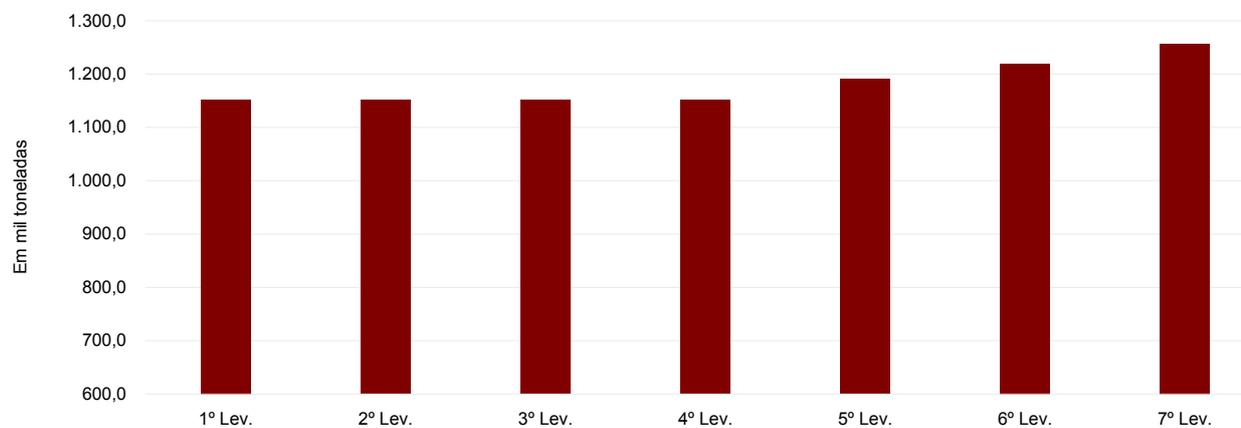
Fonte: Conab.

Gráfico 17 – Estimativa de produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Gráfico 18 – Estimativa de produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.



Gráfico 19 – Estimativa de produção de milho primeira safra

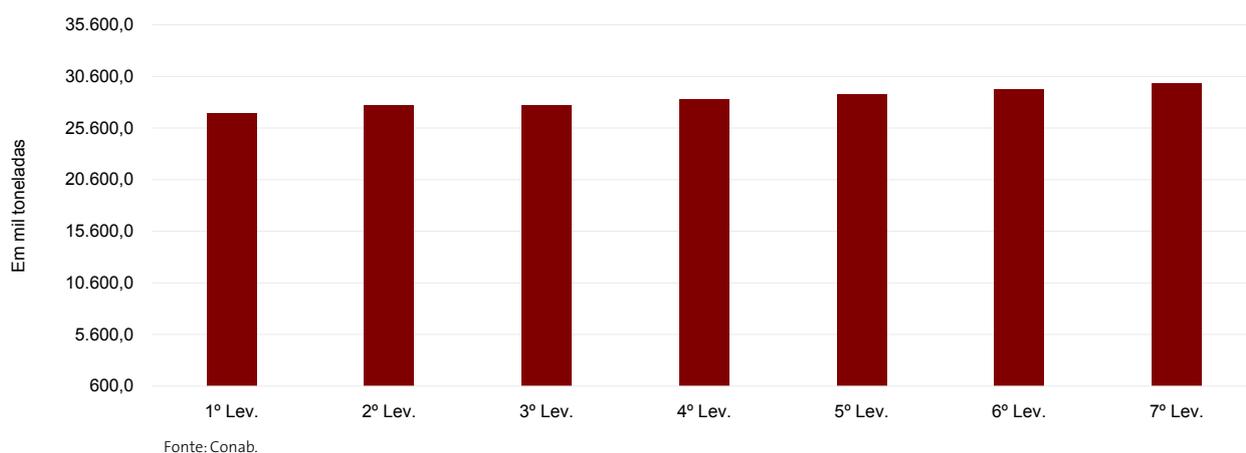


Gráfico 20 – Estimativa de produção de milho segunda safra

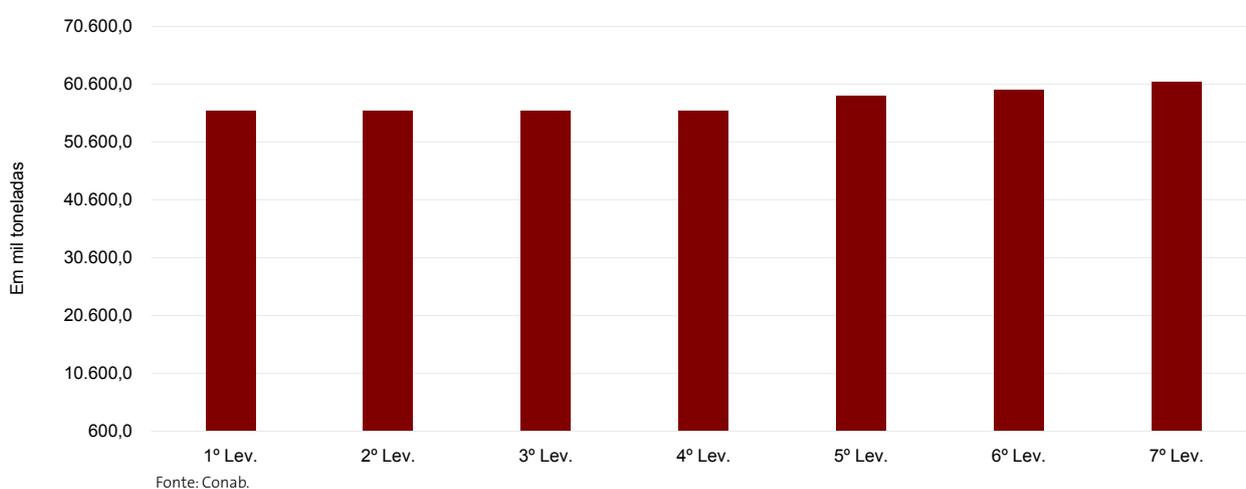


Gráfico 21 – Estimativa de produção de soja

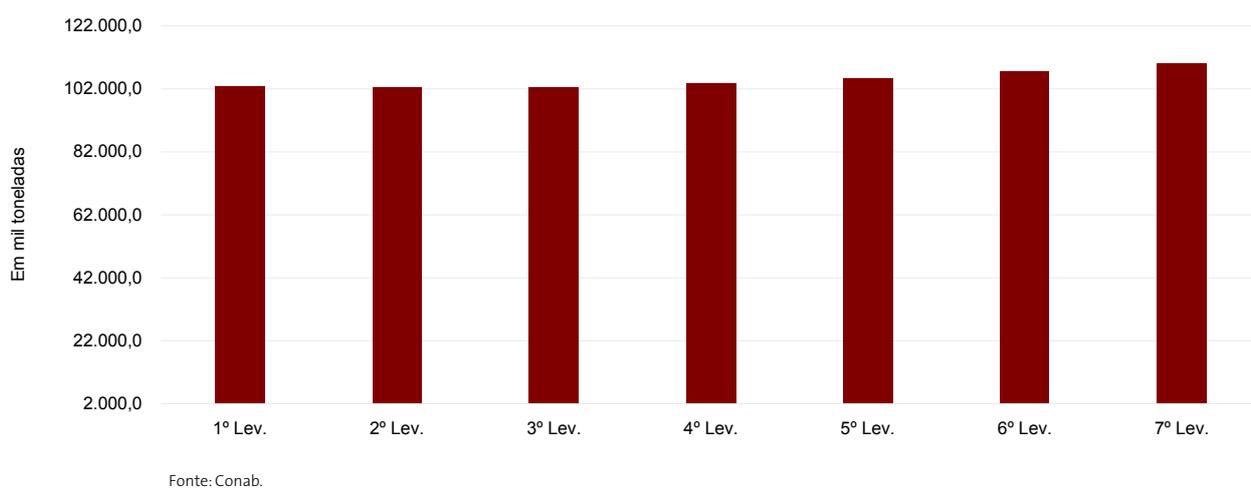


Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	15/16 (a)	16/17		Percentual	Absoluta
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (¹)	1.937,1	2.167,8	2.212,9	14,2	275,8
ALGODÃO - PLUMA	1.289,2	1.443,1	1.473,2	14,3	184,0
AMENDOIM TOTAL	406,1	411,3	433,4	6,7	27,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	388,8	393,5	416,8	7,2	28,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	17,3	17,8	16,6	(4,0)	(0,7)
ARROZ	10.603,0	11.966,0	11.948,0	12,7	1.345,0
ARROZ SEQUEIRO	1.232,6	1.166,1	1.107,8	(10,1)	(124,8)
ARROZ IRRIGADO	9.370,4	10.799,9	10.840,2	15,7	1.469,8
FEIJÃO TOTAL	2.512,9	3.274,0	3.285,6	30,7	772,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.034,3	1.382,1	1.379,6	33,4	345,3
CARIOCA	663,5	862,2	858,2	29,3	194,7
PRETO	289,1	318,3	317,1	9,7	28,0
CAUPI	81,7	201,5	204,2	149,9	122,5
FEIJÃO 2ª SAFRA	912,6	1.219,5	1.216,7	33,3	304,1
CARIOCA	496,1	617,1	607,1	22,4	111,0
PRETO	176,3	198,2	216,1	22,6	39,8
CAUPI	240,2	404,0	393,6	63,9	153,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	566,6	672,6	689,3	21,7	122,7
CARIOCA	525,5	628,3	640,9	22,0	115,4
PRETO	0,4	0,6	0,6	50,0	0,2
CAUPI	40,7	43,6	47,8	17,4	7,1
GIRASSOL	63,1	72,5	91,1	44,4	28,0
MAMONA	14,8	13,3	15,0	1,4	0,2
MILHO TOTAL	66.530,6	88.969,4	91.468,5	37,5	24.937,9
MILHO 1ª SAFRA	25.758,1	29.299,5	29.861,1	15,9	4.103,0
MILHO 2ª SAFRA	40.772,7	59.669,9	61.607,4	51,1	20.834,7
SOJA	95.434,6	107.614,6	110.161,7	15,4	14.727,1
SORGO	1.031,5	1.658,4	1.701,2	64,9	669,7
SUBTOTAL	178.534,5	216.147,5	221.317,4	24,0	42.782,9
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016 (a)	2017		Percentual	Absoluta
		Mar/2017 (b)	Abr/2017 (c)	(c/a)	(c-a)
AVEIA	827,8	690,0	696,2	(15,9)	(131,6)
CANOLA	71,9	73,7	71,6	(0,4)	(0,3)
CENTEIO	6,5	4,2	4,7	(27,7)	(1,8)
CEVADA	374,8	282,1	316,5	(15,6)	(58,3)
TRIGO	6.726,8	5.649,3	5.468,1	(18,7)	(1.258,7)
TRITICALE	68,1	60,2	57,9	(15,0)	(10,2)
SUBTOTAL	8.075,9	6.759,5	6.615,0	(18,1)	(1.460,9)
BRASIL (²)	186.610,4	222.907,0	227.932,4	22,1	41.322,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(c/a)	(d)	(e)	(e/d)	(f)	(g)	(g/f)
NORTE	2.540,1	2.834,0	11,6	2.731	3.238	18,6	6.937,1	9.176,2	32,3
RR	39,9	51,3	28,6	3.900	4.010	2,8	155,6	205,7	32,2
RO	474,1	533,8	12,6	3.338	3.227	(3,3)	1.582,5	1.722,8	8,9
AC	52,4	47,1	(10,1)	2.065	1.981	(4,1)	108,2	93,3	(13,8)
AM	11,4	14,0	22,8	1.912	2.157	12,8	21,8	30,2	38,5
AP	4,6	4,8	4,3	891	938	5,2	4,1	4,5	9,8
PA	730,8	858,8	17,5	2.931	3.087	5,3	2.142,3	2.651,3	23,8
TO	1.226,9	1.324,2	7,9	2.382	3.374	41,7	2.922,6	4.468,4	52,9
NORDESTE	7.396,9	7.666,7	3,6	1.329	2.241	68,6	9.827,4	17.179,2	74,8
MA	1.420,1	1.393,3	(1,9)	1.748	3.085	76,5	2.481,7	4.298,3	73,2
PI	1.360,0	1.448,9	6,5	1.089	2.417	122,0	1.480,5	3.502,7	136,6
CE	850,3	923,0	8,5	267	589	120,8	227,3	544,1	139,4
RN	56,6	94,1	66,3	323	416	28,6	18,3	39,1	113,7
PB	173,1	191,0	10,3	191	517	170,6	33,1	98,7	198,2
PE	388,1	386,8	(0,3)	176	334	89,6	68,3	129,1	89,0
AL	61,6	61,6	-	722	818	13,3	44,5	50,4	13,3
SE	195,9	195,9	-	923	4.202	355,2	180,9	823,1	355,0
BA	2.891,2	2.972,1	2,8	1.831	2.589	41,4	5.292,8	7.693,7	45,4
CENTRO-OESTE	23.584,2	24.449,6	3,7	3.192	3.979	24,7	75.290,5	97.289,2	29,2
MT	14.001,5	14.700,2	5,0	3.101	3.864	24,6	43.425,3	56.807,2	30,8
MS	4.213,1	4.355,6	3,4	3.267	4.040	23,7	13.765,7	17.595,7	27,8
GO	5.213,9	5.234,3	0,4	3.366	4.207	25,0	17.549,7	22.020,3	25,5
DF	155,7	159,5	2,4	3.531	5.429	53,8	549,8	866,0	57,5
SUDESTE	5.315,5	5.464,0	2,8	3.658	4.040	10,4	19.444,4	22.072,7	13,5
MG	3.304,5	3.388,4	2,5	3.574	4.032	12,8	11.809,3	13.661,8	15,7
ES	24,4	22,1	(9,4)	2.098	1.959	(6,6)	51,2	43,3	(15,4)
RJ	4,3	4,8	11,6	1.907	1.938	1,6	8,2	9,3	13,4
SP	1.982,3	2.048,7	3,3	3.822	4.080	6,7	7.575,7	8.358,3	10,3
SUL	19.499,3	19.675,6	0,9	3.852	4.153	7,8	75.111,0	81.709,5	8,8
PR	9.686,4	9.711,7	0,3	3.700	4.121	11,4	35.842,0	40.023,3	11,7
SC	1.279,9	1.316,5	2,9	4.880	5.212	6,8	6.245,9	6.861,6	9,9
RS	8.533,0	8.647,4	1,3	3.870	4.027	4,1	33.023,1	34.824,6	5,5
NORTE/NORDESTE	9.937,0	10.500,7	5,7	1.687	2.510	48,8	16.764,5	26.355,4	57,2
CENTRO-SUL	48.399,0	49.589,2	2,5	3.509	4.055	15,6	169.845,9	201.071,4	18,4
BRASIL	58.336,0	60.089,9	3,0	3.199	3.785	18,3	186.610,4	227.426,8	21,9

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroto de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale. Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril /2017.





6. CRÉDITO RURAL

O momento da safra agrícola é de colheita em determinados períodos (ex. soja e milho primeira safra) de desenvolvimento e maturação de algumas culturas e de plantios em diversas regiões, nesse caso, principalmente a segunda safra de feijão e milho. Nesse contexto as informações do crédito rural podem contribuir para a compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia.

As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras, mas tem-se a consciência que outras fontes são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco janeiro e fevereiro dos anos 2013 a 2017.

As informações de custeio foram obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 21 de março de 2017, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES CONSTANTES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no período em análise tem o melhor registro desde 2013 (Gráfico 22). Destaca-se o financiamento sem vínculo a programa específico com o crescimento de 30,56% em relação ao ano de 2016. O aumento é observado para o custeio de arroz, feijão, milho e soja, principalmente.

No Pronamp, com crescimento de 6,49% em relação a 2016, o custeio tem crescimento para milho e feijão. No caso do Pronaf deve-se registrar que o segundo ano tem volume inferior se comparado com o movimento de 2015. No caso da agricultura familiar, houve a redução de crédito para o plantio arroz e soja, enquanto que pode-se observar aumento para o custeio

de feijão e milho.

No Gráfico 23, percebe-se o crescimento da participação do financiamento sem vínculo a programa específico e redução da participação das demais linhas de custeio sob análise.

O momento é de plantio da segunda safra de milho e feijão, além de cultivo da safra do Nordeste e de execução de tratos culturais em regiões de desenvolvimento dos cultivos. Tem-se ainda a colheita dos principais grãos nos estados produtores. Esses movimentos podem explicar a expansão e retração do crédito.

Gráfico 22 – Financiamento – Todos os Programas – Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

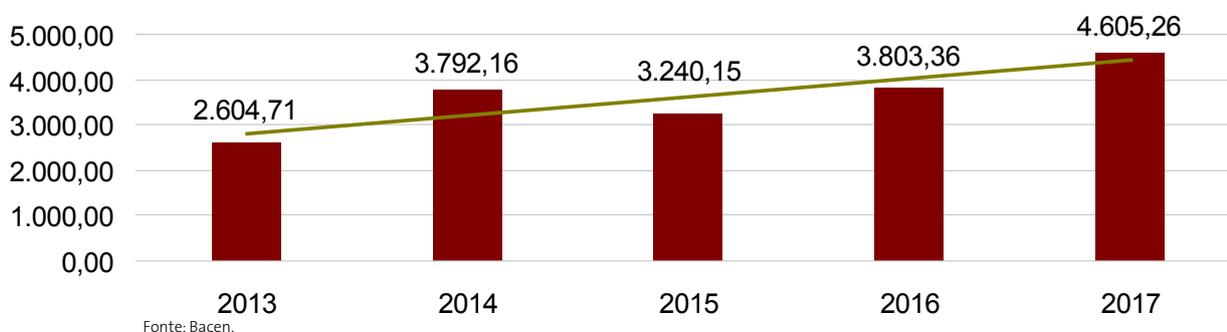
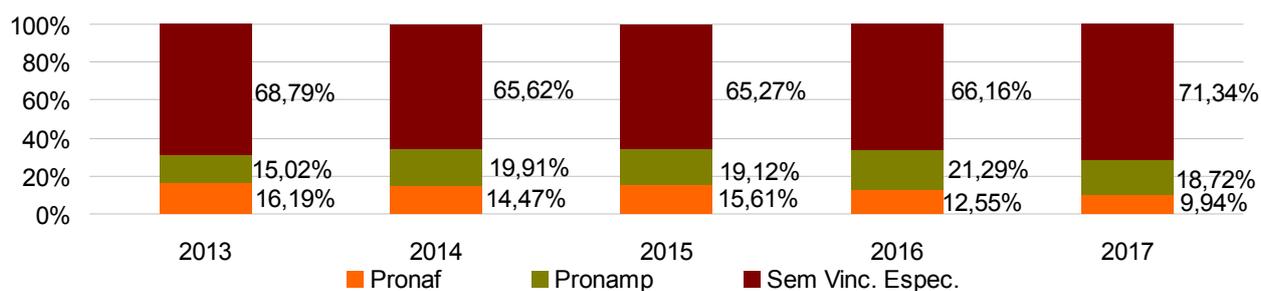


Gráfico 23- Tipo de financiamento – Participação programas– Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

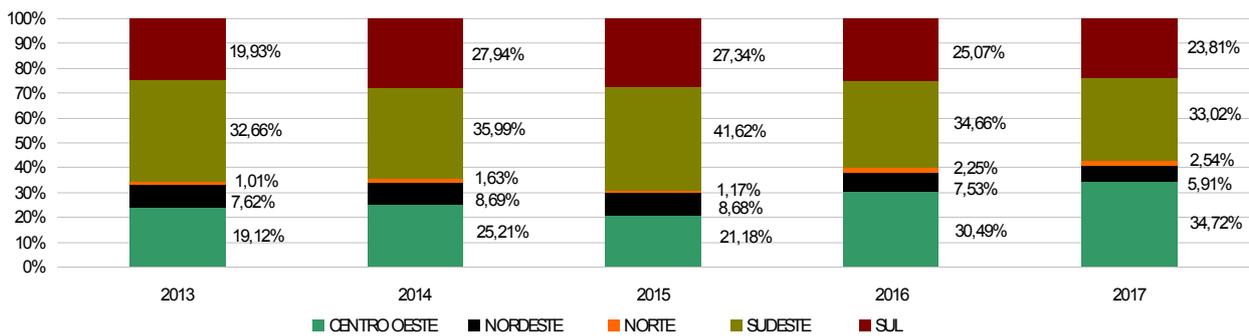


O Gráfico 24 demonstra a participação na utilização do crédito por região geográfica. Observa-se que a participação, se comparado a 2013, é crescente na Região Centro Oeste, Norte e Sul, o que é compatível com a evolução do plantio e colheita nessas regiões.

Na região Sudeste o percentual de participação é muito próximo ao do ano anterior e a redução do crédito no Nordeste tem relação com as restrições bancárias originárias dos problemas climáticos dos últimos anos, não sendo menor razão da região sul de Maranhão e Piauí e oeste baiano.



Gráfico 24 - Participação por Região – Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

As análises seguintes serão particularizadas para os produtos arroz, feijão, milho e soja, tendo como fonte

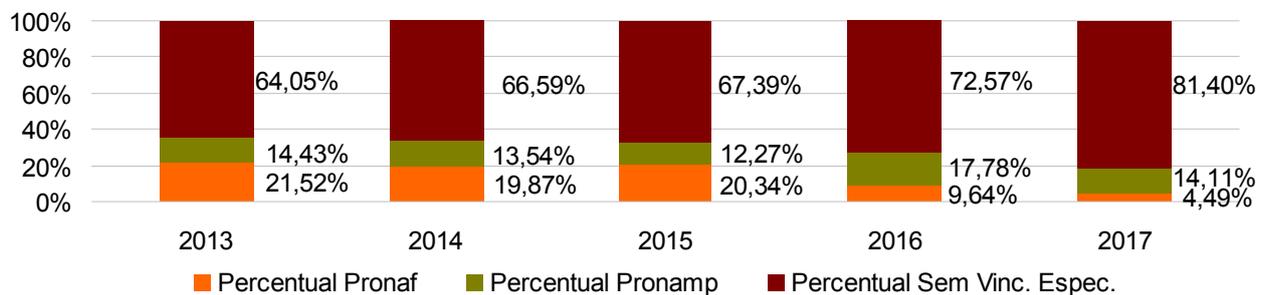
as informações do crédito rural obtidas do Sicor/Bacen, nos anos de 2013 a 2017.

6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 25 destacam-se a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp. A explicação pode ser a redução de área do arroz de sequeiro da safra anterior para a atual, pela baixa utilização do arroz para abertura de área

de produção, além da migração para outras culturas mais rentáveis. Por outro lado, o uso do crédito sem vínculo específico tem relação com o custeio da safra irrigada.

Gráfico 25 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

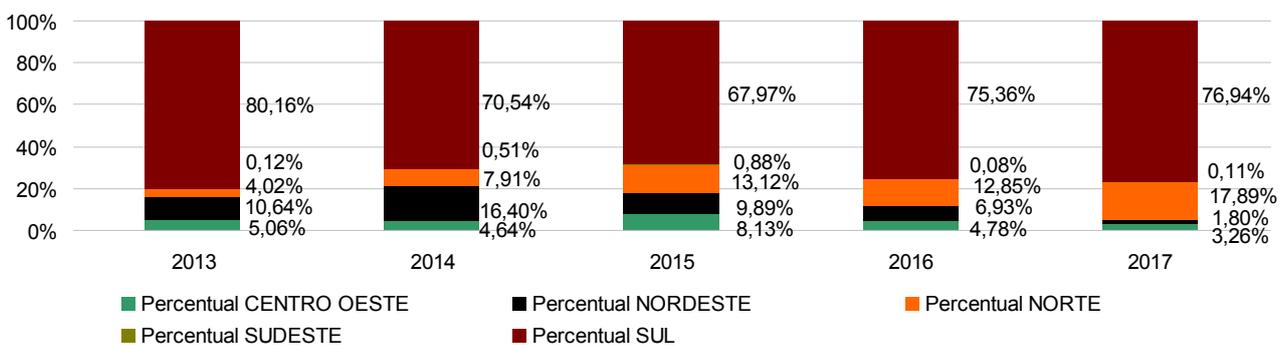


Fonte: Bacen.

As Regiões Sul e Norte concentram o plantio de arroz, o que explica as informações da participação por re-

gião (Gráfico 26).

Gráfico 26 – Arroz - Participação por Região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

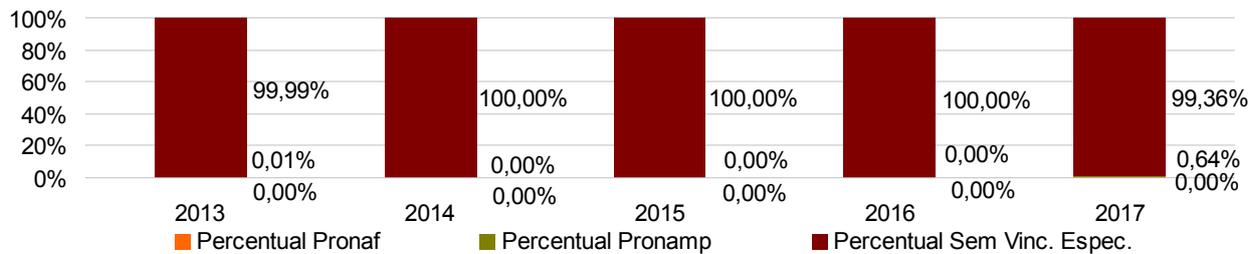


6.3. ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do financiamento sem vínculo específico (Gráfico 27). Os recursos de custeio para o plantio são superiores a 2016 no período analisado.

Tal performance pode ser explicada pelo aumento de área observada em Mato Grosso e na continuidade de plantio na Bahia, principais estados produtores.

Gráfico 27 - Algodão – Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

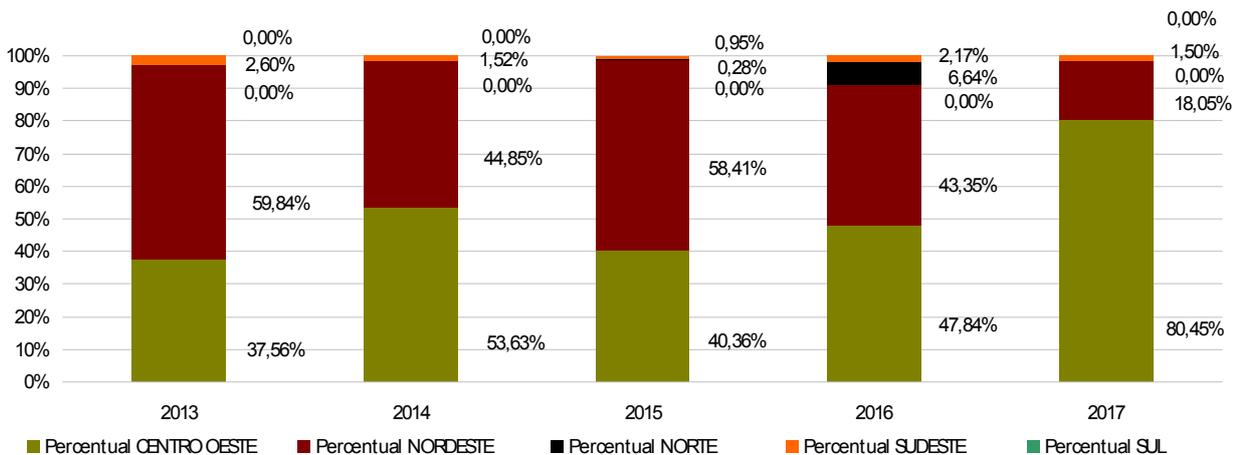


Fonte: Bacen.

As regiões Centro Oeste e Nordeste são as principais regiões produtoras o que explica as informações do

Gráfico 28. O aumento de preços do algodão incentiva os investimentos na cultura.

Gráfico 28 - Algodão –Participação por Região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.

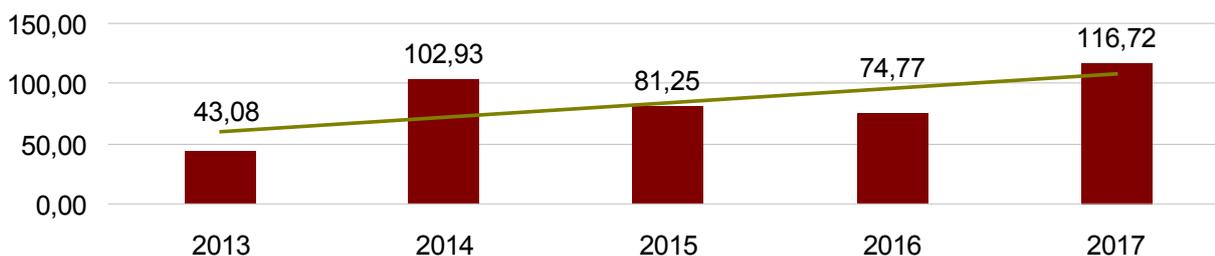
6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

No período analisado o crescimento da utilização do crédito nos três programas foi de 56%, comparado com o ano de 2016, conforme o Gráfico 29. É de se observar que a safra anterior foi frustrada pelos problemas climáticos ocorridos durante o plantio. A situ-

ação observada em 2017 se explica pelo movimento de plantio da segunda safra de feijão, que tem a perspectiva de aumento de 33% na produção em relação à safra anterior.



Gráfico 29- Feijão – Financiamento todos programas - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

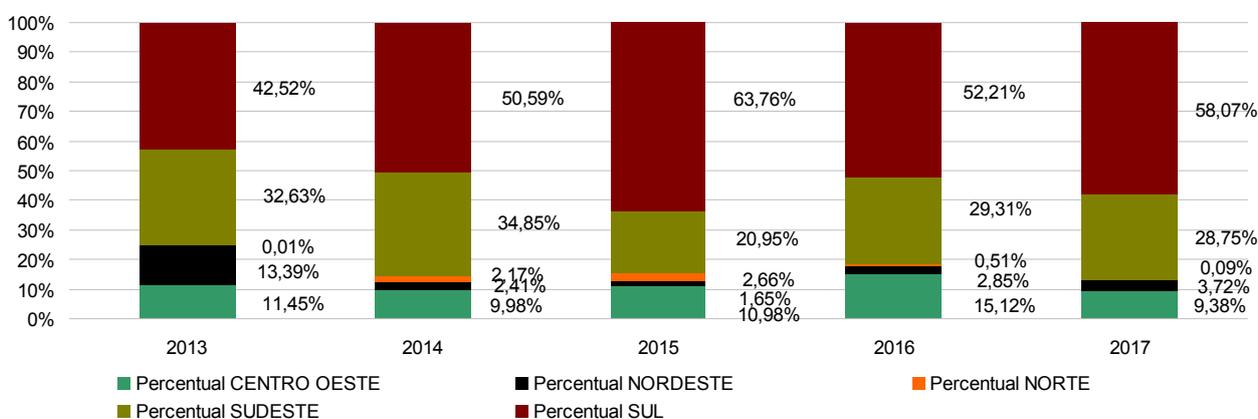


Fonte: Bacen.

As informações constantes do Gráfico 30 são compatíveis com as principais regiões produtoras, especialmente em razão do aumento de área na segunda

safr a de feijão. Há previsão de aumento substancial de produção nos principais estados do Nordeste, em Minas Gerais e no Paraná.

Gráfico 30 – Feijão - Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



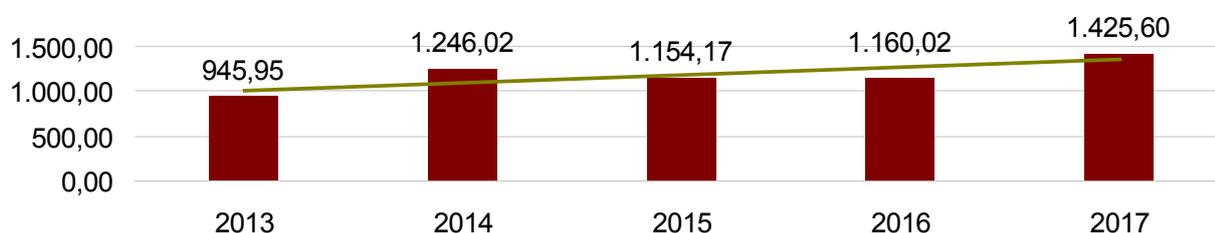
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO MILHO

No Gráfico 31 observa-se que há aumento na utilização do crédito no período analisado de aproximadamente 23% se comparado com o ano de 2016. Essa

situação é compatível com a perspectiva de aumento de produção para a safra atual de aproximadamente 47% em relação à safra 2015/16.

Gráfico 31- Feijão – Financiamento todos programas - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



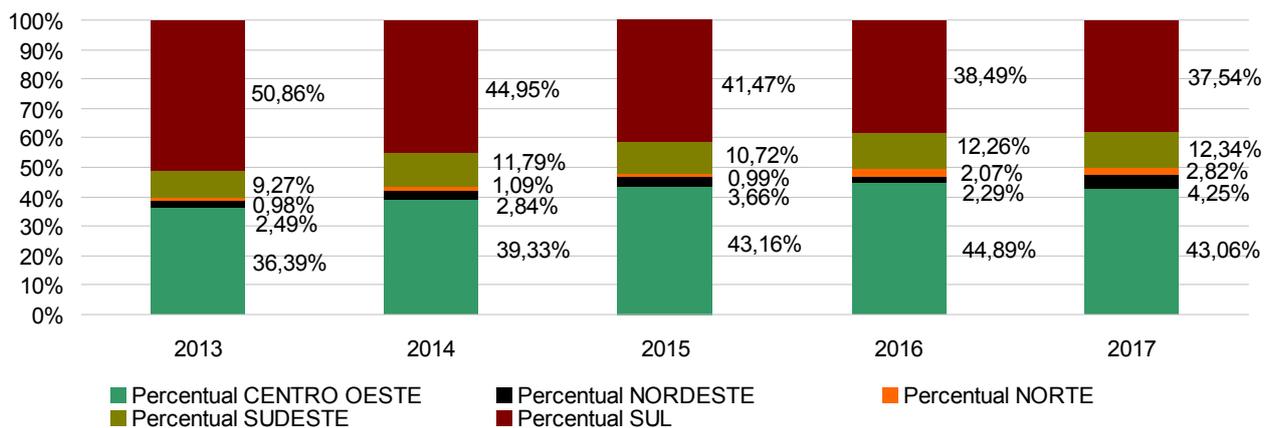
Fonte: Bacen.

No Gráfico 32 pode-se perceber que as Regiões Centro-Oeste e Sul são as que mais utilizam o crédito e são as maiores produtoras. Na Região Nordeste se desta-

ca a perspectiva de produção na Bahia, Maranhão e Piauí. Na Região Norte, em Rondônia e Tocantins têm previsão de aumento de área de plantio.



Gráfico 32 – Milho - Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



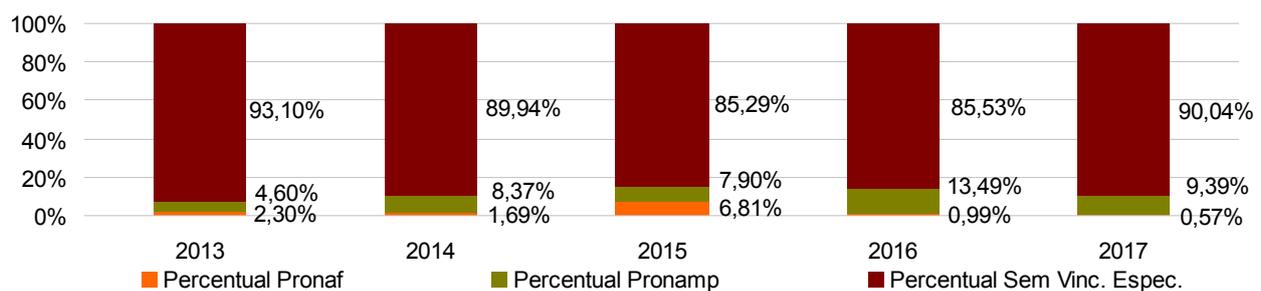
Fonte: Bacen.

6.5. A CULTURA DA SOJA

O Gráfico 33 tem a participação do uso do crédito por tipo de financiamento, com forte concentração no fi-

nanciamento sem vínculo específico. O perfil do produtor de soja pode explicar tal situação.

Gráfico 33 – Soja - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017

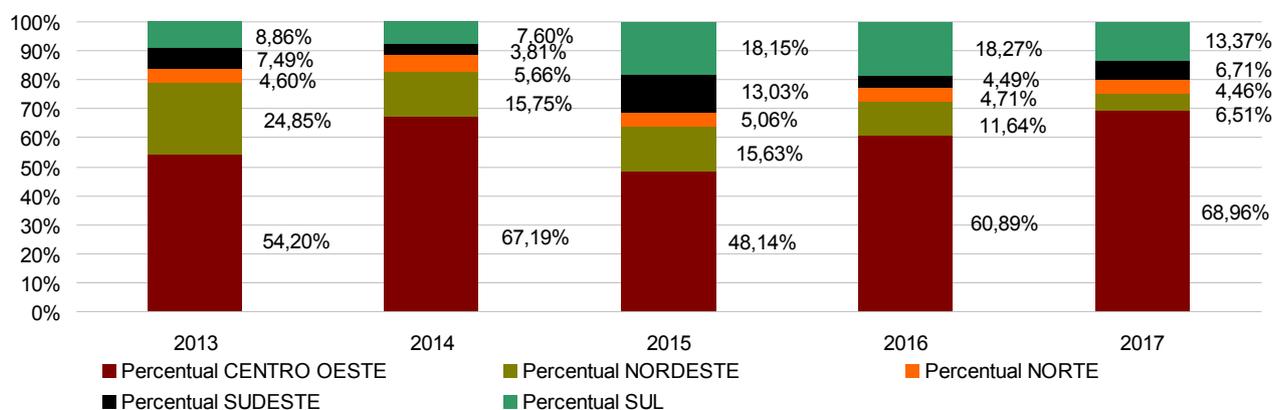


Fonte: Bacen.

O momento é de colheita nas regiões produtoras. O crescimento da produção de soja explica o uso dos re-

ursos destacados no Gráfico 34.

Gráfico 34 – Soja – Participação por região - Janeiro a fevereiro de 2013 a 2017



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

7.1.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO DE 2017

As chuvas durante o mês de março tiveram um acumulado significativo em grande parte do território nacional. Na Região Norte, os totais de chuva, entre 200 e 500 mm, ficaram dentro da normalidade do período, mas com algumas localidades acima da média (Figura 1). De forma semelhante, a quase totalidade das regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, a chuva também variou dentro da faixa normal do período, com volumes entre 120 e 250 mm, com exceção do Estado do Espírito Santo e do nordeste de Minas Gerais, onde os volumes ficaram na faixa entre 50 e 100 mm.

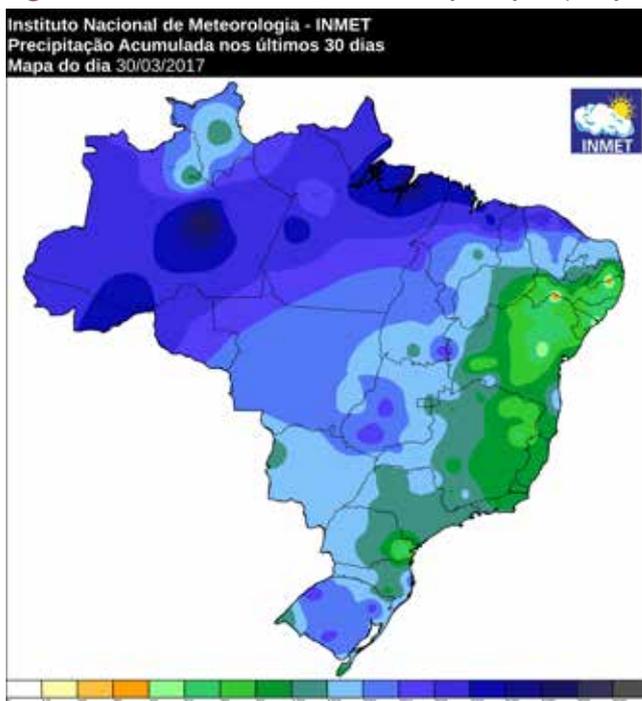
A região do semiárido do Nordeste apresentou fortes contrastes no que se refere ao volume total de precipitação durante o mês de março. Na faixa mais ao norte, englobando parte dos estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, as chuvas foram mais regulares e intensas, com totais entre 150 e 300 mm, atingindo ou ultrapassando a média climatológica em várias localidades. Nos estados de Alagoas, Bahia, Paraíba e Pernambuco, a situação hídrica ainda é extremamente grave, devido ao baixo volume de chuvas em março na maioria das localidades do semiárido desses estados, com totais acumulados abaixo de 50 mm. Em Petrolina, Pernambuco, foram registrados apenas 11 mm – número muito inferior à média de 138 mm.

¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Vale ressaltar que mesmo nas localidades com precipitação dentro da normalidade ou acima da média, com alguns reservatórios de água atingindo a sua capacidade máxima em decorrência dessas chuvas, a situação de seca excepcional não se reverte em sua totalidade, pois a maioria dos reservatórios, especialmente os de maior capacidade volumétrica, continuaram em situação crítica até fim do último mês. Nas

localidades menos favorecidas com as águas de março, a situação é ainda mais grave do ponto de vista de disponibilidade hídrica em decorrência das chuvas, pois o volume acumulado sequer foi suficiente para atingir a capacidade de campo do solo, muito menos elevar o nível dos açudes a um patamar de normalidade.

Figura 1 - Acumulado de 30 dias de precipitação pluviométrica em março de 2017 no Brasil



Fonte: Inmet..

7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS EM MARÇO/2017

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) do mês de março (Figura 2) mostra a dissipação das águas mais frias no Pacífico Equatorial, com predomínio de anomalias entre 0,1 e 0,5°C (área marcada com uma elipse no mapa), caracterizando uma condição de normalidade até o momento. Observa-se uma forte anomalia positiva próxima à costa do Equador e do Peru, contudo, tal anomalia não caracteriza um fenômeno El Niño.

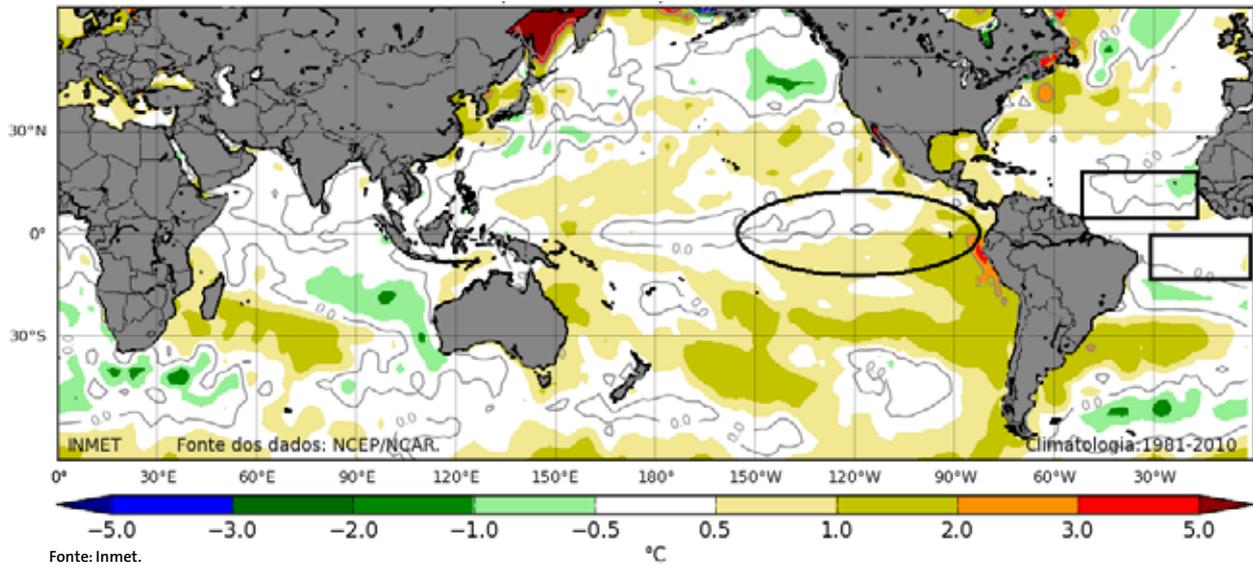
Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a sua condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte do Nordeste, a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), até meados do mês de maio. Quanto mais o Atlântico Tropical

Norte se resfria ao mesmo tempo em que o Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT se aproxima da Região Nordeste, gerando instabilidade na atmosfera e, conseqüentemente, mais chuva. Essa fase do gradiente térmico do Atlântico Tropical é chamada de Dipolo Negativo do Atlântico Tropical.

O mapa de anomalia de TSM mês de março (Figura 2) mostra que os dois lados do Atlântico Tropical apresentam anomalias muito baixas, com uma pequena área positiva ao norte da linha do equador. As previsões do Tokyo Climate Center (TCC) - indicam que há uma leve tendência de intensificação de um dipolo negativo em abril, o que de maneira geral pode favorecer as chuvas no norte da Região Nordeste em abril, dependendo da intensidade desse dipolo.



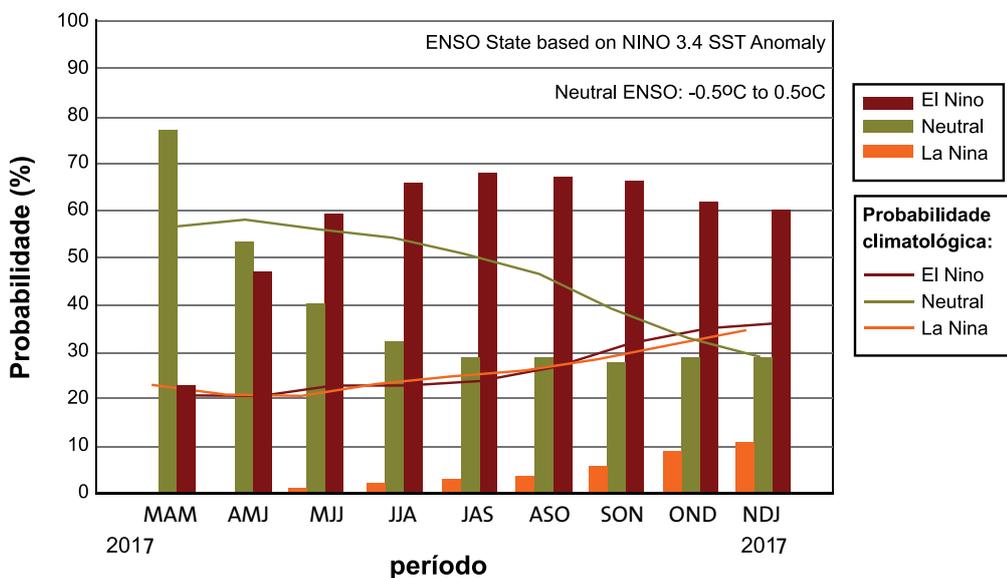
Figura 2 - Mapa de anomalias da temperatura da superfície do mar no período 01 a 26 de março/2017 destacando as áreas de El Niño/La Niña (elipse) e dipolo do Atlântico (retângulos)



Os modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) indicam alta probabilidade de que o Oceano Pacífico Tropical se mantenha em uma fase de neutralidade no primeiro

semestre de 2017 (Gráfico 35). Contudo, a previsão do IRI também indica alta probabilidade de ocorrência de um novo episódio de El Niño, provavelmente de baixa intensidade, durante o segundo semestre de 2017.

Gráfico 35 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI.



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO DE CHUVA PARA O BRASIL – PERÍODO ABRIL-MAIO-JUNHO/2017

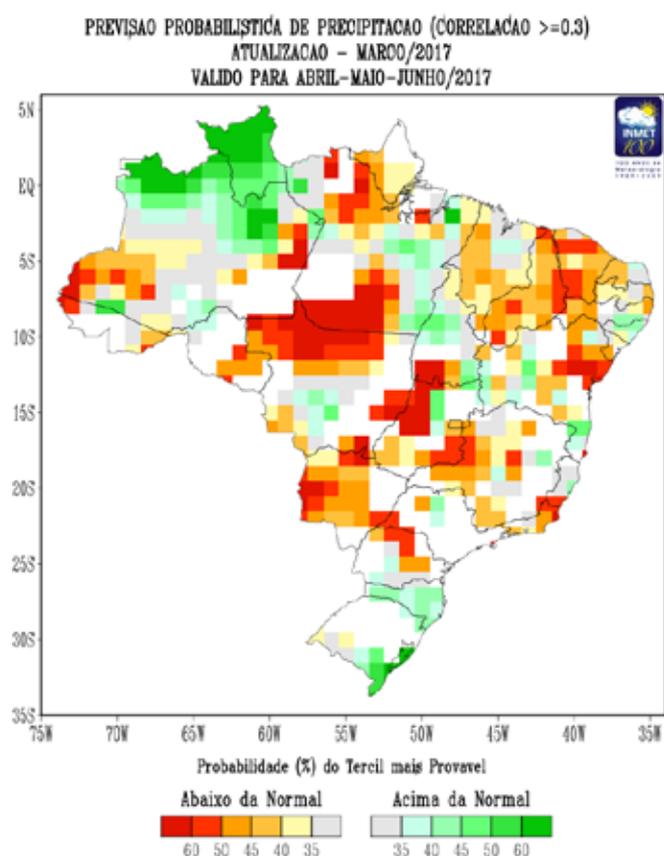
Segundo os modelos de previsão climática, as probabilidades indicam que na Região Sul as chuvas devem ficar dentro da faixa normal ou acima no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e abaixo ou dentro da faixa normal no Paraná.

Nas regiões Centro-oeste e Sudeste, os prognósticos climáticos indicam que devem prevalecer áreas com chuvas dentro da faixa normal ou abaixo.

Na Região Nordeste, a previsão climática indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre, principalmente nas regiões do semiárido (Figura 3).

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do INMET (www.inmet.gov.br).

Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do INMET para o trimestre abril-maio-junho/2017



Fonte: Inmet.





8. MONITORAMENTO AGRÍCOLA: CULTURAS DE VERÃO (PRIMEIRA E SEGUNDA SAFRAS – 2016/17)

O monitoramento agrícola tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite.

Dentre os parâmetros observados, destacam-se os agrometeorológicos: precipitação acumulada, desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e à umidade disponível no solo; e os espectrais: índice de vegetação calculado a partir de imagens de satélite, que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento. Os resultados desse monitoramento são apresentados em tabelas no capítulo referente à análise das culturas, e a classificação por mesorregião é feita da seguinte forma:

- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas ou geadas e baixas temperaturas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos

ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações ou geadas e baixas temperaturas, que podem causar impactos significativos na produção.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos que estavam em produção no último mês.

8.1. MONITORAMENTO AGROMETEOROLÓGICO - MARÇO/2017

Os principais parâmetros agrometeorológicos utilizados no monitoramento agrícola do país foram: a precipitação acumulada (mensal e decendial); a temperatura máxima e a anomalia da temperatura máxima; o deficit e o excedente hídrico; a média diária do armazenamento hídrico e o armazenamento hídrico a cada dez dias do mês.

Em março ocorreram chuvas significativas nos três decêndios do mês em quase todo o Mato Grosso e em partes de Goiás e do Matopiba, o que não chegou a prejudicar a maturação e a colheita da soja e do milho primeira safra, pois as chuvas ocorreram em forma de pancadas. Para o desenvolvimento do milho segunda safra essa condição foi altamente benéfica, pois manteve o armazenamento hídrico do solo em níveis elevados.

Nas demais regiões produtoras do Centro-Sul do país e no oeste da Bahia, houve uma certa variabilidade na distribuição espacial e temporal das chuvas. Na Região Sul e em partes da Região Sudeste e do Mato Grosso do Sul, as precipitações concentraram-se nos dois primeiros decêndios do mês. No entanto, apesar dessa irregularidade resultar em deficits hídricos em algumas áreas, a média diária do armazenamento hídrico do solo foi suficiente para o desenvolvimento das lavouras. Mesmo assim, observa-se nessas regi-

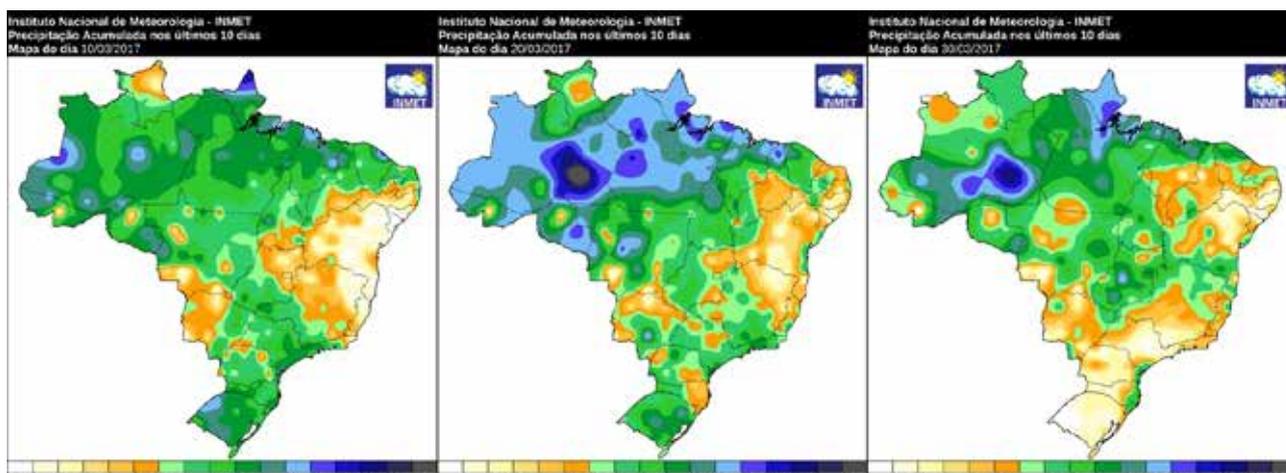
ões uma redução no armazenamento hídrico do solo no final do mês.

Já no leste de Goiás, no noroeste de Minas e no oeste da Bahia, as precipitações concentraram-se mais no terceiro decêndio. No entanto, mesmo com a indicação de deficit hídrico na maior parte dessas regiões, a umidade do solo foi suficiente para a manutenção das lavouras até o retorno das chuvas.

Na região do semiárido, as precipitações foram intensas e bem distribuídas no Maranhão, na maior parte do Piauí e no Ceará. Em partes do Rio Grande do Norte e da Paraíba, as chuvas foram mais reduzidas, mas também favoreceram o plantio, o desenvolvimento e o início da floração do milho e do feijão.

Nas demais regiões produtoras do semiárido as chuvas insuficientes e as temperaturas máximas acima da média resultaram em acentuado deficit hídrico e baixo armazenamento hídrico do solo, principalmente, no centro-norte e centro-sul da Bahia, onde as culturas encontram-se em fases críticas do desenvolvimento, e no sertão de Pernambuco e Alagoas, onde o plantio já devia ter começado. No nordeste de Bahia e em Sergipe, onde as condições de umidade também são críticas, o plantio do milho deve iniciar-se a partir de abril/maio.

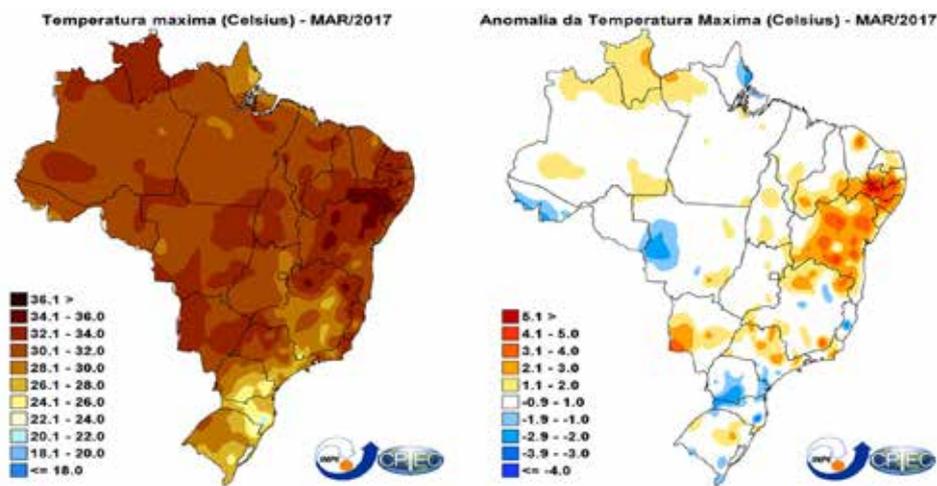
Figura 4 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 30 de março/2017.



Fonte: Inmet/Sisdagro.

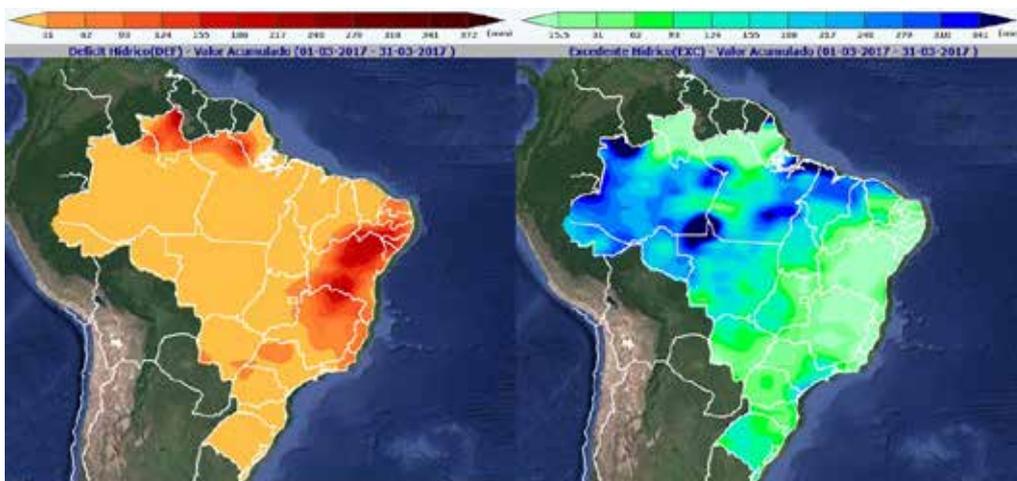


Figura 5 – Precipitação acumulada de 1º a 10, de 11 a 20 e de 21 a 30 de março/2017.



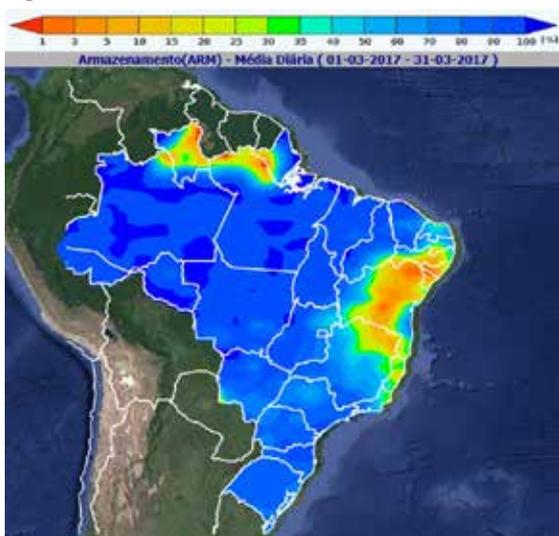
Fonte: Inmet/Sisdagro..

Figura 6 – Deficit e excedente hídrico no período de 1º a 31 de março/2017.



Fonte: Inmet/Sisdagro.

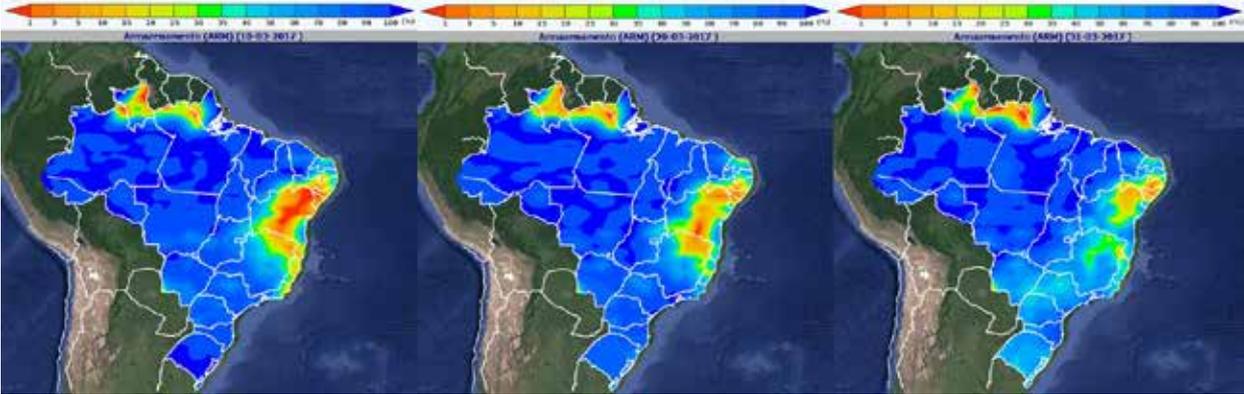
Figura 7 – Média diária do armazenamento hídrico em março/2017.



Fonte: Inmet/Sisdagro.



Figura 8 – Armazenamento hídrico diário dos dias 10, 20 e 31 de março/2017.



Fonte: Inmet/Sisdagro..





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1 CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

O sétimo levantamento da safra brasileira de algodão aponta para uma área plantada de 930,4 mil hectares, 2,6% menor que o ocorrido no exercício passado. A redução foi influenciada pela continuação da conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, que pressionam os preços da pluma, contrapondo-se aos elevados custos de produção da lavoura. A despeito desses números, o bom desenvolvimento do clima, nos principais estados produtores, deverá possibilitar um incremento na produção, estimado neste levantamento em 14,2% em relação à safra passada, atingindo 3.686,1 mil toneladas de algodão em caroço.

A Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, experimentou até o quinto levantamento, expectativa de redução na área quando comparada com o exercício anterior. Nos dois últimos levantamentos ocorreram uma reversão dessa tendência, com um crescimento de 1,4% em relação à safra 2015/16, tendo como suporte o Mato Grosso, principal produtor nacional e responsável por essa alteração estatística regional.

Nesse estado, a semeadura do algodão primeira safra encerrou-se dentro da janela recomendada de cultivo. As regiões produtoras do médio norte, oeste e sudeste apresentam áreas em pleno desenvolvimento reprodutivo, com intensa emissão de botões florais, flores e

com maçãs já formadas. A ocorrência de pragas está dentro da normalidade e controlada, porém, em algumas localidades o excesso de chuva ainda atrapalha a execução dos tratos culturais. A área destinada ao algodão da primeira safra é de 81,5 mil hectares, um decréscimo de 28,9 em relação aos 114,7 mil hectares da safra anterior. O principal motivo da redução é a preferência do produtor em cultivar a soja, realizando o plantio do algodão no segundo período, após a colheita da oleaginosa. Em relação à produtividade, estima-se um rendimento médio de 3.940 kg/ha, ante aos 2.629 kg/ha da safra anterior. Esse ganho deve-se

principalmente às boas condições climáticas registradas, nesta safra.

Com relação à segunda safra, nos últimos anos tem aumentado a semeadura após o cultivo e colheita da soja precoce. Para essa safra, o plantio do algodoeiro foi finalizado na segunda quinzena de fevereiro e no campo verifica-se uma variação nos estádios da cultura, onde parte encontra-se em desenvolvimento vegetativo, enquanto lavouras mais adiantadas já estão em fase reprodutiva (floração/ frutificação).

Figura 9 - Lavoura de algodão segunda safra em Sapezal/MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, a safra passada prejudicada pela forte estiagem, trouxe grandes prejuízos aos produtores. Essa tem sido a justificativa para a forte redução projetada para o plantio da safra 2016/17 (-11,8%). Nesta safra, as principais regiões produtoras encerraram o plantio no final da primeira quinzena de janeiro. Não foram relatados maiores problemas com relação a financiamento e à aquisição de insumos para o plantio. Fim do período de vazio sanitário em novembro, os produtores de algodão da região leste do estado iniciaram a

semeadura na segunda quinzena de novembro e seu término ocorreu em meados de dezembro. Na região leste as lavouras de algodão encontram-se apresentando os primeiros botões florais dando início aos estádios reprodutivos da planta. Neste momento inicia-se as primeiras aplicações de reguladores de crescimento e de adubação de cobertura. As plantas encontram-se vigorosas e não foram relatados maiores problemas com relação a ataques de pragas e doenças na cultura.

Figura 10 - Lavoura de algodão em Chapadão do Sul/GO



Fonte: Conab.



Em Mato Grosso do Sul o levantamento apontou uma forte redução na intenção de plantio em relação à safra anterior (-6,4%). As condições das lavouras no estado seguem com bom desenvolvimento, ajudado pela normalização do clima. O algodão semeado na região nordeste encontra-se em bom estado de desenvolvimento e sanidade. As áreas semeadas na primeira quinzena de dezembro encontram-se na fase reprodutiva, com o início da floração e aparecimento das primeiras maçãs.

Na região de Chapadão do Sul em torno de 30% da área prevista ainda não pode ser semeada em consequência das constantes chuvas ocorridas em janeiro, que dificultou a entrada dos maquinários nas lavouras, não permitindo o plantio dentro da janela prevista, que vai até o dia 20 de janeiro. O algodão semeado a partir de janeiro encontra-se na fase vegetativa e

constatou-se o aparecimento de mosca branca, pois com as chuvas constantes, o controle das ervas daninhas torna-se deficiente e facilita o aparecimento de pragas. Com a colheita da soja em andamento essas pragas tendem a migrar para a cultura do algodão, necessitando assim de monitoramento constante.

Em Costa Rica também houve períodos chuvosos que dificultaram os tratos culturais, ocasionando estande desuniformes e, em algumas áreas, houve necessidade de replantio do algodão. Com relação a pragas e doenças o monitoramento das áreas cultivadas mostra que até o momento o ataque do bicudo é pequeno e as lagartas também estão sendo controladas. Na região central do estado o algodão está mais desenvolvido, predominando a fase de maturação e o ataque de pragas e doenças estão dentro da normalidade.

Figura 11 - Lavoura de algodão em Costa Rica/MS



Fonte: Conab.

Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou redução importante em relação à safra passada em virtude da disposição dos produtores paulistas em não investirem na lavoura neste exercício (6,3%). Em Minas Gerais, principal produtor regional, o plan-

tio está estimado atingir 19,6 mil hectares, sinalizando manutenção em relação à safra anterior. Em face da normalização do clima, projeta-se uma produtividade média de 3.750 kg/ha, superior em 9,6%, comparativamente à safra passada.

Figura 12 - Lavoura de algodão em Leme/SP



Fonte: Conab.



Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, o levantamento indicou forte redução da área (11,9%), quando comparado com a safra anterior. Na Bahia, maior produtor regional e segundo nacional, a lavoura ocupa a área de 202 mil hectares e a colheita deve ser iniciada em junho, com a expectativa de boas produtividades em decorrência da melhor evolução do clima nesta safra. Os números da safra representam redução de 14,1% na área cultivada e aumento de 28,7% na produção de pluma e caroço em relação à safra passada.

Os campos de algodão estão distribuídos no centro-sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, de renovação anual e semi-perene, de plantio direto e convencional. No centro-sul estima-se o cultivo de aproximadamente 10 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com gotejamento. As lavouras de sequeiro sofreram

com a intensidade da estiagem que castiga a região. A produtividade esperada é de 450 kg/ha de algodão em caroço. Nessa região não há vazios sanitários para plantas de algodão em estágio vegetativo (ausência de flores e frutos), havendo cultivos semi-perenes, que reduzem o custo de produção e aumentam a produtividade, visto que a principal dificuldade nessa região é o curto período de chuvas. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 3,5 mil hectares de cultivo irrigado com pivô central, semeados após a colheita da soja. A produtividade esperada é de 4.330 kg/ha de algodão em caroço. No extremo oeste estima-se o cultivo de 188,5 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro estão apresentando ótimo desenvolvimento. As chuvas de fevereiro e março proporcionaram bom desenvolvimento às plantas, trazendo boas expectativas entre os produtores.

Figura 13 - Lavoura de algodão irrigada em Serra do Ramalho/BA



Fonte: Conab.

Figura 14 - Lavoura de algodão sequeiro em Barreiras/BA



Fonte: Conab.

No Maranhão a área do algodão está concentrada na região sul, com um plantio equivalente a 22,2 mil hectares. O plantio já foi concluído como programado e a cultura encontra-se 100% em fase de floração. O mu-

nícipio de Balsas aparece nesta temporada plantando algodão de segunda safra. A área equivale a 3.600 hectares e o plantio já foi finalizado e se encontra no estágio de desenvolvimento vegetativo.



Figura 15 - Lavoura de algodão em Tasso Fragoso/MA



Fonte: Conab.

Figura 16 - Lavoura de algodão sequeiro em Tasso Fragoso/MA



Fonte: Conab.

Figura 17 - Lavoura de algodão sequeiro em Tasso Fragoso/MA

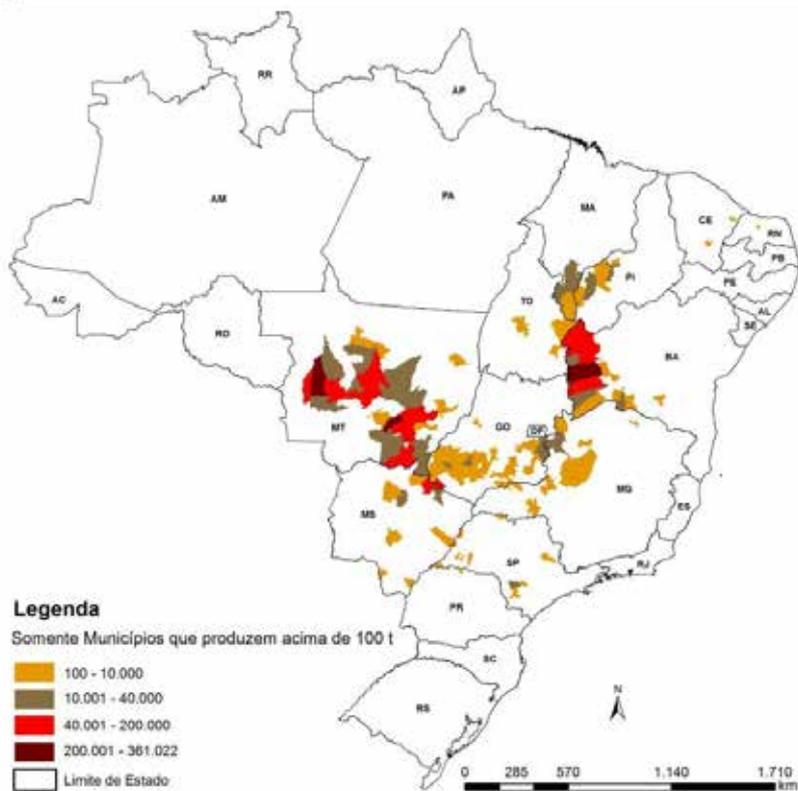


Fonte: Conab.

No Rio Grande do Norte é ínfima a atividade de cultivo de algodão sequeiro. As últimas secas e a insegurança de obter preços remunerativos ofertados pelo mercado fizeram com que os produtores abandonassem essa atividade, optando por outras culturas de subsistência alimentar. Entretanto, nos últimos anos vem

sendo plantado entre 200 e 250 hectares de algodão irrigado no município de Touros, com alta tecnologia. Para este ano, o produtor prevê o cultivo de 250 hectares, com a produtividade estimada em 4.500 kg/ha.

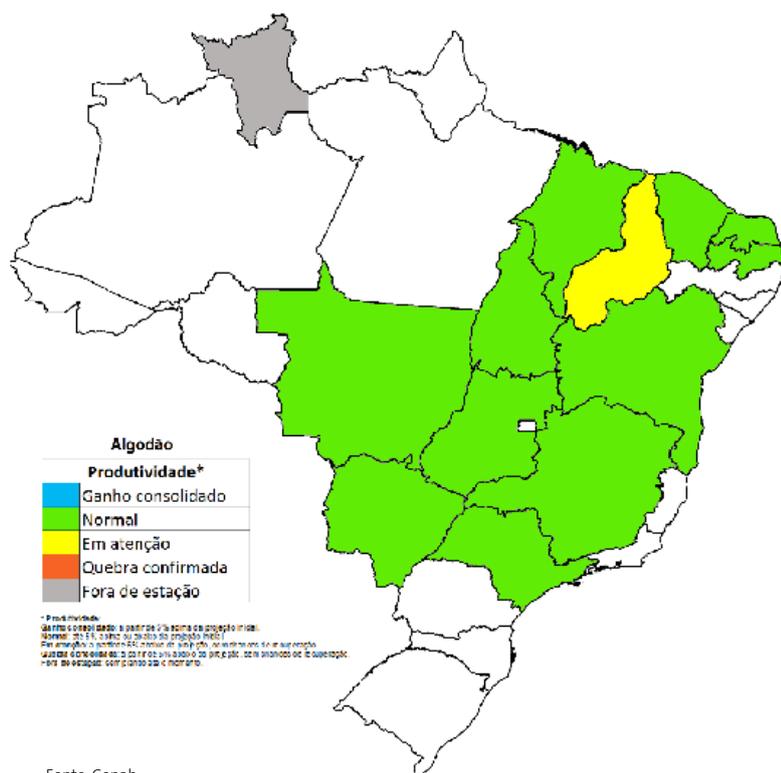
Figura 18 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 19 – Mapa da estimativa de produtividade- Algodão



Fonte: Conab.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Algodão primeira safra

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P	G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	C			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP/P	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR/M	M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	2.787	3.887	39,5	21,7	28,4	30,9
RR	-	2,5	-	-	4.200	-	-	10,5	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	2.787	3.724	33,6	21,7	17,9	(17,5)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	2.703	3.907	44,5	709,0	902,4	27,3
MA	20,9	22,2	6,2	3.949	3.915	(0,9)	82,5	86,9	5,3
PI	5,5	5,6	1,8	1.212	3.166	161,2	6,7	17,7	164,2
CE	0,3	0,4	19,5	534	613	14,8	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	4.300	4.500	4,7	1,3	1,4	7,7
PB	0,1	0,5	400,0	414	691	66,9	-	0,3	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	2.629	3.940	49,9	618,3	795,9	28,7
CENTRO-OESTE	660,4	669,8	1,4	3.653	3.990	9,2	2.412,7	2.672,8	10,8
MT	600,8	615,6	2,5	3.664	3.973	8,4	2.201,3	2.445,8	11,1
MS	29,9	28,0	(6,4)	4.090	4.300	5,1	122,3	120,4	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	3.000	4.069	35,6	89,1	106,6	19,6
SUDESTE	23,8	22,3	(6,3)	3.400	3.698	8,8	80,9	82,5	2,0
MG	19,6	19,6	-	3.420	3.750	9,6	67,0	73,5	9,7
SP	4,2	2,7	(35,7)	3.305	3.323	0,5	13,9	9,0	(35,3)
SUL	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	2.179	-	(100,0)	2,0	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	2.706	3.906	44,4	730,7	930,8	27,4
CENTRO-SUL	685,1	692,1	1,0	3.643	3.981	9,3	2.495,6	2.755,3	10,4
BRASIL	955,2	930,4	(2,6)	3.378	3.962	17,3	3.226,3	3.686,1	14,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 6 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.115	1.555	39,5	8,7	11,4	31,0
RR	-	2,5	-	-	1.680	-	-	4,2	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.115	1.490	33,6	8,7	7,2	(17,2)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	1.081	1.562	44,5	283,6	361,0	27,3
MA	20,9	22,2	6,2	1.580	1.566	(0,9)	33,0	34,8	5,5
PI	5,5	5,6	1,8	485	1.266	161,0	2,7	7,1	163,0
CE	0,3	0,4	19,5	187	215	15,0	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.634	1.710	4,7	0,5	0,5	-
PB	0,1	0,5	400,0	145	242	66,9	-	0,1	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	1.052	1.576	49,8	247,3	318,4	28,8
CENTRO-OESTE	660,4	669,8	1,4	1.460	1.594	9,2	963,9	1.067,9	10,8
MT	600,8	615,6	2,5	1.466	1.589	8,4	880,5	978,3	11,1
MS	29,9	28,0	(6,4)	1.616	1.699	5,1	48,3	47,6	(1,4)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.182	1.603	35,6	35,1	42,0	19,7
SUDESTE	23,8	22,3	(6,3)	1.357	1.477	8,9	32,3	32,9	1,9
MG	19,6	19,6	-	1.368	1.500	9,6	26,8	29,4	9,7
SP	4,2	2,7	(35,7)	1.305	1.313	0,6	5,5	3,5	(36,4)
SUL	0,9	-	(100,0)	778	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	828	-	(100,0)	0,7	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	1.082	1.562	44,4	292,3	372,4	27,4
CENTRO-SUL	685,1	692,1	1,0	1.455	1.591	9,3	996,9	1.100,8	10,4
BRASIL	955,2	930,4	(2,6)	1.350	1.583	17,3	1.289,2	1.473,2	14,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 7 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,8	7,3	(6,4)	1.672	2.332	39,5	13,0	17,0	30,8
RR	-	2,5	-	-	2.520	-	-	6,3	-
TO	7,8	4,8	(38,2)	1.672	2.234	33,6	13,0	10,7	(17,7)
NORDESTE	262,3	231,0	(11,9)	1.622	2.344	44,5	425,4	541,4	27,3
MA	20,9	22,2	6,2	2.369	2.349	(0,8)	49,5	52,1	5,3
PI	5,5	5,6	1,8	727	1.900	161,3	4,0	10,6	165,0
CE	0,3	0,4	19,5	347	398	14,7	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.666	2.790	4,7	0,8	0,9	12,5
PB	0,1	0,5	400,0	269	449	66,9	-	0,2	-
BA	235,2	202,0	(14,1)	1.577	2.364	49,9	371,0	477,5	28,7
CENTRO-OESTE	660,4	669,8	1,4	2.194	2.396	9,2	1.448,8	1.604,9	10,8
MT	600,8	615,6	2,5	2.198	2.384	8,5	1.320,8	1.467,5	11,1
MS	29,9	28,0	(6,4)	2.474	2.602	5,2	74,0	72,8	(1,6)
GO	29,7	26,2	(11,8)	1.818	2.466	35,6	54,0	64,6	19,6
SUDESTE	23,8	22,3	(6,3)	2.043	2.221	8,7	48,6	49,6	2,1
MG	19,6	19,6	-	2.052	2.250	9,6	40,2	44,1	9,7
SP	4,2	2,7	(35,7)	2.000	2.010	0,5	8,4	5,5	(34,5)
SUL	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
PR	0,9	-	(100,0)	1.351	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	270,1	238,3	(11,8)	1.623	2.344	44,4	438,4	558,4	27,4
CENTRO-SUL	685,1	692,1	1,0	2.187	2.390	9,3	1.498,7	1.654,5	10,4
BRASIL	955,2	930,4	(2,6)	2.028	2.379	17,3	1.937,1	2.212,9	14,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.1.1. OFERTA E DEMANDA

Panorama mundial

Segundo o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 28 de março de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma na safra 2016/17 é de 22,78 milhões de toneladas e projeta-se para a safra 2017/18 uma produção de 23,12 milhões de toneladas. Esses resultados significariam um aumento estimado de 8,2% e 9,8%, respectivamente, comparando estas duas safras com a safra 2015/16, que apresentou uma produção de 21,04 milhões de toneladas.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado segundo o comitê deverá ser de 24,1 milhões de

toneladas em 2016/17. Já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 24,42 milhões de toneladas. Estes valores preliminares ainda ficariam abaixo do consumido na safra 2014/15, que foi de 24,44 milhões de toneladas. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão, dentre as fibras sintéticas.

Caso se confirme as previsões expostas acima, a produção mundial total estimada, para a safra 2016/17, será inferior ao consumo mundial em 1,32 milhões de toneladas de algodão.

Panorama nacional

Segundo o levantamento de safra da Conab. A estimativa de produção para a safra 2016/17 é de 1.473,2 mil toneladas, este valor é 14,2% maior que a safra 2015/16. Apesar da expectativa de queda de cerca de 2,6% na área a ser plantada, de 955,2 mil hectares para 930,4 mil hectares, um aumento significativo na produtividade de cerca de 17,3%, que deverá compensar as perdas de área. O clima nas regiões produtoras é bem favorável até o presente momento, o que explica essa melhora na produtividade.

No dia 29 de março aconteceu em Brasília a reunião da câmara setorial do algodão no Mapa. Representantes das regiões produtoras se mostraram otimistas com as condições atuais das lavouras. Em apresentação feita pelo representante da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), mostrou-se que o índice de confiança do empresário industrial cresceu, alcançando o maior nível desde janeiro de 2014.



Tabela 8 – Configuração do quadro de oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO	2011	2012	2013	2014	2015	2016 (1)	2017 (2)
O F E R T A	2.180,0	2.418,5	1.798,2	2.070,5	2.003,3	1.665,2	1.729,4
Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2
Produção	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.473,20
- Centro/Sul	1.262,4	1.343,2	905,1	1.192,0	1.061,6	996,9	1.100,8
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	292,3	372,4
Importações	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	27,0	55,0
D E M A N D A	1.658,3	1.948,0	1.493,1	1.632,1	1.654,3	1.464,0	1.330,0
Consumo Interno	900,0	895,2	920,2	883,5	820,0	660,0	700,0
Exportações	758,3	1.052,8	572,9	748,6	834,3	804,0	630,0
Estoque Final	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0	201,2	399,4
Meses de Uso	3,8	2,9	2,5	3,2	2,5	1,6	3,6

Legenda: (1) preliminar (2) estimativa.

Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sinditextil-Abit/Anea/Cooperativas/Icac.

9.1.2. AMENDOIM

Para o amendoim primeira safra está estimado, nesta temporada, um incremento de área de 4,3% e produção de 7,2% em relação à safra anterior, 2015/16. Aumento na produtividade alcançando 3.625 kg/ha, 2,8% a mais que na safra passada.

Em São Paulo, o melhoramento genético de variedades rasteiras, que garantem maior produtividade das lavouras do grão, é um dos motivos para o salto na produtividade/produção do amendoim paulista. Em São Paulo, destacam-se as regiões da Alta Mogiana

(Ribeirão Preto, Dumont, Jaboticabal e Sertãozinho) e Alta Paulista (Tupã e Marília). Grande parte da produção (80% é destinada aos países europeus), enquanto que o restante é consumido internamente pelas fábricas de doces. Este sétimo levantamento sinaliza com crescimento na área plantada de 3,9%, bem como ganho de produtividade de 3,5%, fruto de bons tratos culturais e excelente clima durante o desenvolvimento dessa cultura. Aumento na produção, de 392,3 mil toneladas, 7,5% maior que a safra anterior que foi de 364,8 mil toneladas.

Figura 20 - Colheita amendoim em Dumont/SP



Fonte: Conab.

No Paraná, a colheita está avançada nas regiões produtoras do estado, tendo atingido 50% da área plantada, que foi de 1,9 mil hectares, devendo finalizar em abril. A cultura não possui expressão econômica no estado, sendo, em sua maioria, produzida para subsistência. O rendimento de 2.591 kg/ha está dentro da normalidade. As lavouras encontram-se em boas condições vegetativas e a maior parte da área – 97% –

encontra-se em maturação.

Em Minas Gerais, o cultivo de amendoim deve totalizar 2,6 mil hectares, representando um aumento de 30% relativamente à safra passada, quando foram plantados 2 mil hectares. O aumento ocorreu, notadamente, nas áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, que responde por

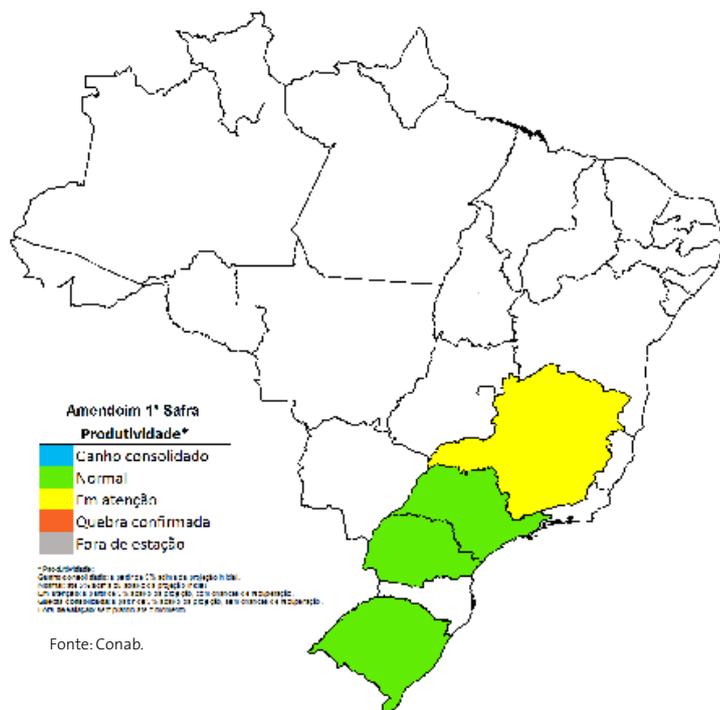


85% da área de cultivo e por 95% do volume de produção do estado. O plantio foi realizado entre início de novembro e meados de dezembro, seja nas áreas altamente tecnificadas do Triângulo, cuja produção é voltada para a exportação, seja nas áreas de agricultura familiar das regiões Norte, Rio Doce, Jequitinhonha/Mucuri e Central, usualmente conduzidas com baixo nível tecnológico. As lavouras se encontram nas fases de frutificação e maturação, em igual proporção, estando a colheita prevista para iniciar-se a partir

de meados de março, com duração aproximada de 50 a 60 dias. Já o rendimento que não deve ultrapassar 3.000 kg/ha nas áreas mais produtivas, o que representa, em relação à safra anterior, uma redução em torno de 21,1%, justificado pela baixa tecnologia verificada nas novas áreas identificadas no presente levantamento. Entretanto, em virtude do aumento das áreas cultivadas, a produção estadual somaria 7,8 mil toneladas, o que representaria um aumento de 2,6% relativamente à safra 2015/16.

9.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Figura 21 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim primeira safra.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

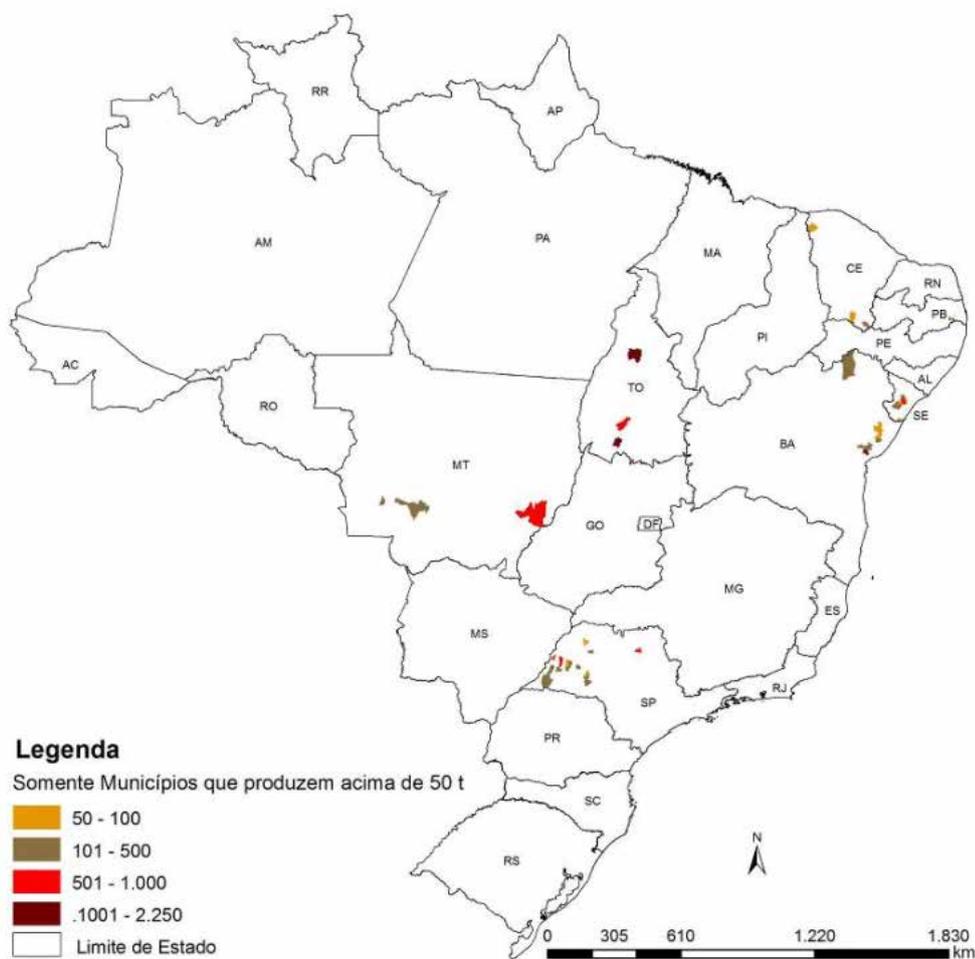
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	105,1	109,7	4,4	3.543	3.647	2,9	372,4	400,1	7,4
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	103,1	107,1	3,9	3.538	3.663	3,5	364,8	392,3	7,5
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
CENTRO-SUL	110,3	115,0	4,3	3.524	3.625	2,8	388,8	416,8	7,2
BRASIL	110,3	115,0	4,3	3.524	3.625	2,8	388,8	416,8	7,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

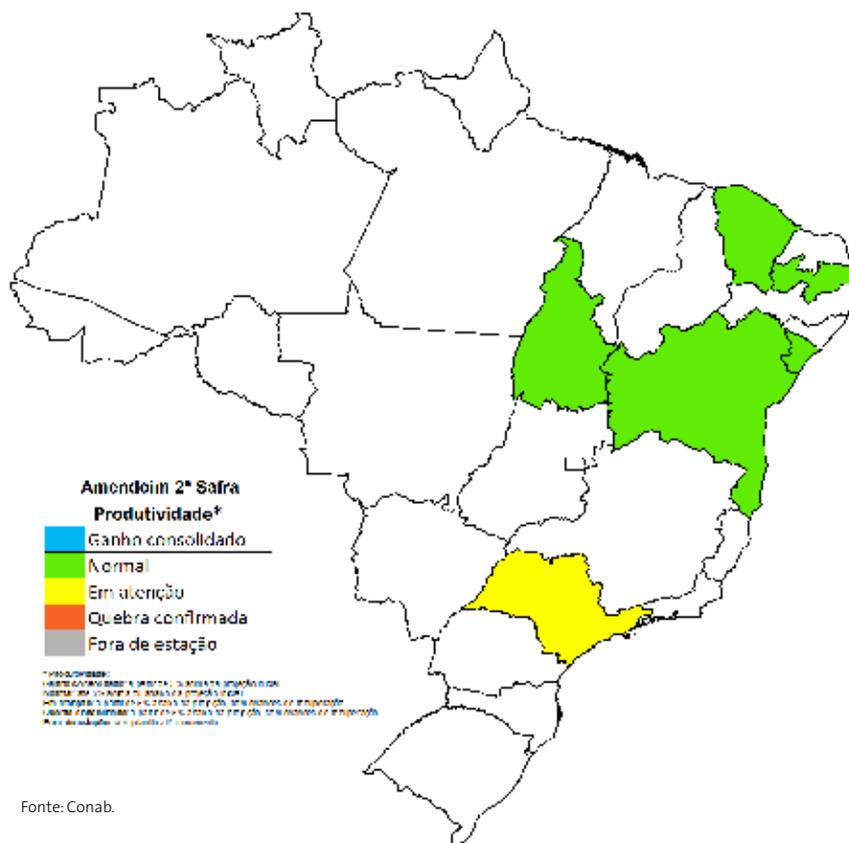
Figura 22 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 23 - Mapa da estimativa de produtividade - Amendoim segunda safra.



Fonte: Conab.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
AL	Agreste Alagoano	C								PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
SE	Agreste Sergipano	C								PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C								PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C								PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M	C		
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M	C		
	Marília						P	DV	F	FR	M	C		
	Assis						P	DV	F	FR	M	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio; (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

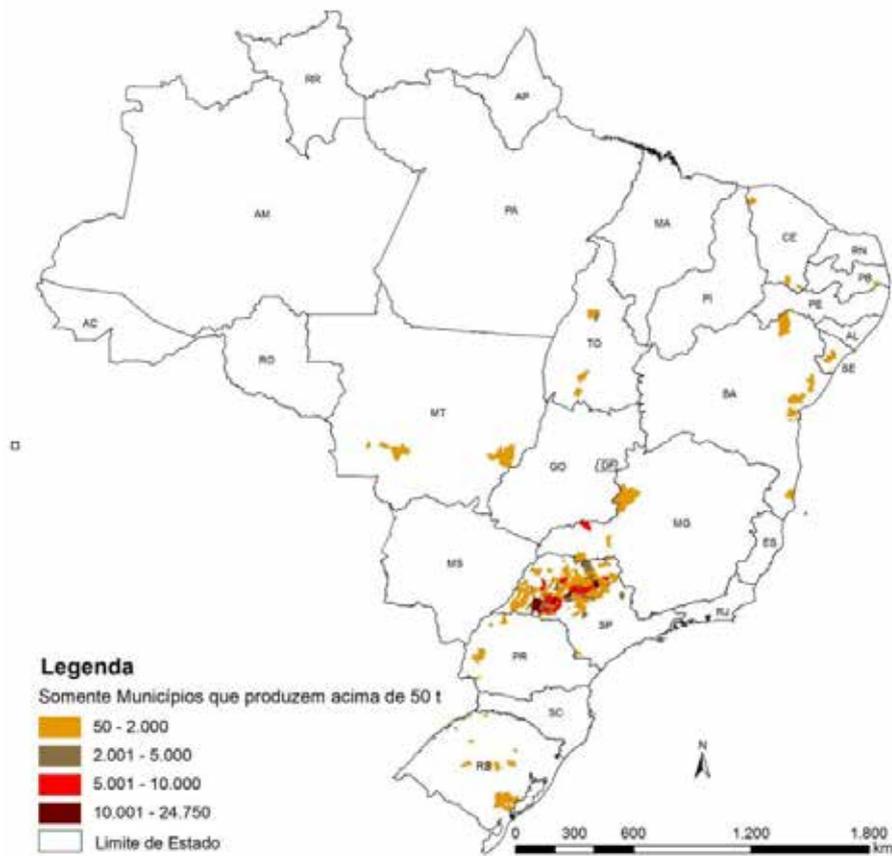
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.667	110,7	1,2	1,1	(8,3)
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.667	110,7	1,2	1,1	(8,3)
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.120	13,3	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	(13,3)	368	854	132,1	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	100,0
SUDESTE	5,1	4,8	(5,9)	2.490	2.445	(1,8)	12,7	11,7	(7,9)
SP	5,1	4,8	(6,3)	2.490	2.445	(1,8)	12,7	11,7	(7,9)
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.333	19,3	4,5	4,9	8,9
CENTRO-SUL	5,2	4,8	(7,7)	2.469	2.445	(1,0)	12,8	11,7	(8,6)
BRASIL	9,3	8,4	(9,7)	1.873	1.968	5,1	17,3	16,6	(4,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 24 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.667	110,7	1,2	1,1	(8,3)
TO	0,7	0,3	(57,1)	1.740	3.667	110,7	1,2	1,1	(8,3)
NORDESTE	3,4	3,3	(2,9)	989	1.120	13,3	3,3	3,8	15,2
CE	0,3	0,3	-	368	854	132,1	0,1	0,3	200,0
PB	0,5	0,4	(20,0)	433	635	46,7	0,2	0,3	50,0
SE	1,1	1,1	-	1.393	1.613	15,8	1,5	1,8	20,0
BA	1,5	1,5	-	1.003	942	(6,1)	1,5	1,4	(6,7)
CENTRO-OESTE	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
MT	0,1	-	(100,0)	1.403	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
SUDESTE	110,2	114,5	3,9	3.494	3.597	2,9	385,1	411,8	6,9
MG	2,0	2,6	30,0	3.800	3.000	(21,1)	7,6	7,8	2,6
SP	108,2	111,9	3,4	3.489	3.611	3,5	377,5	404,0	7,0
SUL	5,2	5,3	1,9	3.149	3.156	0,2	16,4	16,7	1,8
PR	1,8	1,9	5,6	2.674	2.591	(3,1)	4,8	4,9	2,1
RS	3,4	3,4	-	3.400	3.471	2,1	11,6	11,8	1,7
NORTE/NORDESTE	4,1	3,6	(12,2)	1.117	1.333	19,3	4,5	4,9	8,9
CENTRO-SUL	115,5	119,8	3,7	3.477	3.577	2,9	401,6	428,5	6,7
BRASIL	119,6	123,4	3,2	3.396	3.512	3,4	406,1	433,4	6,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.3. ARROZ

O sétimo levantamento de arroz, na safra 2016/17, aponta redução na área plantada de 2,7% em relação à safra passada, principalmente devido à redução das áreas no sistema de sequeiro. Em contrapartida, observa-se o aumento do plantio em área irrigada, o que ajuda a explicar uma estimativa de aumento de produtividade em 15,8%. A produção deve chegar a 11.948,0 mil toneladas, um aumento de 12,7% em relação à safra passada.

A Região Sul, responsável por cerca de 81,7% da produção nacional, deve ter 1,9% de incremento de área em relação ao exercício anterior. O cultivo do arroz é irrigado em quase sua totalidade e apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. No Rio Grande do Sul a cultura teve desenvolvimento satisfatório durante todo o ciclo, consequência da boa resposta dos fatores de produção, e vem apresentando resultados acima dos inicialmente esperados. As operações de colheita estão em andamento e mantidas as previsões de clima favorável deverá alcançar produtividade média em torno de 7.668 kg/ha.

Em Santa Catarina a colheita do arroz já atinge patamares de 75% da área plantada, devendo a safra se estender até meados de abril na região sul do estado. Na região norte a colheita praticamente se encerrou, e observa-se um bom desenvolvimento das lavouras de soca, ou rebrota, prática comum nessa região. A

produtividade média no estado, até o momento, está em torno de 7.452 kg/ha, aumento de 4,4% em relação à safra passada. Essa alta de produtividade é consequência, principalmente, do clima favorável ao longo de praticamente todo o ciclo da cultura, aliado ao uso de cultivares com alto potencial produtivo e da boa sanidade das lavouras. Nesta safra, a brusone – principal doença da cultura – teve pouca expressividade; alguns produtores registraram ocorrências de mancha parda e também ataques de percevejo no final do ciclo, entretanto, esses problemas não causaram maiores efeitos sobre as produtividades das lavouras. Além disso, a qualidade do grão, principalmente no sul do estado, está muito boa, com bom rendimento na indústria.

A Região Norte, segunda maior produtora nacional, teve uma redução de 2,3% na sua área plantada em relação à temporada passada.

Em Tocantins o plantio da safra de sequeiro tem a finalidade de abertura de área para o cultivo da soja e também é realizada por agricultores familiares para o próprio consumo. Nesta safra observa-se uma diminuição de 28,3% das áreas para cultivo em sequeiro em relação à safra passada. Essa tendência de queda da área para este segmento é influenciada pela opção dos produtores por cultura com melhores expectativas de mercado, como o milho e a soja, bem como pela



diminuição de abertura de área. As lavouras plantadas no início do período chuvoso já começaram a ser colhidas, enquanto as áreas cultivadas predominantemente para abertura de áreas estão, predominantemente, em fase de floração e início de frutificação. Com o clima mais regular nesta safra, a expectativa é de uma produtividade média de 32,1% maior que na anterior. Com relação ao plantio irrigado houve um incremento de 8% na área cultivada e aumento de 12,5% na produtividade, com isso, espera-se um crescimento de produção em 21,6%. A cultura já se encontra em estágio avançado do seu ciclo e do total da área cultivada nesta safra, aproximadamente 53% já foi colhido e 41% encontra-se em fase de maturação. Apesar do registro de ocorrência de Brusone em janeiro, a expectativa é de que não haja redução significativa na produtividade, graças também ao bom comportamento do clima em fevereiro e março.

Em Rondônia, aproximadamente 40% da área estimada já foi colhida. A produtividade é relativamente menor em relação às safras anteriores, avaliada em 2.826 kg/ha. Apesar das lavouras em andamento se mostrarem em estado adequado e o arroz colhido apresentando-se com bons grãos, a ocorrência de Brusone e o manejo inadequado do solo deverá impactar a produtividade da cultura e só não afetou mais a produtividade porque os produtores tentaram contornar esses problemas durante a safra. Além disso, algumas poucas lavouras estão sofrendo com as chuvas na hora da colheita.

No Pará é estimada uma redução de área plantada em torno de 6,6% e uma produção 5,1% menor que à safra anterior. Entretanto, a área de cultivo de arroz irrigado vem aumentando e deverá elevar o rendimento em 1,7% em relação à safra passada.

No Centro-Oeste, terceira maior região produtora, predomina o cultivo em sequeiro. No entanto, a expectativa é que a área em sequeiro tenha uma redução de 17,3%, enquanto a área sob cultivo irrigado seja 81,3% maior em relação à safra passada.

Em Mato Grosso a área estimada é de 137,1 mil hectares, uma redução de 10,1% em relação à safra passada. Essa redução se dá principalmente nas áreas de arroz de sequeiro, enquanto as áreas de cultivo irrigado estão sob expansão. O arroz irrigado é plantado na segunda safra em áreas de pivô, que antes foram ocupadas por lavouras de soja de ciclo precoce. A sucessão com o arrozal deve-se aos bons preços no mercado, além da rotação de cultura com a oleaginosa. Destacamos que, até o momento, não houve a necessidade de uso dos pivôs, tendo em vista as condições climáticas favoráveis. As lavouras estão em diferentes estádios e algumas áreas já começaram a ser colhidas. As boas condições climáticas deverão refletir em melhor produtividade, cuja média é estimada em 3.211 kg/ha, rendimento 11,7% superior aos observados na safra 2015/16. Com isso, espera-se uma produção de 440,3 mil toneladas.

Figura 25 - Lavoura de arroz em Nova Ubitatã/MT



Fonte: Conab.

No Mato Grosso do Sul a cultura do arroz encontra-se com aproximadamente 85% da área colhida, visto que alguns municípios apresentam variedades tardias, prorrogando um pouco a colheita. As condições climáticas estão se mantendo dentro do ideal para a cultura. Atualmente há o monitoramento constante de pragas e doenças, apresentando perdas em algumas áreas infestadas por plantas invasoras, principalmen-

te o arroz vermelho, o qual apresenta competitividade por água e nutrientes, resultando em perda de produtividade nestas áreas. Permanecendo esta tendência, espera-se ao fim da colheita uma produtividade de 6.000 kg/ha, mantendo o bom histórico de rendimento no estado e aumentando a produção em 36,8% em relação à safra anterior.



Em Goiás a cultura de arroz de terras altas ou de sequeiro encontra-se sob forte declínio, sendo cultivada em pequenas e isoladas áreas, com baixa aplicação de tecnologia e apenas para subsistência. Existe um programa executado pelo governo estadual que doa sementes e demais insumos agrícolas para os agricultores familiares e a maior parte do arroz de sequeiro é realizado através deste programa. O arroz de sequeiro é produzido numa área de 14,9 mil hectares, cerca de 42,7% menor do que na última safra. Já a produção de arroz irrigado é feita em uma área de 7,5 mil hectares, com um rendimento de 6.300 kg/ha.

Na Região Nordeste a cultura é realizada nos dois sistemas, sequeiro e irrigado. A cultura tem tido declínio nas áreas de sequeiro e nesse levantamento também indica para uma redução da área irrigada, resultado da opção do produtor por culturas mais rentáveis. A expectativa detectada neste levantamento é de redução na área em 18,5% e uma produção 0,9% maior, comparada ao exercício anterior.

Em relação à safra 2015/16, o Maranhão deverá apresentar redução de 21,4% na área plantada. Essa diminuição é observada a cada nova safra, principalmente nas áreas de arroz em sistema de sequeiro, mas nesse levantamento detectou-se que as áreas irrigadas também devem sofrer uma redução em relação à última safra. A produtividade deve chegar a 1.535 kg/ha, 3,8% maior em relação à safra passada devido às condições meteorológicas favoráveis para a cultura, diferentemente do ocorrido na safra anterior.

O Piauí deve chegar à produção de 105,5 mil toneladas de arroz, cerca de 76% maior em relação à safra passada, que foi severamente castigada pelo regime climático. O plantio do arroz irrigado iniciou-se em janeiro e sua produtividade esperada é de 4.325 kg/ha. Já para o arroz de sequeiro a produtividade gira em torno de 1.384 kg/ha. As lavouras estão em boas condições, predominantemente nas fases de desenvolvimento vegetativo (50%) e floração (50%), já apresentando os primeiros cachos. A incidência de pragas tem sido baixa, não apresentando dificuldade no controle.

Na Bahia o cultivo de arroz ocupa a área de 8,1 mil hectares em sequeiro. O plantio está finalizado e espera-se o rendimento de 900 kg/ha. A colheita deve ser realizada em maio, com a expectativa de produção em torno de 7,3 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 3,8% na área cultivada e aumento de 82,5% na produção em relação à

safra passada.

No Rio Grande do Norte Mais de 80% do arroz cultivado no Rio Grande do Norte são da variedade vermelha. A área total de arroz que será plantada na presente safra deverá atingir 1.135 hectares. Trata-se de uma atividade de subsistência, 80% do arroz são consumidos na própria região. O excedente da produção é comercializado em outros centros consumidores e serve para atender aos programas governamentais, com destaque para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Há décadas, o produto vem sendo cultivado no Vale do Apodi/RN, tornando-se uma das principais culturas porque oferece rentabilidade para o produtor rural e por se tratar de um importante suporte econômico e social para a Região. A maior parte do processo de cultivo é feito por meio de irrigação via inundação. Em menor escala, também é plantado em áreas de várzeas úmidas sem irrigação. A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, com uso de mão de obra familiar. As principais áreas cultivadas com arroz se concentram nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na região do Vale do Apodi. A área plantada na safra 2016/17 terá um incremento de 10% em relação à safra anterior e 20,7% na produção.

A cultura tem pouca expressão na Região Sudeste. A área plantada deve ser inferior em 6,4% ao se comparar com a safra passada. São Paulo, maior produtor regional, deverá apresentar uma redução de 3% em relação à área plantada da última safra. A produção deverá ser 0,5% maior que na última safra e se concentra nas regiões do Vale do Paraíba (Pindamonhangaba e Guaratinguetá), sob irrigação. Devido às dificuldades enfrentadas, o produtor paulista tem migrado para culturas mais rentáveis (soja/milho), na expectativa de ganhos maiores.

Em Minas Gerais a área de plantio de arroz é estimada em 6 mil hectares, apresentando uma pequena redução de 7,7% em comparação ao observado na safra passada. A menor competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como soja e milho, explicam essa pequena área cultivada de arroz. As lavouras encontram-se predominantemente em fase de frutificação e maturação. A expectativa é para uma produtividade de 2.520 kg/ha, 9,3% maior que na última safra.



Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Arroz

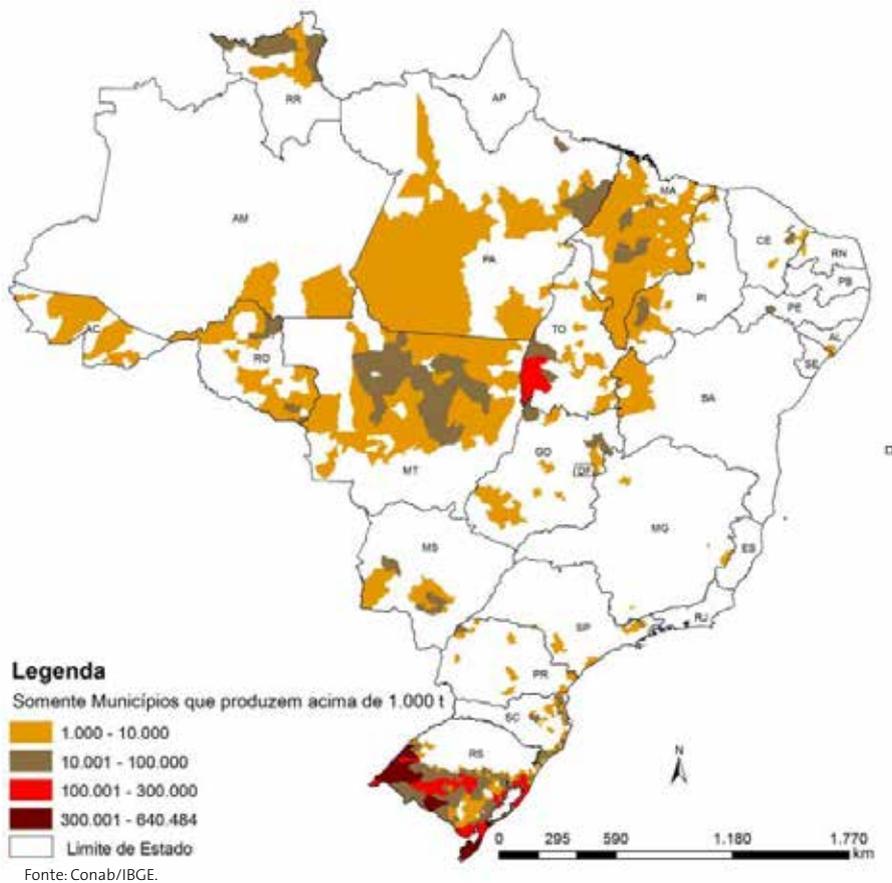
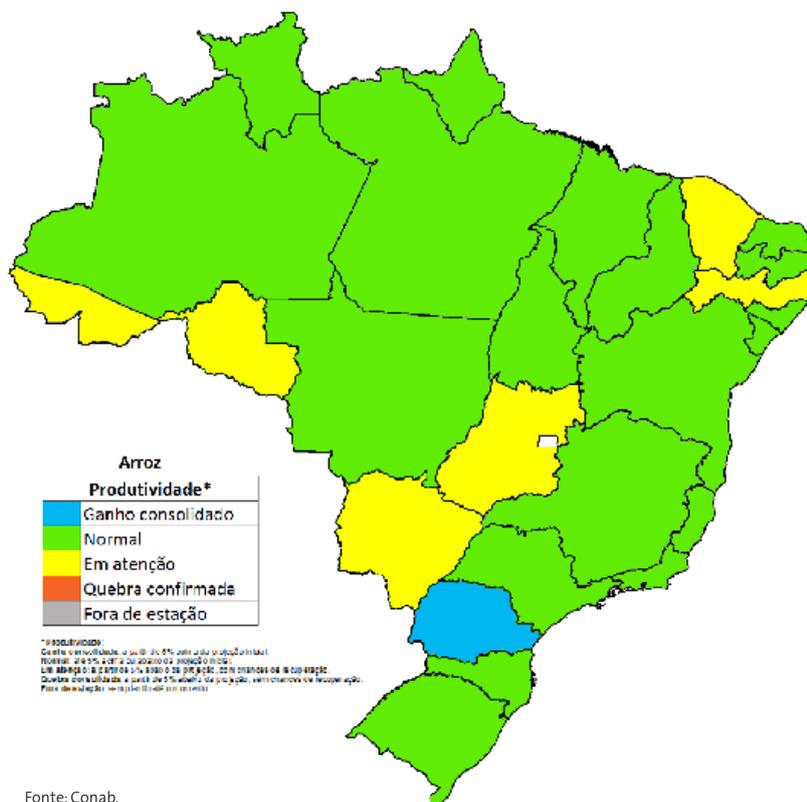


Figura 27 – Mapa da estimativa de produtividade - Arroz



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense		PP	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 12 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	154,8	137,3	(11,3)	2.432	2.399	(1,4)	376,5	329,3	(12,5)
RO	42,6	40,6	(4,8)	3.423	2.826	(17,4)	145,8	114,7	(21,3)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	11,0	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	68,0	63,0	(7,4)	2.413	2.410	(0,1)	164,1	151,8	(7,5)
TO	35,7	25,6	(28,3)	1.509	1.993	32,1	53,9	51,0	(5,4)
NORDESTE	266,2	214,3	(19,5)	1.141	1.431	25,5	303,6	306,7	1,0
MA	179,7	141,2	(21,4)	1.456	1.500	3,0	261,6	211,8	(19,0)
PI	73,2	60,0	(18,1)	476	1.384	190,8	34,8	83,0	138,5
CE	4,7	4,1	(12,4)	648	928	43,2	3,0	3,8	26,7
PB	0,8	0,9	12,5	197	872	342,6	0,2	0,8	300,0
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	176,5	146,0	(17,3)	3.014	3.111	3,2	532,0	454,3	(14,6)
MT	150,5	131,1	(12,9)	2.861	3.192	11,6	430,6	418,5	(2,8)
GO	26,0	14,9	(42,7)	3.900	2.400	(38,5)	101,4	35,8	(64,7)
SUDESTE	3,3	2,7	(18,2)	2.221	2.496	12,4	7,3	6,8	(6,8)
MG	1,0	0,7	(30,0)	800	850	6,3	0,8	0,6	(25,0)
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,5)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	1,6	1,6	-	3.027	2.996	(1,0)	4,8	4,8	-
SUL	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.984	3,3	13,2	10,7	(18,9)
PR	6,9	5,4	(21,7)	1.920	1.984	3,3	13,2	10,7	(18,9)
NORTE/NORDESTE	421,0	351,6	(16,5)	1.615	1.809	12,0	680,1	636,0	(6,5)
CENTRO-SUL	186,7	154,1	(17,5)	2.960	3.061	3,4	552,5	471,8	(14,6)
BRASIL	607,7	505,7	(16,8)	2.028	2.190	8,0	1.232,6	1.107,8	(10,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 13 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	110,6	121,9	10,2	5.799	6.467	11,5	641,3	788,3	22,9
RR	8,6	11,9	38,9	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
PA	4,9	5,1	4,0	4.000	4.433	10,8	19,6	22,6	15,3
TO	97,1	104,9	8,0	5.781	6.505	12,5	561,3	682,4	21,6
NORDESTE	17,1	16,7	(2,3)	5.260	5.412	2,9	90,1	90,4	0,3
MA	1,8	1,4	(21,1)	3.700	5.020	35,7	6,7	7,0	4,5
PI	5,9	5,2	(11,5)	4.212	4.325	2,7	24,9	22,5	(9,6)
CE	-	0,6	-	-	5.900	-	-	3,5	-
RN	1,0	1,1	10,9	2.931	3.150	7,5	2,9	3,5	20,7
PE	0,3	0,3	-	4.500	4.500	-	1,4	1,4	-
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
CENTRO-OESTE	16,0	29,0	81,3	4.753	5.588	17,6	76,0	162,1	113,3
MT	2,0	6,0	200,0	4.000	3.633	(9,2)	8,0	21,8	172,5
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	-	7,5	-	-	6.300	-	-	47,3	-
SUDESTE	13,9	13,4	(3,6)	3.399	3.568	5,0	47,3	47,8	1,1
MG	5,5	5,3	(3,6)	2.580	2.740	6,2	14,2	14,5	2,1
SP	8,4	8,1	(3,6)	3.935	4.110	4,4	33,1	33,3	0,6
SUL	1.242,7	1.267,8	2,0	6.853	7.692	12,2	8.515,7	9.751,6	14,5
PR	19,3	19,7	2,1	5.533	7.628	37,9	106,8	150,3	40,7
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.725	13,0	7.356,6	8.502,9	15,6
NORTE/NORDESTE	127,7	138,6	8,5	5.727	6.340	10,7	731,4	878,7	20,1
CENTRO-SUL	1.272,6	1.310,2	3,0	6.788	7.603	12,0	8.639,0	9.961,5	15,3
BRASIL	1.400,3	1.448,8	3,5	6.692	7.482	11,8	9.370,4	10.840,2	15,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 14 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	265,4	259,2	(2,3)	3.835	4.312	12,4	1.017,8	1.117,6	9,8
RR	8,6	11,9	38,4	7.023	7.000	(0,3)	60,4	83,3	37,9
RO	42,6	40,6	(4,7)	3.423	2.826	(17,4)	145,8	114,7	(21,3)
AC	5,1	4,3	(15,7)	1.353	1.303	(3,7)	6,9	5,6	(18,8)
AM	1,9	2,1	10,5	2.290	2.084	(9,0)	4,4	4,4	-
AP	1,5	1,7	13,3	918	1.030	12,2	1,4	1,8	28,6
PA	72,9	68,1	(6,6)	2.520	2.562	1,7	183,7	174,4	(5,1)
TO	132,8	130,5	(1,7)	4.633	5.620	21,3	615,2	733,4	19,2
NORDESTE	283,3	231,0	(18,5)	1.389	1.719	23,7	393,7	397,1	0,9
MA	181,5	142,6	(21,4)	1.478	1.535	3,8	268,3	218,8	(18,4)
PI	79,1	65,2	(17,6)	755	1.619	114,5	59,7	105,5	76,7
CE	4,7	4,7	-	648	1.563	141,2	3,0	7,3	143,3
RN	1,0	1,1	10,0	2.931	3.150	7,5	2,9	3,5	20,7
PB	0,8	0,9	12,5	197	872	342,6	0,2	0,8	300,0
PE	0,3	0,3	-	4.500	4.500	-	1,4	1,4	-
AL	3,0	3,0	-	5.720	5.831	1,9	17,2	17,5	1,7
SE	5,1	5,1	-	7.255	6.866	(5,4)	37,0	35,0	(5,4)
BA	7,8	8,1	3,8	510	900	76,5	4,0	7,3	82,5
CENTRO-OESTE	192,5	175,0	(9,1)	3.159	3.522	11,5	608,0	616,4	1,4
MT	152,5	137,1	(10,1)	2.876	3.211	11,7	438,6	440,3	0,4
MS	14,0	15,5	10,7	4.860	6.000	23,5	68,0	93,0	36,8
GO	26,0	22,4	(13,8)	3.900	3.706	(5,0)	101,4	83,1	(18,0)
SUDESTE	17,2	16,1	(6,4)	3.173	3.388	6,8	54,6	54,6	-
MG	6,5	6,0	(7,7)	2.306	2.520	9,3	15,0	15,1	0,7
ES	0,2	0,1	(50,0)	2.480	2.505	1,0	0,5	0,3	(40,0)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.381	3.667	54,0	1,2	1,1	(8,3)
SP	10,0	9,7	(3,0)	3.790	3.926	3,6	37,9	38,1	0,5
SUL	1.249,6	1.273,2	1,9	6.825	7.668	12,3	8.528,9	9.762,3	14,5
PR	26,2	25,1	(4,2)	4.581	6.414	40,0	120,0	161,0	34,2
SC	147,4	147,4	-	7.139	7.452	4,4	1.052,3	1.098,4	4,4
RS	1.076,0	1.100,7	2,3	6.837	7.725	13,0	7.356,6	8.502,9	15,6
NORTE/NORDESTE	548,7	490,2	(10,7)	2.572	3.090	20,1	1.411,5	1.514,7	7,3
CENTRO-SUL	1.459,3	1.464,3	0,3	6.299	7.125	13,1	9.191,5	10.433,3	13,5
BRASIL	2.008,0	1.954,5	(2,7)	5.280	6.113	15,8	10.603,0	11.948,0	12,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.3.1. OFERTA E DEMANDA

No período comercial 2016/17 da balança comercial consolidada, de março de 2016 até fevereiro de 2017, observa-se um déficit saldo de 293,7 mil toneladas, base casca. Esse resultado contrário ao identificado no período 2015/16, no qual acumulou um superávit de 858,8 mil toneladas, é reflexo de menor safra nacional e da valorização do real. Em fevereiro, o Brasil exportou 49,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 95,6 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$624,98/t, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, se mantiveram em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em fevereiro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 41,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 416,75/t de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais. Sobre a Argentina e o Uruguai, nota-se uma expressiva expansão dos volumes importados pelo Brasil em relação ao período 2015/16. Este produto vem sendo direcionado principalmente para São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Pernambuco. Na soma de

todas as compras no mercado internacional em fevereiro de 2017 de 95,6 mil toneladas, o Brasil importou 153% a mais do que o registrado em fevereiro de 2016, no qual o volume foi de 37,8 mil toneladas. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação e exportação de 1.100 mil toneladas, pois espera-se uma recuperação da produção interna. Acerca do consumo, este é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2016/17 deverá ser 12,7% superior em relação à safra 2015/16, atingindo 11,9 milhões toneladas. Essa expansão de produção ocorre em razão da atual boa condição climática nas lavouras e à consequente normalidade da produtividade na cultura, após o forte declínio na última safra influenciado pelas fortes chuvas na Região Sul do país.

Logo, em meio a todas as variáveis expostas, encontra-se um cenário de estoque de passagem ajustado. Cabe ressaltar, todavia, que é esperada uma recomposição do volume perdido ao longo da safra 2015/16, sendo previsto um estoque final de 907,6 mil toneladas para a safra 2016/17..

Tabela 15 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2006/07	2.259,5	11.315,9	1.069,6	14.645,0	12.305,5	313,1	2.026,4
2007/08	2.026,4	12.074,0	589,9	14.690,3	11.866,7	789,9	2.033,7
2008/09	2.033,7	12.602,5	908,0	15.544,2	12.118,3	894,4	2.531,5
2009/10	2.531,5	11.660,9	1.044,8	15.237,2	12.152,5	627,4	2.457,3
2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16 (*)	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.400,0	893,7	459,6
2016/17 (**)	459,6	11.948,0	1.100,0	13.507,6	11.500,0	1.100,0	907,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

O plantio da safra 2016/17 aponta para um crescimento na área plantada estimado em 1.101 mil hectares, o que configura incremento de 12,5% em relação à safra passada, que foi de 978,6 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura está estimada em 1.253 kg/ha, na média nacional, 18,6% acima da obtida

Feijão comum cores

Na Região Sul é esperada incremento na área plantada em 30%, alcançando 124,8 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, estima-se um aumento na produtividade de 6,3%, saindo de 1.792 kg/ha, para 1.905 kg/ha em relação à safra 2015/16. A estimativa de produção é de 237,8 mil toneladas, aumento de 38,3% em relação à safra anterior, que foi de 172 mil toneladas.

No Paraná a colheita da área plantada na primeira safra de feijão cores primeira safra já foi finalizada, com área total de 83,4 mil hectares. O produto já foi 100% comercializado. A produtividade foi de 1.760 kg/ha. Os preços pagos ao produtor, de R\$127,36 a saca, estão abaixo do esperado, pois houve excesso de oferta do grão. A qualidade, no geral, é boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido ao tempo chuvoso na colheita. Atribui-se à boa produtividade principalmente ao clima favorável em todo o ciclo.

Em Santa Catarina o plantio do feijão cores primeira safra é efetuada mais tarde do que o feijão-preto devido ao clima mais ameno das regiões produtoras (Serrano e Meio-Oeste). A colheita desta classe alcança em torno de 60%, haja vista que a cultura é implantada mais tarde em regiões onde a temperatura é mais amena, como a do Planalto Serrano e Meio-Oeste. Além disso, o clima mais regular durante boa parte do desenvolvimento da cultura alongou seu ciclo, resultando em certo atraso na colheita. A qualidade do produto varia devido às condições climáticas incidentes na época da colheita, havendo desde produto de primeira qualidade até classificações inferiores, o que influencia o preço pago. A comercialização está sendo feita quase que imediatamente após a colheita, aproveitando a qualidade inicial (cor do tegumento). A produtividade varia em razão das condições climáticas, devendo haver leve redução, chegando a valores próximos de 2.134 kg/ha.

No Rio Grande do Sul está previsto para esta safra uma manutenção da área cultivada com feijão cores e produtividade semelhante à safra passada. A produção deve ficar em 24 mil toneladas.

na última temporada. Com esses resultados de área e produtividade, a produção nacional é estimada em 1.379,6 mil toneladas, representando acréscimo de 33,4% em relação à safra de 2015/16, que foi de 1.034,3 mil toneladas. As boas condições climáticas favoreceram a cultura.

Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 14,2% da área semeada com a leguminosa. Para o exercício 2016/17 a estimativa é de 225,3 mil hectares, impulsionada pelos preços atrativos. O clima teve comportamento favorável e refletiu no aumento na produtividade de 10,8% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.576 kg/ha para 1.747 kg/ha. A estimativa é de produção de 393,6 mil toneladas.

Em São Paulo o feijão cores teve forte incremento de área na safra 2016/17 (62,2%), devido aos preços bastante atrativos junto ao mercado produtor no momento do plantio. Esses preços chegaram àquele patamar devido a quebras na produção em importantes praças produtoras do país, motivados por fatores climáticos (estiagem e geadas). Houve também um expressivo ganho de produtividade de 9,4% devido a excelentes condições climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da atual safra (2016/17), bem como, a alta tecnificação do setor. As maiores áreas estão localizadas na região sudoeste de São Paulo (Itaí, Itapeva, Taquarituba e Capão Bonito).

Em Minas Gerais a área semeada na safra atual está estimada em 142,4 mil hectares, uma leve redução de 1,4% em detrimento ao cultivo de preto e caupi. Com produtividade média de 1.289 kg/ha, praticamente a mesma do ano anterior, com variação negativa de 2,1%. A produção poderá alcançar 183,6 mil toneladas. Atualmente as lavouras se encontram já totalmente colhidas.

No Espírito Santo a produção esperada do feijão cores é de 1,7 mil toneladas para a safra 2016/17, inferior em 52,8% em relação à safra 2015/16 devido à redução na área plantada em 38% e redução na produtividade em 23,6%. A escassez de chuvas inviabilizou o plantio e impactou no desenvolvimento da cultura.

Na Região Norte-Nordeste o plantio da safra 2016/17 iniciou em janeiro 2017 e só é cultivado na Bahia e em Tocantins. Percebe-se ainda que há uma resistência dos produtores ao plantio do feijão cores, por se tratar de uma cultura que necessita de um período chuvoso



bem definido na fase de desenvolvimento do grão.

Na Bahia a colheita do feijão cores primeira safra deve ser iniciada em abril, com a estimativa de produção em torno de 56,8 mil toneladas. Os números da safra atual representam aumento de 13,3% na área cultivada e aumento de 68,5% na produção em relação à safra passada. No entanto, cerca de 50% da área cultivada está sob alta restrição hídrica devido à escassez de chuva. Os produtores desta região, em sua maioria pequenos produtores, terão produtividades muito baixas. Outros 50% das lavouras estão sob baixa hídrica ou sob irrigação, elevando a produtividade média do estado. Os campos de verão do feijão cores estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigado e sequeiro, com plantio direto e convencional. No centro-norte o cultivo é realizado em manejo de sequeiro com plantio convencional. As lavouras estão em ambiente de alta restrição hídrica. A área cultivada na safra atual sofreu redução em relação à safra passada em virtude das adversidades climáticas. No centro-sul as lavouras de sequeiro cultivadas em campo aberto ou em consórcio com o café estão em ambiente de alta de restrição hídrica. O plantio do feijão foi fomentado pela valorização que sofreu o preço do feijão na safra passada e pelas chuvas ocorridas em novembro. Entretanto, a estiagem em janeiro e fevereiro gerou um quadro de severidade hídrica que limitou o desenvolvimento das plantas de feijão. No Vale do São Francisco o cultivo é em manejo de sequeiro. Em face da intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento estão abaixo do normal para a região. No extremo oeste o cultivo ocorre em manejo de sequeiro e irrigado, com pivô central. Com as chuvas de fevereiro e março, as lavouras obtiveram um bom desenvolvimento, revertendo o quadro pessimista criado no veranico em janeiro. Os campos irrigados foram cultivados após a colheita da soja e estão em estágio de desenvolvimento vegetativo. O cultivo de verão do feijão cores primeira safra ocupa a área de 57 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro, e os plantios irrigados foram realizados em sucessão à lavoura de soja e espera-se rendimento de 997 kg/ha.

Em Tocantins a área plantada constatada neste levantamento teve uma redução de 54,3% da cultura relacionada ao grupo cores, se comparada à safra anterior. A queda da produtividade em relação à safra anterior (20,9%) se deve à redução de plantio de feijão cores nas regiões norte e sul do estado, onde se obtiveram produtividades elevadas na safra 2015/16.

Na Região Centro-Oeste se observa incremento de área (13%), produtividade (3,2%) e produção (16,4%) em relação ao exercício passado, impulsionado pelo

clima favorável à leguminosa e aos preços atrativos.

Em Goiás há incremento de área e produção, estimados em 57,8 mil hectares de área e 138,7 mil toneladas. A produtividade média de 2.400 kg/ha permaneceu a mesma da safra 2015/16. Na região leste do estado as semeaduras do feijão primeira safra se concentraram durante o final de outubro, beneficiadas pelas precipitações regulares e o bom balanço hídrico do solo. Os produtores de feijão demonstram bastante incentivo para o aumento da área plantada para a próxima safra, porém, a forte queda dos preços do feijão cores no mercado, provocada pela retração do consumo, ocorrido nas últimas semanas, deixaram os produtores de feijão bastante preocupados com relação à rentabilidade da cultura. Atualmente foram colhidas 100% do feijão primeira safra na região leste do estado. A estiagem vivenciada durante o último decênio de dezembro e até o fim da primeira quinzena de janeiro ocorreu durante o final da fase de maturação da cultura. Desta feita, a estiagem pouco influenciou na produtividade esperada pelos agricultores, porém, houve relatos de aumento da frequência de grãos com menor calibre, fato que deprecia comercialmente o grão. Não houve relatos de ataque severos de pragas ou doenças que comprometessem a produtividade esperada nesta presente safra. A produtividade verificada alcançou os patamares planejados pelos agricultores, porém os preços de mercado não foram satisfatórios e a comercialização encontra-se desaquecida.

No Distrito Federal a área semeada na primeira safra de feijão, foi praticamente a mesma cultivada na safra anterior. A produtividade média estimada no sexto levantamento de 1.900 kg/ha continua prevalecendo, sendo inferior ao estimado no quinto levantamento, todavia ainda superior em 27,9% ao registrado na safra passada, que foi severamente atacada pelas condições climáticas e ataques da mosca-branca. Os atuais índices de produtividade poderão resultar em uma produção de 20,7 mil toneladas, superior em 27,8% à obtida na safra 2015/16. A colheita foi finalizada, sendo considerado um produto de boa qualidade. O mercado segue estável. O movimento de compradores com demanda foi bom e ajudou no escoamento de boa parte da oferta.

Em Mato Grosso a colheita da lavoura de feijão cores primeira safra 2016/17 foi finalizada na primeira quinzena de fevereiro. A produtividade registrada foi de 1.998 kg/ha, ante aos 1.872 kg/ha na safra passada, aumento de 6,7% no rendimento. A área da cultura ficou em 4,4 mil hectares, aumento de 131,6% em relação aos 1,9 mil hectares cultivados no período 2015/16. A partir disso, registra-se uma produção de 8,8 mil toneladas, volume 144,4% superior às 3,6 mil toneladas da safra passada.



Feijão comum preto

No Brasil é esperada queda de 3,1% na área plantada de feijão-preto, alcançando 174,9 mil hectares. Em face das boas condições climáticas, estima-se um aumento na produtividade de 13,2%, saindo de 1.601 kg/ha, para 1.813 kg/ha. A estimativa de produção é de 317,1 mil toneladas, aumento de 9,7% em relação à safra anterior, que foi de 289,1 mil toneladas.

Na Região Sul, principal região produtora, a estimativa segue a mesma tendência do país. Apesar da queda de área, em detrimento ao plantio de feijão cores, as boas condições climáticas favoreceram a produtividade. Sendo assim, a produção deve alcançar 306,7 mil toneladas, ou seja, cerca de 96% da oferta do feijão-preto do país.

No Paraná a colheita já foi finalizada, com área total de 112,7 mil hectares e produto 100% comercializado. A produtividade foi de 1.907 kg/ha. Os preços pagos ao produtor, de R\$135,37 a saca, foram abaixo do esperado, pois houve muita oferta do grão. No entanto, a desvalorização sentida não foi tão acentuada como no caso do produto cores. A qualidade, no geral, foi boa, com casos pontuais de perda de qualidade devido à colheita em tempo chuvoso.

No Rio Grande do Sul está previsto para esta safra uma retração nas áreas de 5,1% em relação à safra passada, ficando em 31,8 mil hectares. A produção deve ficar em 48 mil toneladas, 19,1% menor que a safra 2015/16. O feijão-preto primeira safra a colheita está praticamente encerrada, restando algumas áreas nos Campos de Cima da Serra em lavouras empresariais que rapidamente colherão o que resta. Nessas localidades as produtividades têm ficado acima de

Feijão caupi

Na primeira safra o feijão caupi é o terceiro tipo mais cultivado no país. Sua produção se concentra no Nordeste, mais particularmente no Piauí e Bahia. A estimativa é de aumento de área (14,6%) e produtividade (118,3%) em face das condições climáticas mais favoráveis nesta safra. Permanecendo o quadro climático, a produção deve ser superior em 149,9%, alcançando 204,2 mil toneladas.

Na Região Nordeste, principal região produtora de feijão caupi, o plantio da safra 2016/17 iniciou-se a partir de novembro. A opção dos produtores de cultivar feijão caupi nas áreas de sequeiro se deve a sua maior resistência ao estresse hídrico e é uma alternativa para evitar os danos causados pelo veranico, que geralmente ocorre. A estimativa é de produção de 185,4 mil toneladas numa área de 419,6 mil hectares.

2.400 kg/ha, contrastando com a maioria das demais regiões do estado, onde os rendimentos são bastante inferiores, decorrente da baixa tecnologia e desinteresse pelo cultivo. Ainda assim, o estado deverá obter um rendimento médio acima de 1.508 kg/ha.

Em Santa Catarina mais de 85% das lavouras foram colhidas. Observa-se, também nesta cultura, um atraso em relação às safras passadas, resultado do plantio tardio em razão do clima mais frio observado na primavera e início do verão de 2016, o que prejudicou algumas lavouras semeadas no início da estação. As produtividades variaram pouco entre este e o último levantamento, havendo queda em algumas regiões e aumento em outras, dependendo do clima, devendo permanecer em torno de 2.200 kg/ha. O produto colhido apresenta boa qualidade, sendo comercializado a valores próximos entre R\$ 120,00/sc a R\$ 140,00/sc. Na Região Sudeste a expectativa é de incremento de 9,3% da área plantada, com a leguminosa para o exercício 2016/17. Aumento na produtividade de 8,3% em relação à safra de 2015/16, saindo de 1.561 kg/ha para 1.690 kg/ha, incremento também na produção de 33%, saindo de 315,8 na safra 2015/16 para 420 mil toneladas para esta safra. O clima se encontra favorável ao plantio.

No Rio de Janeiro o feijão-preto é basicamente plantado por agricultores familiares, para subsistência e pequenas comercializações. A colheita já atingiu 70% da área, o restante das lavouras está em fase de maturação (30%). Está previsto para esta safra um recuo nas áreas de 20% em relação à safra passada, produtividade média de 1.127 kg/ha, 1,8% maior que à safra passada. A produção deve ser de 700 toneladas.

No Piauí, para o feijão primeira safra caupi, a expectativa é de aumento com relação à safra passada na ordem de 7,3%, com área de 227 mil hectares. A expectativa de aumento da produtividade do feijão é de 159% em relação à safra anterior, totalizando 360 kg/ha, o que se explica pelo péssimo regime climático da safra passada e expectativa de normalidade no regime climático da safra atual, espera-se uma produção de 81,7 mil toneladas, 177,9% maior que a safra 2015/16, que foi de 29,4 mil toneladas

Na Bahia o cultivo de verão do feijão caupi primeira safra ocupa a área de 169,9 mil hectares. Os plantios de sequeiro foram realizados em novembro e dezembro e os irrigados no final de fevereiro. Espera-se rendimento de 530 kg/ha. A colheita foi iniciada e há expectativa da produção de 90 mil toneladas. Os nú-



meros da safra atual representam aumento de 22,3% na área cultivada e 173,6% na produção em relação à safra passada. O feijão caupi possui maior adaptação à condição de severidade hídrica e resistência a pragas que o feijão cores e, por isso é mais cultivado no semiárido. Os campos de feijão caupi estão distribuídos pelo centro-norte, centro-sul, Vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional. No centro-norte a área cultivada na safra atual sofreu redução em relação à safra passada devido à estiagem ocorrida em meados de dezembro. A colheita atinge 20% da área. No centro-sul as colheitas foram iniciadas durante março e 20% da área planta esta colhida. Adaptada às condições de estresse hídrico, as plantas de feijão caupi resistem a severidade do clima, no entanto, são contabilizadas quebras de até 30% na produção em relação às expectativas do início da safra. No Vale do São Francisco o cultivo ocorre em manejo de sequeiro e em face da intensa estiagem ocorrida na região,

as previsões iniciais de rendimento foram reduzidas. No extremo oeste o cultivo é realizado no manejo de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro não sofreram com o veranico ocorrido e é possível encontrar campos na fase de maturação. Espera-se que a colheita inicie em meados de abril.

No Maranhão o plantio dessa cultura finalizou em todo o estado. A maior parte das lavouras já foi colhida (53%), 6% encontram-se no estágio de desenvolvimento vegetativo e o restante está em floração e enchimento e maturação de grãos, sendo praticamente 15% em cada uma das fases. A área total plantada é de 22,7 mil hectares, com produtividade média igual a 605 kg/ha, com uma produção de 13,7 mil toneladas. Com as previsões meteorológicas otimistas e expectativa de boa safra, ocorreu redução da área devido aos agricultores diminuírem suas áreas destinadas ao grão seco, acentuando ainda mais a colheita e comercialização de feijão-verde, sobretudo, em vagens.

Figura 28 – Feijão macaçar em frutificação no Piauí



Fonte: Conab

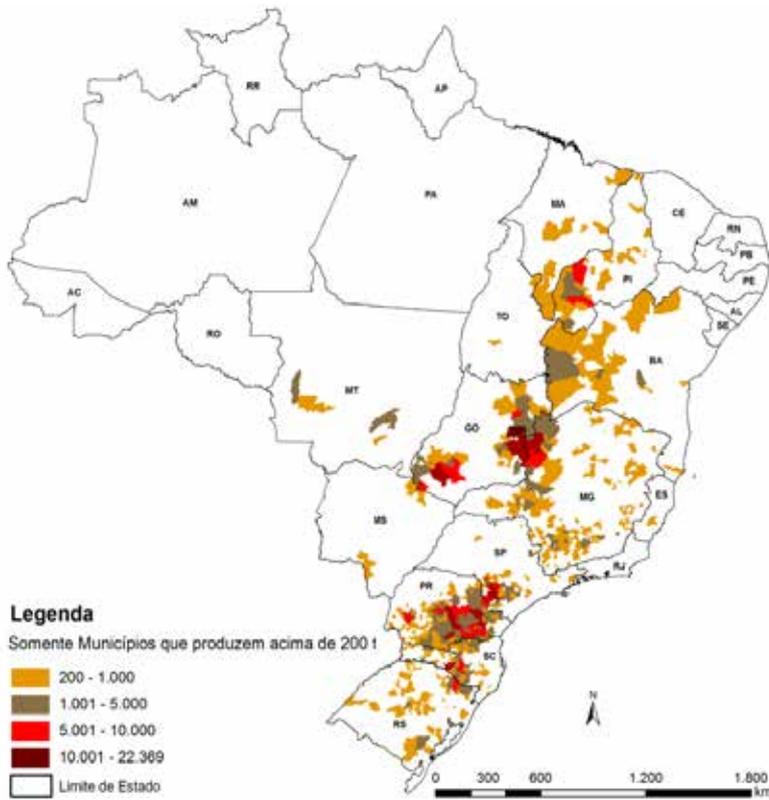
Em Tocantins a área plantada, constatada neste levantamento, teve um acréscimo de 17,6% ao caupi, se comparada à safra anterior. As lavouras de feijão caupi se desenvolveram melhor nesta safra e já apresentam 37% de área colhida e 44% já em maturação.

Em Mato Grosso a colheita do feijão caupi primeira safra também está finalizada. O balanço da safra 2016/17 foi positivo para a cultura, cuja área plantada registrou aumento de 60%, saindo de 4 mil hectares

no período 2015/16 para 6,4 mil hectares no atual. A produtividade também atingiu bons números, com rendimento médio de 1.200 kg/ha, desempenho 66,7% superior aos 720 kg/ha obtidos na safra anterior, a qual registrou baixos índices pluviométricos e afetou significativamente o rendimento da lavoura. Assim, calcula-se que a produção da leguminosa seja 165,5% superior ao período 2015/16, passando de 2,9 mil toneladas para 7,7 mil toneladas.

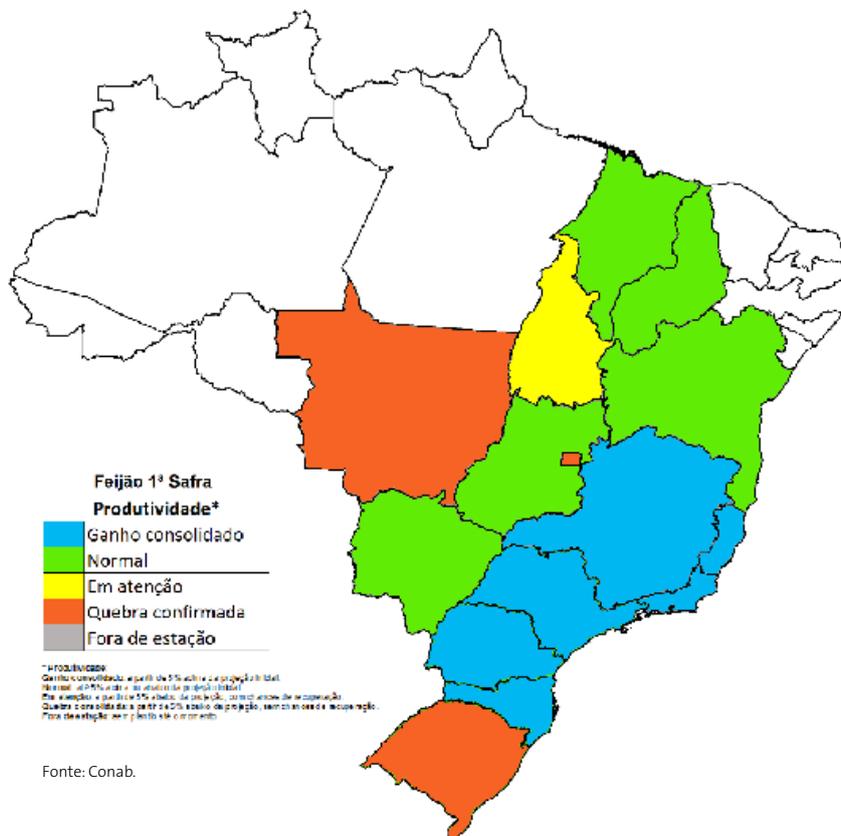


Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 30 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PI	Centro-Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Piauiense				P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	DV	F	F/FR/M	M/C						
	Norte Mato-grossense		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
	Norte Goiano		P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C						
DF	Distrito Federal		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Norte de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	DV/F	F/FR	M/C	C						
SP**	Bauru	DV	F	FR	M	C						P	
	Assis	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
	Itapetininga	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					PP	P/G	
PR	Norte Central Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
RS	Serrana		P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,6	4,8	4,3	716	642	(10,4)	3,3	3,1	(6,1)
TO	4,6	4,8	4,3	716	642	(10,4)	3,3	3,1	(6,1)
NORDESTE	430,2	476,6	10,8	255	508	99,2	109,8	242,3	120,7
MA	29,5	22,7	(23,1)	468	605	29,3	13,8	13,7	(0,7)
PI	211,5	227,0	7,3	139	360	159,0	29,4	81,7	177,9
BA	189,2	226,9	19,9	352	647	83,8	66,6	146,9	120,6
CENTRO-OESTE	70,6	81,5	15,4	2.129	2.203	3,5	150,4	179,5	19,3
MT	5,9	10,8	83,1	1.091	1.525	39,8	6,5	16,5	153,8
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,2	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	12,1	12,1	-	1.485	1.895	27,6	18,0	22,9	27,2
SUDESTE	202,3	248,9	23,0	1.561	1.648	5,5	315,8	410,2	29,9
MG	146,6	163,6	11,6	1.306	1.209	(7,4)	191,4	197,8	3,3
ES	4,9	3,6	(26,5)	1.239	947	(23,6)	6,1	3,4	(44,3)
RJ	0,8	0,6	(25,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.568	9,4	117,4	208,3	77,4
SUL	270,9	289,2	6,8	1.680	1.883	12,1	455,0	544,5	19,7
PR	181,4	196,1	8,1	1.575	1.844	17,1	285,7	361,7	26,6
SC	46,0	51,3	11,5	1.869	2.160	15,5	86,0	110,8	28,8
RS	43,5	41,8	(3,9)	1.915	1.721	(10,1)	83,3	72,0	(13,6)
NORTE/NORDESTE	434,8	481,4	10,7	260	510	95,9	113,1	245,4	117,0
CENTRO-SUL	543,8	619,6	13,9	1.694	1.830	8,1	921,2	1.134,2	23,1
BRASIL	978,6	1.101,0	12,5	1.057	1.253	18,6	1.034,3	1.379,6	33,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
DF	1,2	1,2	-	1.480	1.850	25,0	1,8	2,2	22,2
SUDESTE	4,4	9,3	111,4	972	878	(9,7)	4,3	8,2	90,7
MG	1,6	6,9	331,0	570	838	47,0	0,9	5,8	544,4
ES	2,0	1,8	(10,0)	1.239	947	(23,6)	2,5	1,7	(32,0)
RJ	0,8	0,6	(20,0)	1.107	1.127	1,8	0,9	0,7	(22,2)
SUL	174,9	164,4	(6,0)	1.618	1.865	15,3	283,0	306,7	8,4
PR	125,3	112,7	(10,1)	1.563	1.907	22,0	195,8	214,9	9,8
SC	16,1	19,9	23,6	1.731	2.200	27,1	27,9	43,8	57,0
RS	33,5	31,8	(5,1)	1.770	1.508	(14,8)	59,3	48,0	(19,1)
CENTRO-SUL	180,5	174,9	(3,1)	1.601	1.813	13,2	289,1	317,1	9,7
BRASIL	180,5	174,9	(3,1)	1.601	1.813	13,2	289,1	317,1	9,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,9	0,4	(55,6)	1.252	990	(20,9)	1,1	0,4	(63,6)
TO	0,9	0,4	(54,3)	1.252	990	(20,9)	1,1	0,4	(63,6)
NORDESTE	50,3	57,0	13,3	670	997	48,8	33,7	56,8	68,5
BA	50,3	57,0	13,3	670	997	48,8	33,7	56,8	68,5
CENTRO-OESTE	65,4	73,9	13,0	2.225	2.296	3,2	145,7	169,6	16,4
MT	1,9	4,4	131,6	1.872	1.998	6,7	3,6	8,8	144,4
MS	0,6	0,8	33,3	1.800	1.800	-	1,1	1,4	27,3
GO	52,0	57,8	11,1	2.400	2.400	-	124,8	138,7	11,1
DF	10,9	10,9	-	1.486	1.900	27,9	16,2	20,7	27,8
SUDESTE	197,3	225,3	14,2	1.576	1.747	10,8	311,0	393,6	26,6
MG	144,4	142,4	(1,4)	1.316	1.289	(2,1)	190,0	183,6	(3,4)
ES	2,9	1,8	(38,0)	1.239	947	(23,6)	3,6	1,7	(52,8)
SP	50,0	81,1	62,2	2.348	2.568	9,4	117,4	208,3	77,4
SUL	96,0	124,8	30,0	1.792	1.905	6,3	172,0	237,8	38,3
PR	56,1	83,4	48,7	1.603	1.760	9,8	89,9	146,8	63,3
SC	29,9	31,4	5,0	1.944	2.134	9,8	58,1	67,0	15,3
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	51,2	57,4	12,1	680	997	46,6	34,8	57,2	64,4
CENTRO-SUL	358,7	424,0	18,2	1.752	1.889	7,8	628,7	801,0	27,4
BRASIL	409,9	481,4	17,4	1.619	1.783	10,1	663,5	858,2	29,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3,7	4,4	18,9	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
TO	3,7	4,4	17,6	586	610	4,1	2,2	2,7	22,7
NORDESTE	379,9	419,6	10,5	200	442	120,6	76,1	185,4	143,6
MA	29,5	22,7	(23,0)	468	605	29,3	13,8	13,7	(0,7)
PI	211,5	227,0	7,3	139	360	159,0	29,4	81,7	177,9
BA	138,9	169,9	22,3	237	530	123,6	32,9	90,0	173,6
CENTRO-OESTE	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
MT	4,0	6,4	60,0	720	1.200	66,7	2,9	7,7	165,5
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
MG	0,6	14,3	2.283,0	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
NORTE/NORDESTE	383,6	424,0	10,5	204	444	117,5	78,3	188,1	140,2
CENTRO-SUL	4,6	20,7	350,0	743	779	4,7	3,4	16,1	373,5
BRASIL	388,2	444,7	14,6	210	459	118,3	81,7	204,2	149,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.4.2.FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Assim como o feijão primeira safra, a segunda safra também tem a maior parte de sua produção na Região Centro-Sul. Considerando a safra 2016/17, este volume da região é quase 80% da produção total, destacando-se Paraná, Mato Grosso e Minas Gerais, mesmo ocupando apenas 46% das áreas cultivadas com a cultura. A área de feijão segunda safra está estimada

Feijão comum cores

O feijão cores permanece, assim como na primeira safra, sendo o tipo mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 607,1 mil toneladas para a safra 2016/17, ou seja, 22,4% superior à safra passada. O reflexo é resultado do aumento de área (2,3%) e produtividade (19,6%).

No Paraná a cultura apresenta área total de 145,8

para este sexto levantamento em 1.410,2 mil hectares, o que configura um incremento de 7,6% em relação à safra passada. A produtividade deve ter um incremento de 24% em relação à safra anterior, saindo de 696 kg/ha para 863 kg/ha. A produção deve ser de 1.219,5 mil toneladas.

mil hectares, visto que a produtividade estimada é de 1.747 kg/ha. A colheita iniciará em maio e, no momento, a maioria das lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo e floração. Até o momento, as condições são favoráveis à cultura. O plantio está concluído no estado e as lavouras estão em boas condições devido ao clima favorável ocorrido no período.

Figura 31 - Feijão segunda safra em Pato Branco/PR



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina, a área de feijão-carioca apresentou recuo em relação ao observado no levantamento anterior e safra passada. Preços baixos obtidos no início da primeira safra foi um dos principais fatores que contribuíram para a decisão de redução da área, que foi ocupada, principalmente, por soja tardia (safrinha). Grande parte das lavouras encontram-se em final de desenvolvimento vegetativo (60%) e o restante entre floração e granação. Da mesma forma que para a classe preto, a entrada do outono, trazendo temperaturas baixas e possibilidade de geadas precoces, pode afetar os índices produtivos da cultura, que são estimados em torno de 2.000 kg/ha. Até o momento as condições da cultura são consideradas boas, favorecidas pelo clima estável e baixa incidência de pragas e doenças.

Em Minas Gerais foi identificada tendência de redução de 7,6% da área de plantio de feijão segunda safra, passando dos 116,8 mil hectares plantados na

safra 2015/16 para 107,9 mil hectares previstos para a safra atual. A produtividade por sua vez deve sofrer um acréscimo em torno de 7,8%, com produção alcançando 148,3 mil toneladas, frente às 148,8 mil toneladas registradas na safra passada. Plantio em fase de finalização.

Em São Paulo, na região sudoeste do estado, grande produtor de feijão de São Paulo, principalmente na região de Itapeva, só é possível cultivar o feijão de primeira safra em razão do ataque da mosca-branca. O feijão primeira safra é plantado e colhido antes que a soja (hospedeiro desta praga) comece a florescer e, o inseto acaba se proliferando de modo descontrolado. Como se multiplica rapidamente, em torno de 20 dias, com o favorecimento da umidade e do calor, o vírus pode causar grandes prejuízos nos feijoeiros. Essa praga, de difícil erradicação, tem limitado o plantio de uma segunda safra, pois os danos causados por essa infestação podem comprometer toda uma lavoura.



O inseto transmite o vírus do mosaico dourado e as sementes têm o seu tamanho, peso e qualidade reduzidos. Sinaliza com forte redução na área de 11,8% no estado, visto a aversão do produtor aos riscos inerentes da safra da seca, bem como preços menores.

Em Mato Grosso, com a semeadura da lavoura finalizada em fevereiro, a área destinada ao cultivo do feijão cores segunda safra será 58,2% maior que a safra 2016/17, passando de 17 mil hectares na safra 2015/16

para 26,9 mil hectares na atual devido à valorização do feijão frente ao milho segunda safra. Quanto à produtividade, a perspectiva é de aumento, estima-se um rendimento médio de 1.764 kg/ha, 103,3% acima dos 868 kg/ha obtidos na safra 2015/16. Portanto, a produção da safra 2016/17 de feijão-carioca segunda safra está estimada em 47,5 mil toneladas, índice 223,1% maior do que aos 14,7 mil toneladas do período anterior.

Figura 32 – Lavoura de feijão sequeiro em desenvolvimento vegetativo em Sapezal/MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul o plantio do feijão cores iniciou-se na segunda quinzena de março, atingindo cerca de 25,8% da área total estimada, que hoje está em torno de 20 mil hectares com uma produtividade média esperada de 1.500 kg/ha. A área estimada para ser implantada representa uma área 42,9% superior à safra anterior e ocorre em razão das expectativas por parte dos produtores em relação às boas condições climáticas favoráveis à boa produtividade e também em relação a condições melhores de comercialização por ocasião da colheita. A produtividade média esperada reflete um aumento de 50,5% em relação à safra anterior, cuja produção foi afetada com perdas consideráveis devido à estiagem ocorrida na fase inicial da cultura. Cabe salientar que a região sudoeste é que está mais adiantada na implantação da cultura e com o encerramento do plantio do milho segunda safra nesta segunda quinzena de março, ocorre o incremento do plantio a partir de agora se estendendo até a primeira quinzena de abril. No estado, a concentração de plantio de feijão é exatamente nesta segunda safra devido ao clima ser mais favorável ao desenvolvimento do feijoeiro, embora as chuvas tendem a diminuir após março, mas ainda são suficientes ao desenvolvimento da planta e com menos possibilidade de ocorrências de doenças.

As principais áreas de cultivo encontram-se nos municípios de Sidrolândia, Bonito, Maracaju e Caarapó, visto que atualmente os preços pagos ao produtor para produtos de boa qualidade, encontram-se entre R\$130,00 e R\$150,00 a saca de 60 quilos, o que não é considerado atrativo.

No Distrito Federal, na safra anterior a área semeada com feijão segunda safra era de 0,8 mil hectares. Neste levantamento estima-se manutenção dessa área, permanecendo, até o momento, a mesma área cultivada da safra passada. A produtividade média estimada em 2.200 kg/ha é superior à obtida na safra passada, resultando uma produção de 1,8 mil toneladas superior em 12,5% à obtida da safra passada.

O governo de Rondônia, em anos anteriores, fazia a entrega de sementes selecionadas aos pequenos produtores. A partir da safra 2012/13 isso não vem acontecendo mais. Para essa safra 2016/17 fomos informados pelos escritórios de projetos, Emater, cerealistas e produtores, que a disponibilidade de sementes selecionadas de feijão ainda não estão acontecendo plenamente, o que resulta numa redução de 2,9% na área plantada, estimada em 20,2%. Alguns locais não se



supriram dessas sementes. Essas lavouras começam a ser plantadas quando as chuvas começam a findar na Amazônia.

Em razão das chuvas intensas que ainda estão acontecendo, poucos produtores deram início às suas lavouras. Das lavouras que já deram início, os estádios estão em germinação (40%), desenvolvimento vegetativo (30%) e floração (30%) e as lavouras estão se desenvolvendo satisfatoriamente.

No Amazonas o feijão cores é uma cultura praticada em pequena escala, embora desenvolvida em todo estado, por pequenos produtores da agricultura familiar, cultivando apenas para sua subsistência. Nesta safra foram plantados 2,8 mil hectares, retração de 31,7% em relação à safra passada, retração também na produtividade de 0,2%, obtendo uma média de 925 kg/ha,

com redução na produção de 31,6%, estimada em 2,6 mil toneladas. O plantio em terra firme é realizado de abril a junho e a colheita de julho a agosto. Já para a várzea, o plantio se dá em agosto, setembro e outubro, com colheita de novembro a janeiro.

Dentre as características inerentes à região Amazônica e que estão diretamente relacionadas com a produção agrícola do estado, está o monitoramento da cota de subida dos principais rios do Amazonas, visto que já existe uma definição pelo Serviço Geológico do Brasil/CPRM dos pontos relacionados com as principais bacias.

De acordo com a velocidade da subida destes rios, é possível que o plantio do Amazonas, principalmente a da agricultura familiar praticada nas áreas de várzea (comunidades ribeirinhas) sejam prejudicadas.

Figura 33 - Bacias hidrográficas amazônicas



Fonte: Serviço Geológico do Brasil/CPRM

Quadro 6 - Bacias hidrográficas amazônicas

Bacia	Detalhes
Bacia do Purus	Rios monitorados em pico de cheia, com níveis normais para a época.
Bacia do Negro	Níveis acima das médias, principalmente no alto curso (São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro). No Porto de Manaus, o rio Negro permanece em processo de cheia.
Bacia do Solimões	O rio Solimões segue apresentando cotas acima dos valores médios para época em todas as estações monitoradas.
Bacia do Amazonas	Estações em processo de enchente com níveis elevados em relação à média, próximos aos observados nas cheias históricas.
Bacia do Madeira	Em Humaitá, o rio Madeira está em pico de cheia, apresentando processo regular de enchente. Espera-se que após a próxima semana o rio continue subindo ou se mantenha estável, porém mantendo-se dentro do esperado para essa época do ano.

Fonte: Conab-AM/Geose/Segeo/jhco.



Feijão comum preto

O feijão comum preto é o terceiro mais cultivado na segunda safra. A estimativa é de 216,1 mil toneladas numa área de 128,8 mil toneladas.

No Paraná o feijão preto segunda safra apresenta área total de 83,9 mil hectares, visto que a produtividade estimada é de 1.776 kg/ha. A colheita iniciará em maio e, no momento, a maioria das lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo e floração. Até o momento, as condições são favoráveis à cultura. O plantio está concluído no Paraná e as lavouras estão em boas condições devido às chuvas ocorridas no período.

No Rio Grande do Sul a semeadura já foi concluída, com 75% das lavouras em desenvolvimento vegetativo e o restante em floração e início de enchimento de grãos. Caracterizada por cultivo em pequenas propriedades, destinada ao consumo próprio e vendas fracionadas de eventual excedente, normalmente em feiras. Algumas lavouras comerciais nas regiões de Palmeira das Missões, Frederico Westphalen e Ijuí, em restevas de milho cultivado sob pivô central, com projeções de rendimentos bem superiores. Lavouras em boas condições sanitárias, bem desenvolvidas e apresentando bom potencial produtivo, valendo-se das condições climáticas favoráveis.

Em Santa Catarina observou-se um aumento da área plantada de feijão comum preto, resultado, entre outros, dos bons preços obtidos na primeira safra e decisão do produtor em ocupar o solo com uma cultura de

Feijão caupi

Em Mato Grosso, maior estado produtor do país de feijão caupi na segunda safra, o plantio foi concluído na segunda quinzena de março e na região Médio Norte se observou lavouras já em fase de floração, entretanto, na maior parte das áreas a lavoura encontra-se em desenvolvimento vegetativo. Inicialmente estima-se uma área para safra 2016/17 de aproximadamente 183,5 mil hectares, frente às 169 mil hectares da safra anterior. Esse aumento de 8,6% na área deve-se principalmente à boa expectativa de mercado, visto que seus preços estão num patamar muito bom, em algumas praças atingindo R\$ 189,00/sc. A estimativa de rendimento para a safra atual é de 1.179kg/ha, ante aos 756 kg/ha na safra anterior, variação de 56%. Com isso, espera-se uma produção de 216,3 mil toneladas da oleaginosa, ante às 127,8 mil toneladas da safra passada.

No Maranhão o plantio não iniciou. A área total a ser plantada é de 51,2 mil hectares, com produtividade média igual a 526 kg/ha, com uma produção de 26,9 mil toneladas, representando aumento em relação à

ciclo mais rápido, em detrimento da soja e milho, de ciclos mais longos. Ainda, devido ao atraso no plantio do feijão primeira safra, a área que seria destinada a outras culturas foi ocupada com a mesma espécie, gerando aumento da safra atual de feijão.

As lavouras estão em boas condições, favorecidas pelo clima regular (chuvas frequentes e abrangentes) e baixa incidência de pragas e doenças. Grande parte encontra-se entre desenvolvimento vegetativo e floração, visto que apenas 10% das lavouras encontra-se em granação. Com a entrada do outono, o qual traz temperaturas mais amenas, não se desconsidera a ocorrência de perdas em produtividade e qualidade devido às baixas temperaturas e geadas precoces, que podem afetar as lavouras mais atrasadas. Até o momento estima-se uma produtividade em torno de 1.800 kg/ha.

Na Paraíba a cultura do feijão preto é explorada em poucos municípios. Na safra passada foram plantados 1,7 mil hectares, que pela insuficiência de chuvas teve a produtividade drasticamente reduzida. Na presente safra, em comparação a safra anterior, estima-se a redução de área para 1,1 mil hectares, com previsão de produtividade em 270 kg/ha.

No Rio de Janeiro, do total das áreas estão plantadas em sua totalidade, apontamos um crescimento em torno de 16% em relação à safra anterior.

safra passada de 7,5% na área e 5,5% na produção. A produtividade com redução de 1,9%.

Em Tocantins, a área a ser cultivada com feijão na segunda safra teve incremento de 51,7%, se comparado à safra passada. O fato que levou a este aumento foram produtores que, após a frustração da safra passada e dada a expectativa futura de preços, substituíram 100% da área cultivada com milho segunda safra pelo feijão caupi. Por se tratar de uma cultura bastante rústica e mais resistente à seca, seu plantio é realizado mais tardio que o do milho e ainda está em andamento.

Em Pernambuco apesar de ter ocorrido uma melhora das chuvas na região em relação ao mês anterior, ela ainda se apresenta muito abaixo do esperado e ocorrendo de forma mal distribuída nos municípios. Dessa forma, o início do plantio ocorreu de forma tardia e apenas pelos produtores que tinham sementes guardadas de safras anteriores. Pelos dados apresentados há uma redução na área de plantio em relação à safra



anterior e ainda, segundo o observado em campo, já se estima uma perda da área plantada em torno de 50% devido às condições climáticas no estado.

Na Paraíba, nas cinco últimas safras, a cultura do fei-

jão caupi foi prejudicada pela falta de chuvas. Em um passado próximo, a área plantada chegava a 170 mil hectares. Na atual safra apresenta uma intenção de plantio total na ordem de 71,9 mil hectares, com produtividade estimada em 250 kg/ha.

Figura 34 – Lavoura de feijão sequeiro em desenvolvimento vegetativo em Ouricuri/PE



Fonte: Conab.

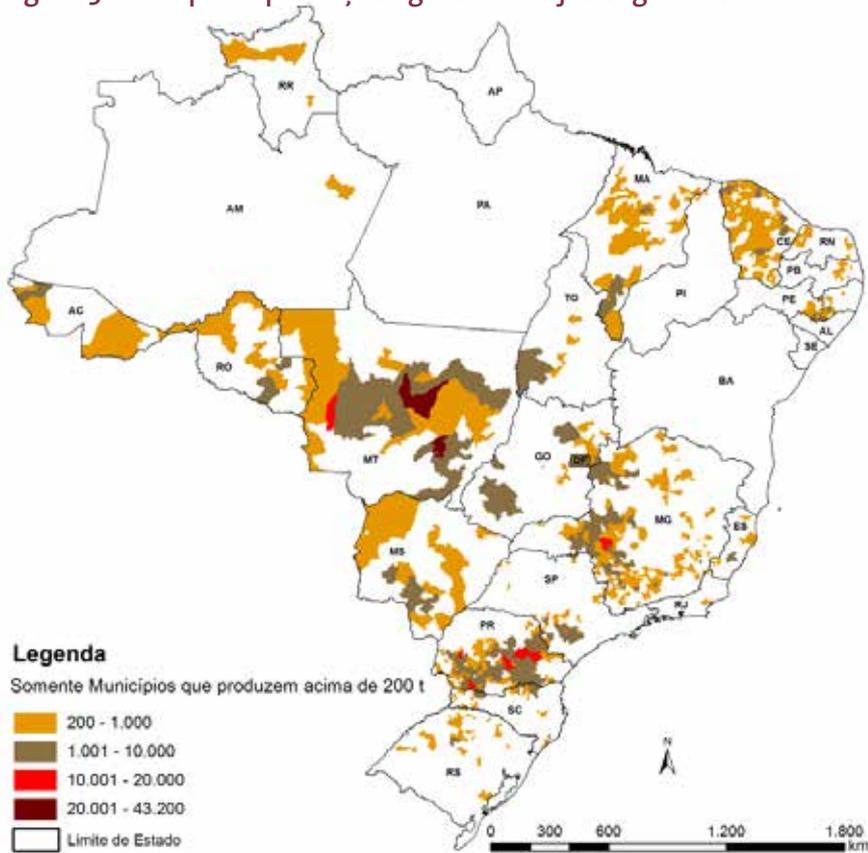
Figura 35 – Lavoura de feijão com baixo desenvolvimento vegetativo em Araripina/PE



Fonte: Conab.

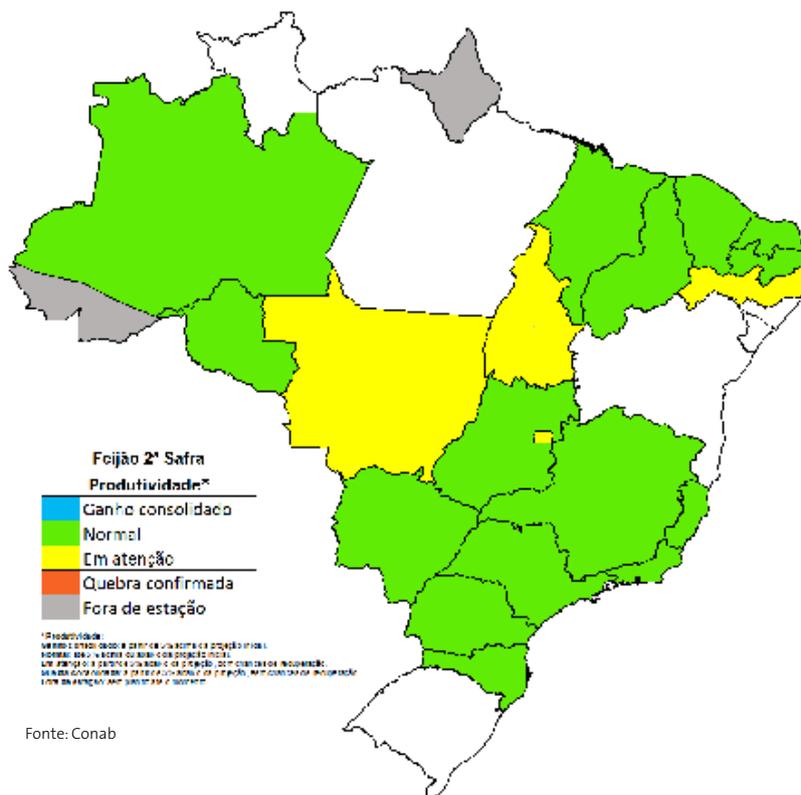


Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 37 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão segunda safra



Fonte: Conab



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense							P	DV	F	FR	M/C	C
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
ES	Central Espírito						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	DV/F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Baixa Restrição - Geadas ou baixas temperaturas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	44,4	45,6	2,7	853	859	0,7	37,9	39,2	3,4
RO	20,8	20,2	(2,9)	856	882	3,0	17,8	17,8	-
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	10,5	13,6	29,5	1.009	970	(3,9)	10,6	13,2	24,5
NORDESTE	650,0	704,8	8,4	177	253	42,6	115,2	178,1	54,6
MA	47,6	51,2	7,6	536	526	(1,9)	25,5	26,9	5,5
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	371,1	402,0	8,3	155	239	54,4	57,4	96,1	67,4
RN	29,9	48,1	60,9	213	348	63,4	6,4	16,7	160,9
PB	86,8	97,6	12,4	143	269	87,4	12,4	26,2	111,3
PE	111,6	102,9	(7,8)	107	101	(5,0)	11,9	10,4	(12,6)
CENTRO-OESTE	230,4	258,3	12,1	879	1.333	51,7	202,6	344,4	70,0
MT	186,0	210,4	13,1	766	1.254	63,6	142,5	263,8	85,1
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	27,0	(8,5)	1.500	1.800	20,0	44,3	48,6	9,7
DF	0,9	0,9	1,1	1.991	2.189	9,9	1,8	2,0	11,1
SUDESTE	140,8	135,4	(3,8)	1.316	1.394	5,9	185,4	188,8	1,8
MG	118,8	113,8	(4,2)	1.265	1.349	6,7	150,3	153,6	2,2
ES	5,7	6,9	21,1	870	1.161	33,4	5,0	8,0	60,0
RJ	1,0	1,2	20,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.928	1,1	29,2	26,0	(11,0)
SUL	245,6	266,1	8,3	1.513	1.752	15,8	371,5	466,2	25,5
PR	203,8	229,7	12,7	1.476	1.758	19,1	300,8	403,7	34,2
SC	17,4	17,1	(1,7)	1.841	1.830	(0,6)	32,0	31,3	(2,2)
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	694,4	750,4	8,1	221	290	31,3	153,1	217,3	41,9
CENTRO-SUL	616,8	659,8	7,0	1.231	1.515	23,0	759,5	999,4	31,6
BRASIL	1.311,2	1.410,2	7,6	696	863	24,0	912,6	1.216,7	33,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
PB	1,7	1,1	(37,0)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-OESTE	0,1	0,1	11,1	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
DF	0,1	0,1	-	1.910	2.100	9,9	0,2	0,2	-
SUDESTE	5,3	9,9	86,8	828	937	13,2	4,4	9,3	111,4
MG	2,0	5,9	195,0	740	898	21,4	1,5	5,3	253,3
ES	2,3	2,8	21,7	870	988	13,6	2,0	2,8	40,0
RJ	1,0	1,2	16,0	906	1.008	11,3	0,9	1,2	33,3
SUL	110,9	117,7	6,1	1.547	1.753	13,3	171,5	206,3	20,3
PR	73,0	83,9	14,9	1.486	1.776	19,5	108,5	149,0	37,3
SC	13,5	14,5	7,4	1.800	1.800	-	24,3	26,1	7,4
RS	24,4	19,3	(20,9)	1.588	1.615	1,7	38,7	31,2	(19,4)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-SUL	116,3	127,7	9,8	1.514	1.690	11,6	176,1	215,8	22,5
BRASIL	118,0	128,8	9,2	1.494	1.677	12,3	176,3	216,1	22,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	38,4	34,5	(10,2)	881	897	1,7	33,9	30,9	(8,8)
RO	20,8	20,2	(2,9)	856	882	3,0	17,8	17,8	-
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	11,5	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
TO	4,5	4,5	-	1.457	1.379	(5,4)	6,6	6,2	(6,1)
NORDESTE	34,7	31,0	(10,7)	193	287	49,0	6,6	8,9	34,8
CE	4,6	2,1	(54,3)	377	243	(35,5)	1,7	0,5	(70,6)
PB	24,0	24,6	2,6	177	323	82,5	4,2	7,9	88,1
PE	6,1	4,3	(29,5)	116	105	(9,5)	0,7	0,5	(28,6)
CENTRO-OESTE	61,3	74,7	21,9	1.216	1.711	40,7	74,6	127,9	71,4
MT	17,0	26,9	58,2	868	1.764	103,3	14,7	47,5	223,1
MS	14,0	20,0	42,9	997	1.500	50,5	14,0	30,0	114,3
GO	29,5	27,0	(8,5)	1.500	1.800	20,0	44,3	48,6	9,7
DF	0,8	0,8	-	2.000	2.200	10,0	1,6	1,8	12,5
SUDESTE	135,5	125,5	(7,4)	1.335	1.430	7,1	181,0	179,5	(0,8)
MG	116,8	107,9	(7,6)	1.274	1.374	7,8	148,8	148,3	(0,3)
ES	3,4	4,1	20,6	870	1.279	47,0	3,0	5,2	73,3
SP	15,3	13,5	(11,8)	1.907	1.928	1,1	29,2	26,0	(11,0)
SUL	134,7	148,4	10,2	1.485	1.751	18,0	200,0	259,9	30,0
PR	130,8	145,8	11,5	1.470	1.747	18,8	192,3	254,7	32,4
SC	3,9	2,6	(34,6)	1.982	2.000	0,9	7,7	5,2	(32,5)
NORTE/NORDESTE	73,1	65,5	(10,4)	554	608	9,7	40,5	39,8	(1,7)
CENTRO-SUL	331,5	348,6	5,2	1.374	1.627	18,4	455,6	567,3	24,5
BRASIL	404,6	414,1	2,3	1.226	1.466	19,6	496,1	607,1	22,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,0	11,1	85,0	673	742	10,3	4,0	8,3	107,5
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
TO	6,0	9,1	51,7	673	767	14,0	4,0	7,0	75,0
NORDESTE	613,6	672,7	9,6	177	251	42,2	108,4	169,0	55,9
MA	47,6	51,2	7,5	536	526	(1,9)	25,5	26,9	5,5
PI	3,0	3,0	-	545	616	13,0	1,6	1,8	12,5
CE	366,5	399,9	9,1	152	239	57,2	55,7	95,6	71,6
RN	29,9	48,1	60,9	213	348	63,4	6,4	16,7	160,9
PB	61,1	71,9	17,6	131	250	90,8	8,0	18,0	125,0
PE	105,5	98,6	(6,5)	106	101	(4,7)	11,2	10,0	(10,7)
CENTRO-OESTE	169,0	183,5	8,6	756	1.179	56,0	127,8	216,3	69,2
MT	169,0	183,5	8,6	756	1.179	56,0	127,8	216,3	69,2
NORTE/NORDESTE	619,6	683,8	10,4	181	259	42,8	112,4	177,3	57,7
CENTRO-SUL	169,0	183,5	8,6	756	1.179	56,0	127,8	216,3	69,2
BRASIL	788,6	867,3	10,0	305	454	49,0	240,2	393,6	63,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, devido ao calendário de plantio e da metodologia aplicada nas estimativas, foi aplicado um rendimento médio, baseado na análise estatística da série histórica das safras anteriores. Apontando uma produtividade de 1.216 kg/ha e produção de 689,3 mil toneladas, incremento de 17,6% e 21,7%, respectivamente, em relação à safra passada.

Na Bahia o cultivo de inverno do feijão cores deverá ocupar uma área de 188,9 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril, e espera-se o rendimento de 748 kg/ha. A colheita deve ser iniciada em

agosto, com a expectativa de produção em torno de 141,3 mil toneladas. Os campos de inverno de feijão cores estão distribuídos nas áreas do Centro-Norte e Nordeste.

O cultivo de inverno do feijão caupi ocupará uma área de 10,6 mil hectares. Os plantios serão realizados a partir de abril, e espera-se o rendimento de 500 kg/ha. A colheita deverá ser iniciada em agosto, com a expectativa de produção em torno de 5,3 mil toneladas. Os plantios se concentram no nordeste do estado.

Figura 38 – Lavoura de feijão macaçar em estágio de maturação em Barreiras/BA



Fonte: Conab.

No Pará a expectativa de plantio para esse ano é de aumento de área devido ao preço do produto no mercado, principalmente no que se refere ao feijão caupi. Entretanto, alguns produtores tomarão a decisão de plantio após os indicativos de plantio dos estados concorrentes, principalmente o Mato Grosso, cuja tendência está prevista para maio. As áreas destinadas à cultura do feijão caupi encontram-se em pousio.

No Paraná, cultura com área estimada de 3,3 mil hectares, redução de 27% em relação à safra passada. A semeadura deverá ocorrer entre abril e maio. A produtividade estimada é de 950 kg/ha.

O cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é conduzido inteiramente sob irrigação, nos seus diferentes métodos. Esse plantio apresenta como vantagens, entre outras, a alta produtividade das lavouras, a redução de riscos, a colocação do produto no mercado em épocas não convencionais, além de possibilitar a produção de sementes de melhor qualidade. As áreas mais expressivas com feijão terceira safra no Distrito Federal estão localizadas na Região Administrativa de Planaltina, participando com mais de 60%

da produção regional. Para a safra 2016/17 estima-se manutenção de área em comparação à cultivada na safra 2015/16. A produtividade média está estimada em 3.023 kg/ha, o que poderá resultar uma produção próxima a 9,4 mil toneladas. Conforme já explicitado acima, as lavouras conduzidas sob pivô poderão ser afetadas severamente, caso as condições de chuvas não se situem em níveis de normalidade. Na safra anterior uma grande quantidade de pivôs foi paralisada, dado, sobretudo, aos baixos níveis de água nos reservatórios. O plantio está previsto para meados de abril, maio e junho do corrente ano, com colheita em julho, agosto e setembro. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo “cores”, que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10% e 6% respectivamente.

Em Tocantins, para o feijão terceira safra, ainda não se obteve informações quanto à mudança de expectativa dos produtores. Para o feijão cores, cultivado na sua maioria sob pivô central, a área deverá se manter. Já para o caupi existe uma leve apreensão quanto à



possibilidade de restrição de água nos reservatórios, visto que a área em questão compete com esta água com outras culturas como melancia e a própria soja subirrigada para semente.

Em Roraima, para o feijão caupi, a área apurada na

reunião foi de 2,4 mil hectares, com queda de produtividade de 731 para 650 kg/ha. Essa queda no rendimento pode ser atribuída a limitações no acesso a tecnologias de produção, considerando que quase a totalidade do feijão caupi é produzido pela agricultura familiar.

Figura 39 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra

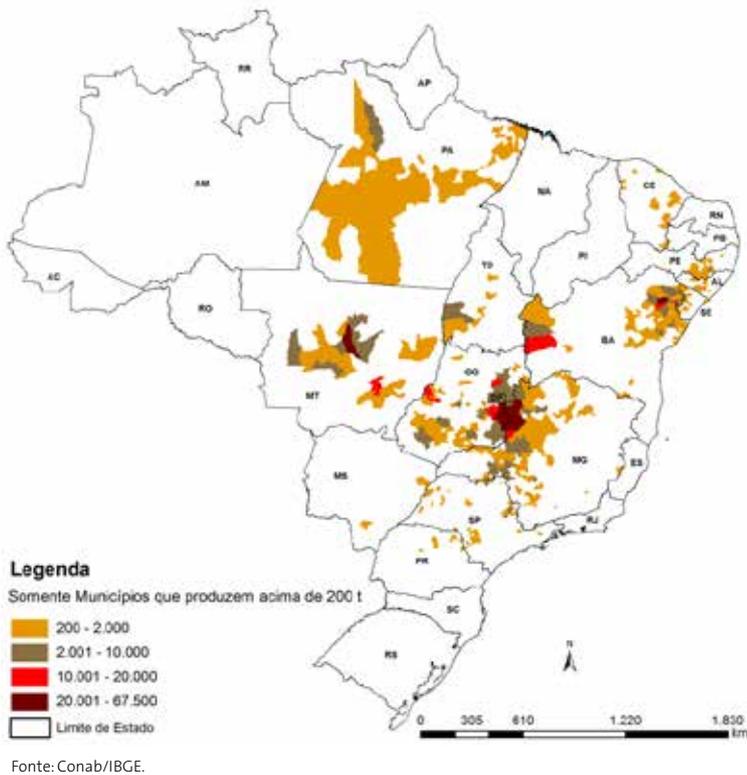


Figura 40 – Mapa da estimativa de produtividade - Feijão terceira safra

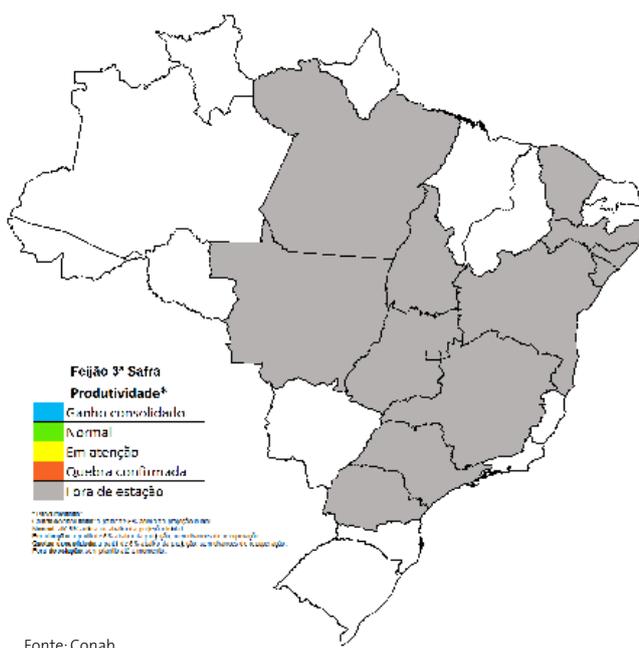


Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	42,6	42,6	-	841	827	(1,7)	35,9	35,3	(1,7)
PA	32,9	33,2	0,9	723	723	-	23,8	24,0	0,8
TO	7,0	7,0	-	1.440	1.383	(3,9)	10,1	9,7	(4,0)
NORDESTE	332,7	353,0	6,1	341	628	84,3	113,4	221,6	95,4
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	85,5	105,8	23,7	370	433	17,2	31,6	45,8	44,9
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	199,5	199,5	-	355	735	106,9	70,9	146,6	106,8
CENTRO-OESTE	85,8	85,8	-	2.403	2.505	4,3	206,2	215,0	4,3
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	3,1	3,1	-	1.839	3.023	64,4	5,7	9,4	64,9
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	3,3	(26,7)	460	950	106,5	2,1	3,1	47,6
PR	4,5	3,3	(26,7)	460	950	106,5	2,1	3,1	47,6
NORTE/NORDESTE	375,3	395,6	5,4	398	650	63,4	149,3	256,9	72,1
CENTRO-SUL	172,4	171,2	(0,7)	2.420	2.526	4,4	417,3	432,4	3,6
BRASIL	547,7	566,8	3,5	1.034	1.216	17,6	566,6	689,3	21,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Cores

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	8,7	7,6	(12,6)	936	840	(10,3)	7,1	6,4	(9,9)
PA	7,9	6,8	(13,9)	651	700	7,5	5,1	4,8	(5,9)
TO	0,8	0,8	-	2.468	2.030	(17,7)	2,0	1,6	(20,0)
NORDESTE	296,6	313,3	5,6	325	649	99,8	101,8	203,2	99,6
PE	71,7	88,4	23,3	386	456	18,1	27,7	40,3	45,5
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	188,9	188,9	-	354	748	111,3	66,9	141,3	111,2
CENTRO-OESTE	85,3	85,3	-	2.408	2.508	4,1	205,5	213,9	4,1
MT	41,5	41,5	-	2.050	2.103	2,6	85,1	87,3	2,6
GO	41,2	41,2	-	2.800	2.872	2,6	115,4	118,3	2,5
DF	2,6	2,6	-	1.923	3.200	66,4	5,0	8,3	66,0
SUDESTE	82,1	82,1	-	2.545	2.611	2,6	209,0	214,3	2,5
MG	69,1	69,1	-	2.580	2.646	2,6	178,3	182,8	2,5
SP	13,0	13,0	-	2.361	2.422	2,6	30,7	31,5	2,6
SUL	4,5	3,3	(26,7)	627	950	51,4	2,1	3,1	47,6
PR	4,5	3,3	(27,0)	460	950	106,5	2,1	3,1	47,6
NORTE/NORDESTE	305,3	320,9	5,1	339	653	92,6	108,9	209,6	92,5
CENTRO-SUL	171,9	170,7	(0,7)	2.440	2.527	3,6	416,6	431,3	3,5
BRASIL	477,2	491,6	3,0	1.069	1.304	22,0	525,5	640,9	22,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Preto

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
DF	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
CENTRO-SUL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0
BRASIL	0,2	0,2	-	2.000	3.000	50,0	0,4	0,6	50,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - Caupi

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	33,9	35,0	3,2	847	825	(2,7)	28,8	28,9	0,3
RR	2,7	2,4	(9,5)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
PA	25,0	26,4	5,6	746	729	(2,3)	18,7	19,2	2,7
TO	6,2	6,2	-	1.307	1.300	(0,5)	8,1	8,1	-
NORDESTE	36,1	39,7	10,0	322	464	44,3	11,6	18,4	58,6
CE	4,7	4,7	-	211	1.023	384,8	1,0	4,8	380,0
PE	13,8	17,4	26,0	284	317	11,6	3,9	5,5	41,0
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	10,6	10,6	-	377	500	32,6	4,0	5,3	32,5
CENTRO-OESTE	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
NORTE/NORDESTE	70,0	74,7	6,7	576	633	9,9	40,4	47,3	17,1
CENTRO-SUL	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
BRASIL	70,3	75,0	6,7	578	637	10,1	40,7	47,8	17,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para esse sétimo acompanhamento que a área total de feijão terá incremento para 3.078 mil hectares, 8,5% maior em relação à safra passada, sendo 1.387,1 mil hectares com feijão comum cores, 303,9 mil hectares com feijão comum preto e 1.386,3 mil hectares com feijão caupi. A

produção nacional de feijão deverá ficar em 3.285,3 mil toneladas e é 30,7% maior que a última temporada, sendo 2.106,2 mil toneladas com feijão comum cores, 533,8 mil toneladas com feijão comum preto e 645,6 mil toneladas com feijão caupi.



Figura 41 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)

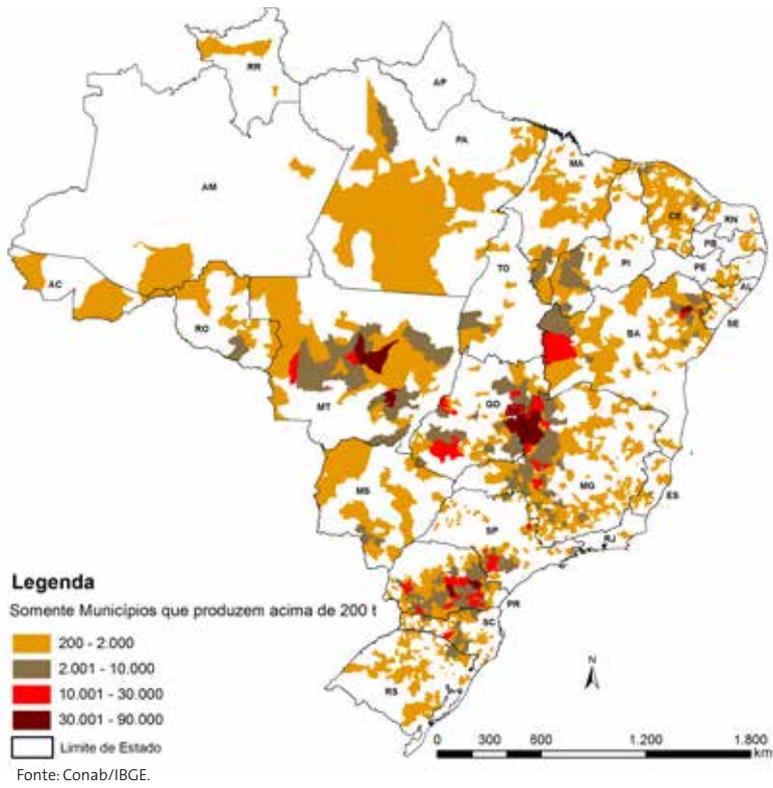


Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	91,6	93,0	1,5	841	833	(0,9)	77,1	77,5	0,5
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
RO	20,8	20,2	(2,9)	856	882	3,0	17,8	17,8	-
AC	7,7	7,6	(1,3)	595	601	0,9	4,6	4,6	-
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	32,9	33,2	0,9	723	723	-	23,8	24,0	0,8
TO	22,1	25,4	14,9	1.084	1.022	(5,8)	24,0	25,9	7,9
NORDESTE	1.412,9	1.534,4	8,6	240	419	74,7	338,4	642,2	89,8
MA	77,1	73,9	(4,2)	510	550	7,9	39,3	40,7	3,6
PI	214,5	230,0	7,2	145	363	151,1	31,0	83,6	169,7
CE	375,8	406,7	8,2	155	248	59,5	58,4	100,9	72,8
RN	29,9	48,1	60,9	213	348	63,4	6,4	16,7	160,9
PB	86,8	97,6	12,4	143	269	87,4	12,4	26,2	111,3
PE	197,1	208,7	5,9	221	269	22,1	43,5	56,2	29,2
AL	30,3	30,3	-	271	500	84,7	8,2	15,1	84,1
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	388,7	426,4	9,7	354	688	94,6	137,5	293,5	113,5
CENTRO-OESTE	386,8	425,6	10,0	1.445	1.736	20,1	558,8	738,8	32,2
MT	233,4	262,7	12,6	1.003	1.399	39,5	234,0	367,5	57,1
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	126,0	2,7	2.318	2.426	4,7	284,4	305,6	7,5
DF	16,1	16,1	0,1	1.581	2.129	34,6	25,4	34,3	35,0
SUDESTE	425,2	466,4	9,7	1.670	1.744	4,4	710,1	813,3	14,5
MG	334,5	346,5	3,6	1.555	1.542	(0,8)	520,0	534,2	2,7
ES	10,6	10,5	(0,9)	1.041	1.088	4,5	11,0	11,4	3,6
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.470	9,1	177,3	265,8	49,9
SUL	521,0	558,6	7,2	1.590	1.815	14,1	828,5	1.013,8	22,4
PR	389,7	429,1	10,1	1.510	1.791	18,6	588,5	768,6	30,6
SC	63,4	68,4	7,9	1.862	2.077	11,6	118,0	142,1	20,4
RS	67,9	61,1	(10,0)	1.797	1.688	(6,1)	122,0	103,1	(15,5)
NORTE/NORDESTE	1.504,5	1.627,4	8,2	276	442	60,1	415,5	719,7	73,2
CENTRO-SUL	1.333,0	1.450,6	8,8	1.574	1.769	12,4	2.097,4	2.565,9	22,3
BRASIL	2.837,5	3.078,0	8,5	886	1.067	20,5	2.512,9	3.285,6	30,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
PB	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-OESTE	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
DF	1,5	1,5	0,7	1.576	2.020	28,2	2,3	3,0	30,4
SUDESTE	9,7	19,2	97,9	893	908	1,7	8,7	17,5	101,1
MG	3,6	12,8	255,6	664	866	30,3	2,4	11,1	362,5
ES	4,3	4,6	7,0	1.042	972	(6,7)	4,5	4,5	-
RJ	1,8	1,8	-	995	1.048	5,3	1,8	1,9	5,6
SUL	285,8	282,1	(1,3)	1.590	1.818	14,3	454,5	512,9	12,8
PR	198,3	196,6	(0,9)	1.534	1.851	20,6	304,3	363,9	19,6
SC	29,6	34,4	16,2	1.762	2.031	15,3	52,2	69,9	33,9
RS	57,9	51,1	(11,7)	1.693	1.548	(8,6)	98,0	79,1	(19,3)
NORTE/NORDESTE	1,7	1,1	(35,3)	112	270	141,1	0,2	0,3	50,0
CENTRO-SUL	297,0	302,8	2,0	1.567	1.762	12,4	465,5	533,4	14,6
BRASIL	298,7	303,9	1,7	1.559	1.756	12,6	465,7	533,7	14,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	48,0	42,5	(11,5)	877	887	1,2	42,1	37,7	(10,5)
RO	20,8	20,2	(2,9)	856	882	3,0	17,8	17,8	-
AC	7,7	5,6	(27,3)	595	590	(0,8)	4,6	3,3	(28,3)
AM	4,1	2,8	(31,7)	927	925	(0,2)	3,8	2,6	(31,6)
AP	1,3	1,4	7,7	846	724	(14,4)	1,1	1,0	(9,1)
PA	7,9	6,8	(13,9)	651	700	7,5	5,1	4,8	(5,9)
TO	6,2	5,7	(8,1)	1.558	1.443	(7,4)	9,7	8,2	(15,5)
NORDESTE	381,6	401,3	5,2	373	670	80,0	142,1	268,9	89,2
CE	4,6	2,1	(54,3)	377	243	(35,5)	1,7	0,5	(70,6)
PB	24,0	24,6	2,5	177	323	82,5	4,2	7,9	88,1
PE	77,8	92,7	19,2	365	440	20,5	28,4	40,8	43,7
AL	23,3	23,3	-	236	530	124,6	5,5	12,3	123,6
SE	12,7	12,7	-	135	736	445,2	1,7	9,3	447,1
BA	239,2	245,9	2,8	420	806	91,6	100,6	198,1	96,9
CENTRO-OESTE	212,0	233,9	10,3	2.008	2.186	8,9	425,6	511,3	20,1
MT	60,4	72,8	20,5	1.712	1.971	15,2	103,4	143,5	38,8
MS	14,6	20,8	42,5	1.030	1.512	46,8	15,0	31,4	109,3
GO	122,7	126,0	2,7	2.318	2.426	4,7	284,4	305,6	7,5
DF	14,3	14,3	-	1.594	2.153	35,1	22,8	30,8	35,1
SUDESTE	414,9	432,9	4,3	1.689	1.819	7,7	701,0	787,3	12,3
MG	330,3	319,4	(3,3)	1.566	1.611	2,9	517,1	514,6	(0,5)
ES	6,3	5,9	(6,3)	1.040	1.178	13,3	6,6	6,9	4,5
SP	78,3	107,6	37,4	2.264	2.470	9,1	177,3	265,8	49,9
SUL	235,2	276,5	17,6	1.591	1.811	13,9	374,2	500,8	33,8
PR	191,4	232,5	21,5	1.485	1.740	17,2	284,3	404,6	42,3
SC	33,8	34,0	0,6	1.948	2.124	9,0	65,9	72,2	9,6
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.400	-	24,0	24,0	-
NORTE/NORDESTE	429,6	443,8	3,3	429	691	61,2	184,2	306,6	66,4
CENTRO-SUL	862,1	943,3	9,4	1.741	1.908	9,6	1.500,8	1.799,4	19,9
BRASIL	1.291,7	1.387,1	7,4	1.304	1.519	16,4	1.685,0	2.106,0	25,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	43,6	50,5	15,8	801	788	(1,7)	35,0	39,8	13,7
RR	2,7	2,4	(11,1)	731	650	(11,1)	2,0	1,6	(20,0)
AC	-	2,0	-	-	630	-	-	1,3	-
PA	25,0	26,4	5,6	746	729	(2,3)	18,7	19,2	2,7
TO	15,9	19,7	23,9	900	900	-	14,3	17,7	23,8
NORDESTE	1.029,6	1.132,0	9,9	191	329	72,9	196,1	373,0	90,2
MA	77,1	73,9	(4,2)	510	550	7,9	39,3	40,7	3,6
PI	214,5	230,0	7,2	145	363	151,1	31,0	83,6	169,7
CE	371,2	404,6	9,0	153	248	62,4	56,7	100,4	77,1
RN	29,9	48,1	60,9	213	348	63,4	6,4	16,7	160,9
PB	61,1	71,9	17,7	131	250	90,8	8,0	18,0	125,0
PE	119,3	116,0	(2,8)	127	133	5,4	15,1	15,5	2,6
AL	7,0	7,0	-	386	400	3,6	2,7	2,8	3,7
BA	149,5	180,5	20,7	247	528	113,9	36,9	95,3	158,3
CENTRO-OESTE	173,3	190,2	9,8	756	1.180	56,2	130,9	224,5	71,5
MT	173,0	189,9	9,8	755	1.180	56,2	130,6	224,0	71,5
DF	0,3	0,3	-	1.000	1.500	50,0	0,3	0,5	66,7
SUDESTE	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
MG	0,6	14,3	2.283,3	900	590	(34,4)	0,5	8,4	1.580,0
NORTE/NORDESTE	1.073,2	1.182,5	10,2	215	349	62,1	231,1	412,8	78,6
CENTRO-SUL	173,9	204,5	17,6	756	1.139	50,6	131,4	232,9	77,2
BRASIL	1.247,1	1.387,0	11,2	291	466	60,1	362,5	645,7	78,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.4.5. OFERTA E DEMANDA

O mercado segue calmo e a oferta segue formada, basicamente, de grão comercial, que se avoluma a cada dia, influenciando numa melhor formação dos preços, tendo em vista que são poucos os compradores interessados nesse tipo de mercadoria. O produto extra novo continua escasso, e o especial nota 8,5 vem atendendo os empacotadores em sua marca de primeira linha.

No Sul do país cerca de 80% da produção oriunda da primeira safra foram comercializados e o mercado está na expectativa da oferta proveniente da segunda safra, cuja colheita já começou, devendo se concentrar em maio, e se estender até junho. A perspectiva é de uma produção superior em aproximadamente 38% à registrada em 2016. Caso se confirme essa previsão, a tendência será de recuo dos preços.

Muitos comerciantes estão postergando suas compras, e aguardando o aumento na oferta, com melhor qualidade. Espera-se que tal procedimento venha a influir negativamente nos preços e, conseqüentemente, estimular o consumo que, nas últimas semanas, anda em baixa.

Os produtores que plantam com irrigação se prepararam para o plantio da safra de inverno (terceira safra) e acompanham atentamente o comportamento do

mercado. Se prevalecer esta tendência, muitos poderão migrar para o plantio de outras culturas, o que poderá comprometer o quadro de oferta.

Nas zonas de produção, dependendo da qualidade da mercadoria, os valores recebidos pelos produtores para os produtos recém-colhidos estão oscilando entre R\$ 110,00 e R\$ 160,00 a saca.

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, respectivamente, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por uma recuperação do consumo, passando de 2,8 para 3,5 milhões de toneladas.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: a produção da primeira e segunda safras, apurada no levantamento de campo realizado em março 2017, pela Conab, mais as previsões para a terceira safra, totalizarão 3,29 milhões de toneladas, que somadas ao estoque de passagem e às importações projetadas em 150 mil toneladas, propiciarão um suprimento de 3,62 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 151,6 mil toneladas.

Tabela 32 - Oferta e demanda

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo Aparente	Exportação	Estoque de passagem
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16(*)	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.285,6	150,0	3.621,6	3.350,0	120,0	151,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, apesar do atraso da colheita da soja devido ao excesso de chuva na região Oeste de Mato Grosso, polo que concentra praticamente toda a produção estadual de girassol, o plantio das lavouras somente foi concluído em março. As plantas encontram-se na fase de germinação (15%) e desenvolvimento vegetativo (85%). A expectativa para a safra 2016/17 é de aumento de aproximadamente 24,2% na área plantada em relação à safra anterior, passando de 25,6 mil hectares para 31,8 mil hectares. Até o momento não há relatos de ocorrência de pragas e doenças fora de controle que possa comprometer a produtividade. Assim, espera-se um rendimento médio de 1.571 kg/ha, ante aos 1.390 kg/ha no período 2015/16. A produção está estimada em 50 mil toneladas, volume 40,4% maior do que as 35,6 mil toneladas da safra anterior. Estima-se, ainda, que 80% da produção de girassol já esteja comercializada.

Em Goiás a área plantada com o girassol ficou em 16,6 mil hectares, acréscimo de 18,6% em relação à safra

anterior que foi de 14 mil hectares, a produção ficou em 21,6 mil toneladas, aumento de 54,3% em relação à safra 2016/17 que foi de 14 mil toneladas, incremento na produtividade de 30,2%, saindo de 1.000 kg/ha na safra passada, para 1.302 kg/ha na safra atual. A cultura no estado é incentivada e financiada pela indústria Caramuru de Itumbiara que faz a contratação, financiamento e assistência da produção de produtores que se dispõem em cultivar o girassol no estado, porém nada ainda plantado.

Em Minas Gerais, dados preliminares sinalizam tendência de ampliação de 14,3% no plantio de girassol, mas este crescimento pode ser ainda maior passando de 7 mil hectares em 2015/16 para 8 mil hectares na safra atual. O plantio ocorre normalmente em março e abril. Projetando-se uma produtividade média normal na ordem de 1.326 kg/ha, podendo haver crescimento de 58,2% na produção em comparação com a safra anterior, passando de 6,7 mil toneladas para 10,6 mil toneladas na atual.

Figura 42 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 43 – Mapa da estimativa de produtividade - Girassol

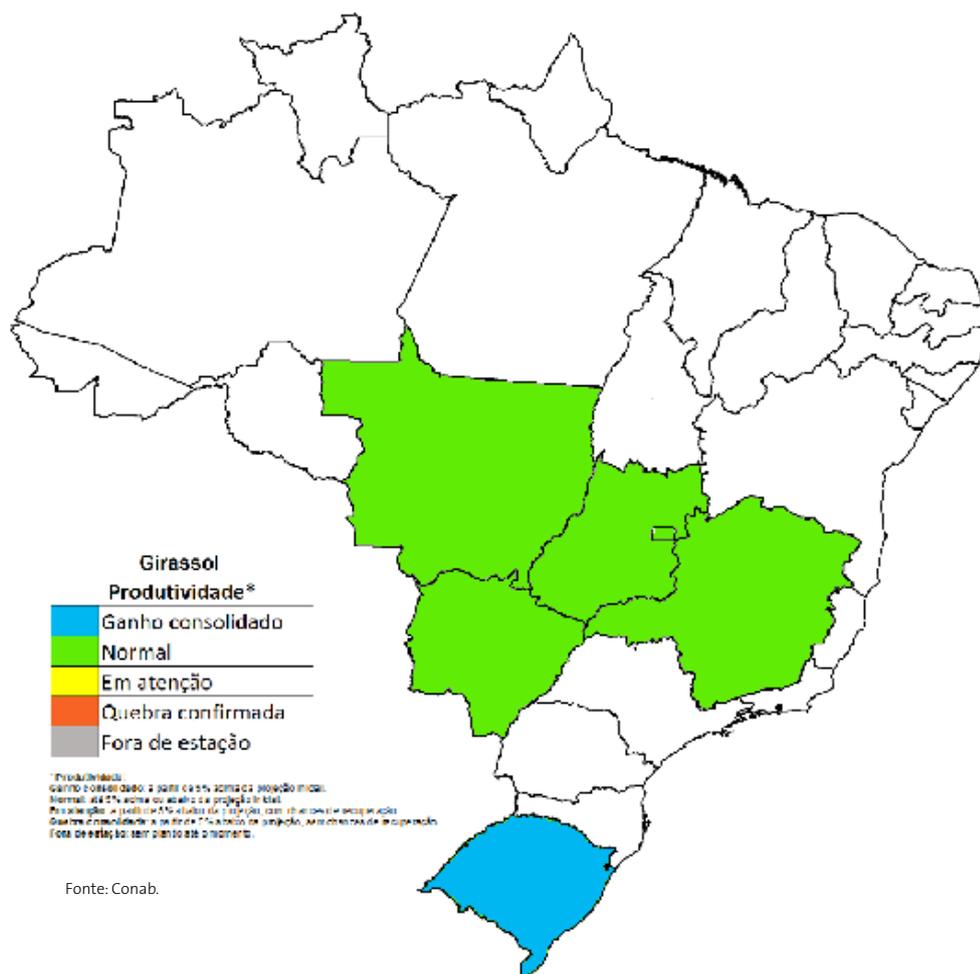


Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	41,2	50,3	22,1	1.261	1.493	18,5	52,0	75,1	44,4
MT	25,6	31,8	24,2	1.390	1.571	13,0	35,6	50,0	40,4
MS	1,3	1,3	-	1.236	1.575	27,4	1,6	2,0	25,0
GO	14,0	16,6	18,6	1.000	1.302	30,2	14,0	21,6	54,3
DF	0,3	0,6	100,0	2.500	2.500	-	0,8	1,5	87,5
SUDESTE	7,0	8,0	14,3	952	1.326	39,3	6,7	10,6	58,2
MG	7,0	8,0	14,3	952	1.326	39,3	6,7	10,6	58,2
SUL	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
RS	3,3	3,3	-	1.339	1.626	21,4	4,4	5,4	22,7
CENTRO-SUL	51,5	61,6	19,6	1.224	1.479	20,8	63,1	91,1	44,4
BRASIL	51,5	61,6	19,6	1.224	1.479	20,8	63,1	91,1	44,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2016/17 de mamona é de recuo de área plantada, alcançando 30,5 mil hectares, que representa decréscimo de 4,1% em relação à safra passada, que foi de 31,8 mil hectares, crescimento na produção de 1,4%, saindo de 14,8 mil toneladas da safra passada, para 15 mil toneladas nesta safra. A mamoneira é uma espécie de planta que pode ser manejada deixando soqueira para a safra do ano seguinte, portanto, parte da área cultivada é remanescente da safra passada.

Na Bahia, o cultivo de mamona ocupa a área de 21,1 mil hectares. Nesta safra 4 mil hectares são plantas remanescentes da safra passada e 17,1 mil hectares são de plantio novo. O plantio das novas áreas foi fi-

nalizado em dezembro e o início da colheita está previsto para junho e estima-se que sejam produzidas 9,8 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam acréscimo 0,5% na área cultivada e redução de 23,4% na produção. A severidade do clima, com prolongada estiagem, comprometeu o desenvolvimento das plantas de mamona. A cultura apresenta baixo desenvolvimento, com plantas desuniformes e baixo grau de frutificação em áreas remanescentes das safras anteriores. A maior parte das áreas de mamona está na fase de desenvolvimento vegetativo, mas é possível observar em campo, plantas em floração e também em frutificação devido à manutenção de cultivos remanescentes de safras anteriores.

Figura 44 – Cultivo de mamona com plantas em tamanhos diferentes e baixa densidade de plantio em Irecê/BA



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, concentrada na região Norte de Minas, a área de plantio de mamona está estimada em 200 hectares em face dos resultados insatisfatórios, seja em termos de rendimento, seja no tocante às dificuldades de mercado. As adversidades climáticas, ocorridas nas últimas safras, vêm inviabilizando o cultivo desta oleaginosa. Com produtividade média de 900 kg/ha, 1% menor que a safra passada, a produção

poderá alcançar 0,2 mil toneladas. A colheita deverá iniciar-se a partir de maio.

Em Mato Grosso foram identificadas lavouras comerciais de mamona híbrida, localizadas nos municípios de Campo Novo do Parecis, Itiquira e Primavera do Leste. Com estimativa de área total na ordem de 1,7 mil hectares, produtividade em torno de 1.200 kg/ha, com



produção total esperada de 2 mil toneladas. O plantio foi realizado em março, estando as lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo. Estima-se que toda a

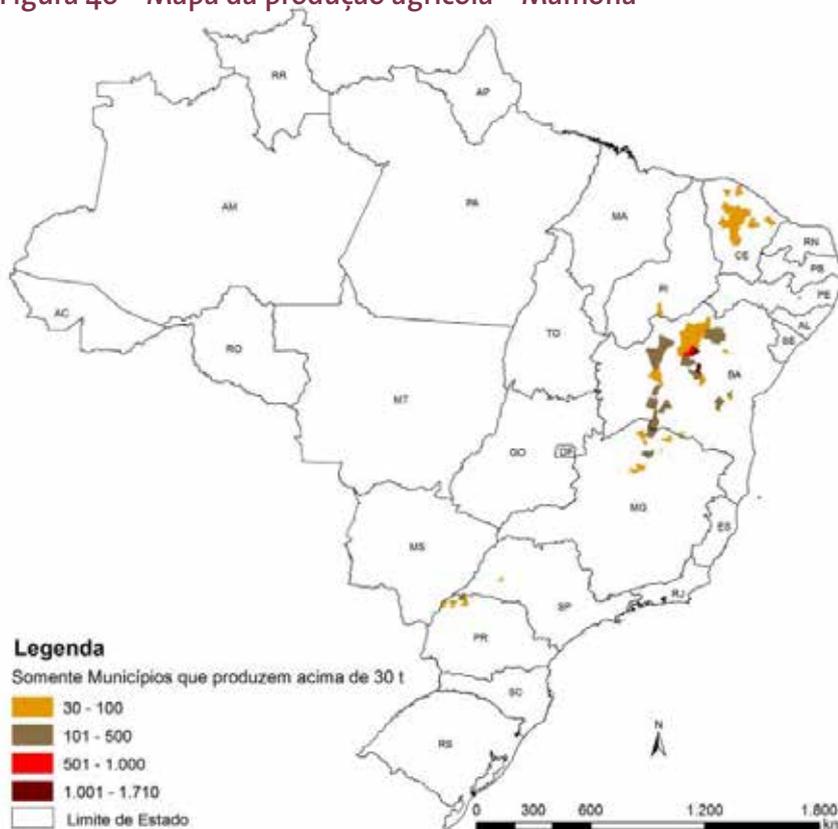
produção já esteja comercializada à indústria química, por meio de contratos futuros.

Figura 45 – Lavoura de Mamona em Campo Novo do Parecis/MT



Fonte: Conab.

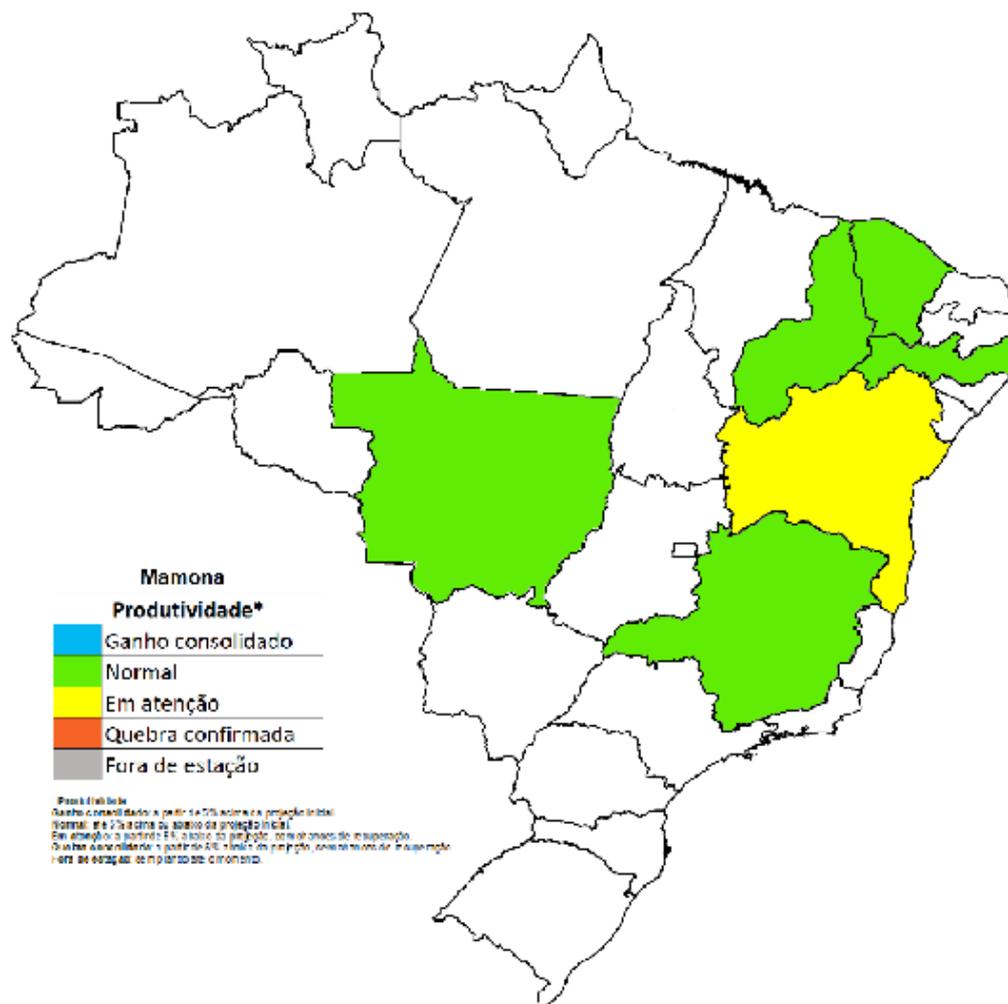
Figura 46 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.



Figura 47 – Mapa da estimativa de produtividade - Mamona



Fonte: Conab.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	31,5	28,6	(9,2)	461	448	(2,8)	14,5	12,8	(11,7)
PI	0,6	0,2	(60,0)	500	494	(1,2)	0,3	0,1	(66,7)
CE	8,3	6,4	(23,0)	122	440	260,7	1,0	2,8	180,0
PE	1,6	0,9	(43,8)	244	120	(50,8)	0,4	0,1	(75,0)
BA	21,0	21,1	0,5	610	464	(23,9)	12,8	9,8	(23,4)
CENTRO-OESTE	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
MT	-	1,7	-	-	1.200	-	-	2,0	-
SUDESTE	0,3	0,2	(33,3)	909	900	(1,0)	0,3	0,2	(33,3)
MG	0,3	0,2	(33,3)	909	900	(1,0)	0,3	0,2	(33,3)
NORTE/NORDESTE	31,5	28,6	(9,2)	461	448	(2,8)	14,5	12,8	(11,7)
CENTRO-SUL	0,3	1,9	533,3	909	1.168	28,5	0,3	2,2	633,3
BRASIL	31,8	30,5	(4,1)	465	493	6,0	14,8	15,0	1,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Nesta safra os produtores de milho utilizaram um bom pacote tecnológico no sistema de cultivo. Essas características, aliadas ao comportamento do clima nas principais regiões produtoras do país, trouxeram como resultado elevadas produtividades, repercutindo na expectativa de produções recordes para o cereal. A área estimada neste levantamento prevê um incremento nacional de 3,7% em relação ao exercício anterior, incentivado pelo comportamento agressivo dos produtores da Região Centro-Sul, que aumentaram em 6,2% a área plantada desta safra.

Na Região Centro-Oeste, a área de milho primeira safra foi estimada em 350 mil hectares, 9,3% superior aos registrados na safra passada. Em Mato Grosso o incremento pode ser atribuído às regiões confinadoras de bovinos, cuja ausência de oferta do cereal estimulou o seu cultivo, sobretudo para o abastecimento doméstico das fazendas, além das boas expectativas de mercado na época do plantio. As chuvas regulares, ocorridas nas principais fases das lavouras, permitem projetar um rendimento médio de 7.676 kg/ha, ante aos 6.412 kg/ha no período produtivo anterior.

Em Goiás a necessidade de cumprir contratos de entrega de milho para compensar a frustração pela quebra da segunda safra de milho passada, bem como pelos patamares de preços, na época do plantio, contribuíram para o aumento da área plantada neste período de verão (5,5%), quebrando uma sequência de redução de área das últimas safras.

Em Mato Grosso do Sul a área a ser colhida está estimada em 28 mil hectares, apresentando crescimento de 75% em relação à safra passada. O milho já começou a ser colhido, estimando-se em 30% da área total até esta semana, estando mais adiantada nas regiões sudeste e sudoeste do estado. Com relação a produtividade, estima-se em 8.880 kg/ha, o que representa redução na ordem de 1,3% em relação ao levantamento anterior, explicado pelos bons índices alcançados

no início da colheita da região nordeste, onde, além da alta tecnologia empregada nas lavouras, as áreas de plantio são caracterizadas por chapadões de altitudes, altamente produtivas para o milho.

Na Região Sul ocorreu incremento na área com o cereal de 6,2% em relação ao período anterior. No Rio Grande do Sul, com o início da colheita da soja, o deslocamento das máquinas para esta atividade e as estruturas de armazenamento priorizando o recebimento da leguminosa, o ritmo de colheita do milho diminuiu consideravelmente, muito embora mais de 80% do produto já esteja colhido. As áreas restantes, na sua maioria pequenas propriedades, concluirão a colheita após o encerramento da soja. Nas principais regiões produtoras do estado, fatores como o alongamento do ciclo em razão da boa distribuição das chuvas, a menor pressão de doenças e pragas, a boa luminosidade e a amplitude térmica favoreceram o potencial produtivo da cultura, projetando rendimento médio acima de 7.560 kg/ha. No entanto, em regiões onde o clima foi ainda mais favorável e a tecnologia adequada, foram obtidas médias acima de 9.000 kg/ha. A área semeada em segunda safra, como já era esperado, é irrisória, tendo a maioria dos produtores optado pela soja. Onde o milho foi semeado, as lavouras se encontram em desenvolvimento vegetativo e início do pendoamento e apresentam bom aspecto. Caso as condições climáticas sejam desfavoráveis no próximo período, estas lavouras se destinarão à silagem.

Em Santa Catarina, a colheita atinge 55% da área total e o restante encontra-se no estágio de maturação (40%). Com o avanço da maturação da soja há tendência de redução no ritmo de colheita do milho, haja vista que este suporta melhora as variações do clima nesta fase, ao contrário da oleaginosa. Ainda, o clima instável dos últimos dias, representado por chuvas frequentes, apesar de baixo volume em algumas regiões, contribuiu para a desaceleração da colheita.



Figura 48 – Milho primeira safra pronto para a colheita em Campo Belo do Sul/SC



Fonte: Conab.

Os resultados obtidos até o momento indicam um aumento na produtividade média em todas as regiões produtoras, partindo de 7.200 kg/ha até 11.000 kg/ha em algumas lavouras onde o clima mais positivo, aliado ao uso de insumos adequados, favoreceram o potencial produtivo dos materiais implantados. As lavouras que ainda estão no campo são pouco dependentes das condições climáticas para finalizarem seu ciclo, o que deve manter a produtividade média em bons patamares, corroborando a expectativa de forte incremento na produção, que apresenta crescimento de 18,1% em relação ao ocorrido na safra passada.

No Paraná a colheita do milho avança, estimando-se em 69% dos 501,9 mil hectares plantados. A produtividade que vem sendo obtida, de 9.000 kg/ha, representa um aumento de 13,2% em relação à safra anterior. Este ótimo rendimento se deve às condições climáticas favoráveis e à utilização de materiais

transgênicos de alta performance. Os preços do milho apresentam-se em queda e o produtor está segurando as vendas, esperando uma melhora nos preços. A qualidade do grão é boa, sendo raros os relatos de pragas e doenças.

Na Região Sudeste a cultura experimentou forte incremento na área plantada, 5,1% em relação ao exercício anterior. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de milho primeira safra está estimada em 909,4 mil hectares, com acréscimo de 8,6% em relação à safra anterior devido às boas cotações do produto ao longo da última temporada. Estima-se uma produtividade média de 6.270 kg/ha, já contabilizando uma pequena redução em relação ao levantamento anterior devido à estiagem verificada entre meados de dezembro a meados de janeiro de 2017, nas regiões noroeste e norte. Dessa forma, espera-se uma produção de 5.701,9 mil toneladas, 11,6% superior à safra passada. Com a colheita já iniciada as lavouras encontram-se em sua maioria em fase de maturação.

Figura 49 – Milho primeira safra pronto para a colheita em São João Boa da Vista/SP



Fonte: Conab.



Na Região Norte-Nordeste, o levantamento atual aponta para um incremento na área de 0,3% em relação ao ano passado, contrariando a expectativa de forte redução no início do plantio.

Na região do Matopiba, onde os estados produtores podem optar por deslocar parte dos excedentes para exportação, como para atendimento ao Nordeste, ocorreu redução de área, estimado em 5,4% para o conjunto dos estados, no plantio da primeira safra, que devolveu área para a soja após as frustrações do clima no ano passado. Mesmo com a redução na área, as condições do clima, que apresentaram mudança significativa em relação ao ocorrido no exercício passado, sugerem forte aumento nas estimativas de produtividade e por consequência na produção, com percentuais de 39,8 e 33,2, respectivamente.

Em Tocantins a área cultivada neste levantamento foi 36,3% menor ao se comparar com à safra passada. Isso ocorreu devido às anormalidades climáticas da safra passada, onde após diversos replantios de áreas de soja e passado o prazo da janela ideal para realizar o plantio da oleaginosa, além da escassez de sementes desta, os produtores acabaram plantando milho

nas áreas que inicialmente se destinavam à soja. Ao contrário dos anos normais, onde o milho era semeado somente após o término do plantio da soja, nesta safra aumentou o percentual das lavouras plantadas no início do período chuvoso, objetivando a colheita ocorrer mais cedo e se obter um melhor preço no mercado interno. A colheita já teve início em algumas localidades e mais da metade das lavouras já se encontram em maturação. A surpresa aparece por conta do rendimento médio das lavouras, cerca de 41,1% maior nesta safra, resultante das melhores condições climáticas.

No Maranhão, a cultura está com o seu plantio finalizado. Os grandes e médios produtores, que dispõem de manejo tecnificado, já haviam preparado toda a área a ser cultivada no intuito de otimização do tempo. No cômputo geral, 49% das lavouras encontram-se na fase de maturação, 22% em enchimento de grãos, 17% em floração e 12% em desenvolvimento vegetativo. A área cultivada equivale a 276,5 mil hectares, com um crescimento de 3% em relação ao plantio do ano passado, revertendo uma tendência observada até o levantamento anterior.

Figura 50 – Milho primeira safra em florescimento em Itinga do Maranhão/MA



Fonte: Conab.

No Piauí a área de milho primeira safra está estimada em 414,4 mil hectares, apresentando redução de 12% em relação à safra passada. No período do levantamento, as fases da cultura distribuíam-se da seguinte forma: 30% em floração, 60% em frutificação e 10% em maturação. A incidência de pragas tem sido baixa, não apresentando dificuldade no controle. As lavouras apresentam excelente desenvolvimento vegetativo e são esperados excelentes níveis de produtividades, quando comparado com o exercício anterior. A produtividade esperada, englobando a agricultura empresarial e familiar, gira em torno de 2.550 kg/ha,

gerando um aumento de 71,1% em relação à safra anterior.

Na Bahia a área plantada foi estimada em 381,9 mil hectares, representando incremento de 2,8% em relação ao exercício passado. O plantio nesta safra começou em outubro e foi finalizado em fevereiro. A colheita foi iniciada em março, com a expectativa de produção em torno de 1.475,3 mil toneladas de grãos. Os campos de milho no estado estão localizados no centro norte, centro sul, vale do São Francisco e extremo oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plan-



tio direto e convencional. No centro norte estima-se o cultivo de 32,7 mil hectares em manejo de sequeiro com plantio convencional. As lavouras estão em ambiente de alta restrição hídrica, podendo-se encontrar campos com a produtividade comprometida. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 54,8% em relação à safra passada. Entretanto, as primeiras expectativas desta safra apontavam para o cultivo de cerca de 79 mil hectares, e com a estiagem em dezembro deixaram de ser plantado cerca de 47 mil hectares. No centro-sul do estado estima-se o cultivo de 61 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras

sofreram com a intensidade da estiagem que castiga a região. Em algumas microrregiões a estiagem é tão severa que não houve condição para a lavoura completar a ciclo produtivo e não haverá produção para colher. No vale do São Francisco estima-se o cultivo de 51,2 mil hectares em manejo de sequeiro e irrigado. Em face da intensa estiagem ocorrida na região, as previsões iniciais de rendimento na ordem de 600 kg/ha (10 sc/ha) foi reduzida para 180 kg/ha (3 sc/ha) para os cultivos de sequeiro e 9.000 kg/ha (150 sc/ha) nos cultivos irrigados. Espera-se uma produção de 30,1 mil toneladas, computando sequeiro e irrigado.

Figura 51 – Milho primeira safra em maturação em Luiz Eduardo Magalhães/BA



Fonte: Conab.

No extremo oeste estima-se o cultivo de 237 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. As lavouras de sequeiro estão apresentando bom desenvolvimento, mas o veranico de dezembro e janeiro causou danos nos cultivos que estavam em estágio de florescimento e frutificação (cerca de 40% da área cultivada) devido à grande incidência da praga cigarrinha. Ambos os fatores reduziram a estimativa de produtividade em cerca de 20%. As lavouras irrigadas foram plantadas no fim de fevereiro e início de março após a colheita da soja. Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado estima-se uma produtividade em torno de 6.000 kg/ha.

No Rio Grande do Norte a produção de milho está longe de atender a necessidade de consumo do estado. Por isso, anualmente o abastecimento do cereal é compensado com as importações de outros estados produtores. Nos anos de seca a dependência ainda é maior, quando aumentam as dificuldades demandadas pelos segmentos de avicultores, suinocultores, bovinocultores e caprino/ovinocultores. Para a safra

2016/17 as estimativas apontam que teremos uma produção de 24,5 mil toneladas de milho, representando incremento de 218,2% em relação à safra anterior. Isso, devido às condições climáticas até então apresentadas serem melhores que às do ano anterior. O levantamento indica ainda que serão cultivados 44,1 mil hectares de milho (grãos), representando incremento de 76,3% em relação à safra anterior. Essa área poderá ser maior caso as sementes que serão distribuídas pelo programa do governo estadual sejam entregues tempestivamente, pois observamos durante as pesquisas que parte dos produtores está tão somente aguardando essas sementes para execução do plantio.

O total da área plantada com milho primeira safra, para o período 2016/17, atingiu 5.556 mil hectares, contra 5.356,6 mil observado no exercício anterior. A produção atinge o montante de 29.861,1 mil toneladas, representando incremento de 16% em relação à safra passada.



Figura 52 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra

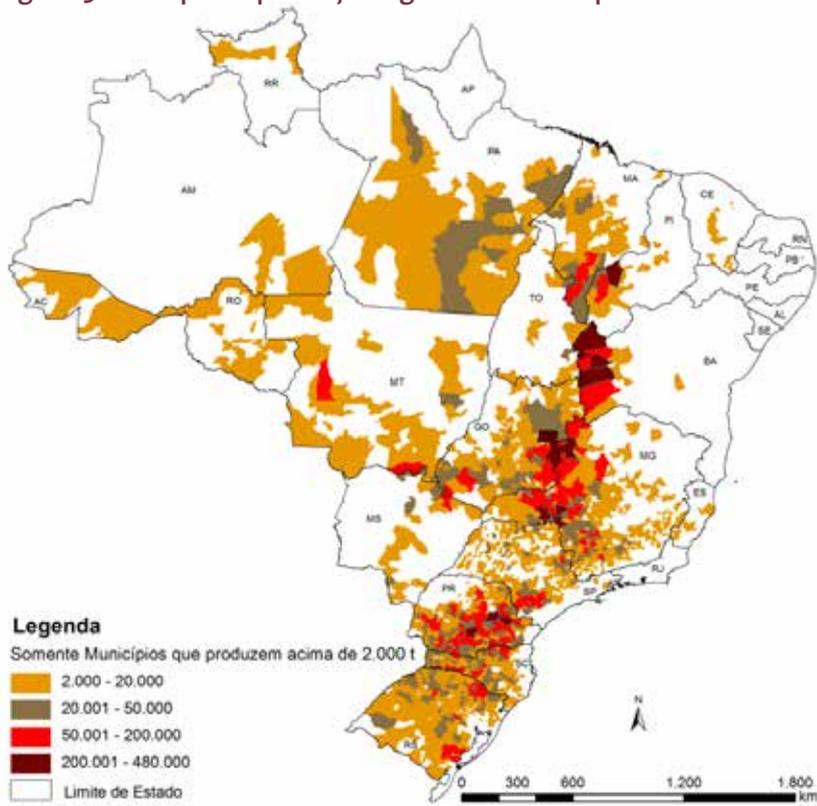
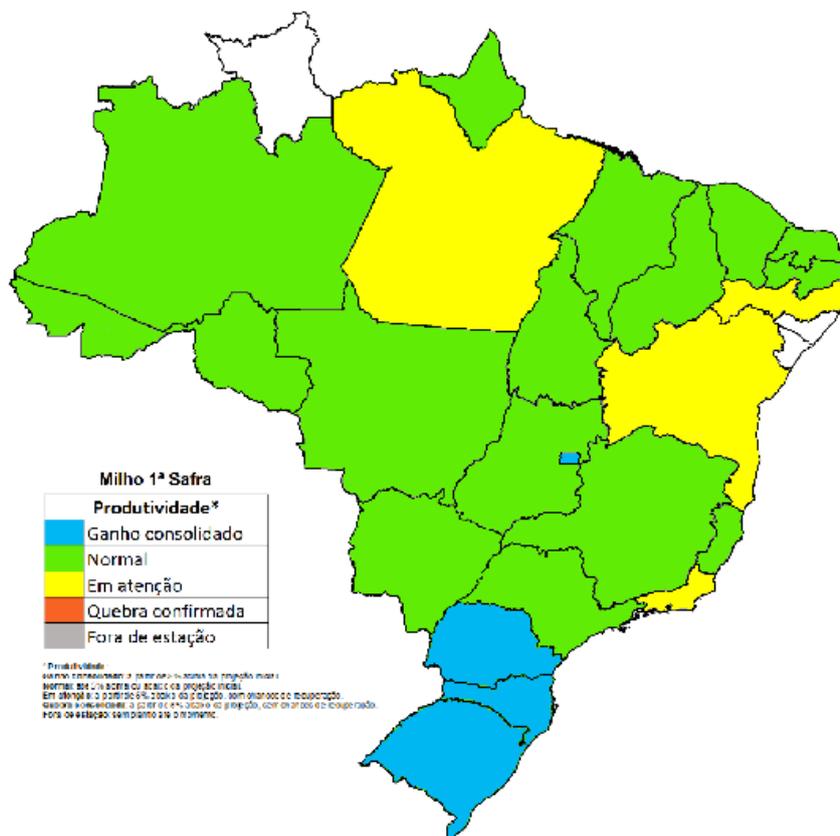


Figura 53 – Mapa da estimativa de produtividade: Milho primeira safra



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
PI	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C		
CE	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
RN	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Paraibano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C
PE	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sertão Pernambucano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Agreste Pernambucano							P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F/FR	FR/M	M/C	C		C		
MT	Sudeste Mato-grossense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Centro Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Leste Goiano		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sul Goiano		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
DF	Distrito Federal		P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
SC	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	327,0	314,0	(4,0)	3.142	3.126	(0,5)	1.027,3	981,7	(4,4)
RO	38,6	38,6	-	2.657	2.654	(0,1)	102,6	102,4	(0,2)
AC	39,6	35,2	(11,0)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(2,8)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	169,6	183,5	8,2	3.334	2.990	(10,3)	565,4	548,7	(3,0)
TO	72,0	45,9	(36,3)	3.436	4.849	41,1	247,4	222,6	(10,0)
NORDESTE	1.865,2	1.884,6	1,0	1.537	2.221	44,5	2.866,9	4.185,3	46,0
MA	268,4	276,5	3,0	2.687	4.008	49,2	721,2	1.108,2	53,7
PI	471,0	414,4	(12,0)	1.490	2.550	71,1	701,8	1.056,7	50,6
CE	460,2	511,3	11,1	356	847	137,9	163,8	433,1	164,4
RN	25,0	44,1	76,3	309	556	79,9	7,7	24,5	218,2
PB	84,6	90,3	6,7	237	463	95,4	20,1	41,8	108,0
PE	184,6	166,1	(10,0)	120	275	129,2	22,2	45,7	105,9
BA	371,4	381,9	2,8	3.312	3.863	16,6	1.230,1	1.475,3	19,9
CENTRO-OESTE	320,3	350,0	9,3	7.636	8.023	5,1	2.445,9	2.808,1	14,8
MT	31,1	33,4	7,3	6.412	7.676	19,7	199,4	256,4	28,6
MS	16,0	28,0	75,0	9.000	8.880	(1,3)	144,0	248,6	72,6
GO	246,4	260,0	5,5	7.800	8.000	2,6	1.921,9	2.080,0	8,2
DF	26,8	28,6	6,7	6.740	7.800	15,7	180,6	223,1	23,5
SUDESTE	1.237,0	1.300,3	5,1	6.079	6.215	2,2	7.519,9	8.081,5	7,5
MG	837,4	909,4	8,6	6.100	6.270	2,8	5.108,1	5.701,9	11,6
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	384,0	374,8	(2,4)	6.164	6.230	1,1	2.367,0	2.335,0	(1,4)
SUL	1.607,1	1.707,1	6,2	7.403	8.087	9,2	11.898,1	13.804,5	16,0
PR	414,1	501,9	21,2	7.953	9.000	13,2	3.293,3	4.517,1	37,2
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.000	9,1	2.712,1	3.202,4	18,1
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.192,2	2.198,6	0,3	1.776	2.350	32,3	3.894,2	5.167,0	32,7
CENTRO-SUL	3.164,4	3.357,4	6,1	6.909	7.355	6,5	21.863,9	24.694,1	12,9
BRASIL	5.356,6	5.556,0	3,7	4.809	5.375	11,8	25.758,1	29.861,1	15,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Centro-Oeste, principal produtora nacional, a área plantada está estimada em 7.259,9 mil hectares, representando um incremento de 7,6% em relação ao plantio passado. Em Mato Grosso apenas na primeira quinzena de março o plantio do milho segunda safra atingiu os 100%, ultrapassando a janela ideal recomendada para a semeadura da cultura devido ao atraso na colheita da soja. As lavouras mais precoces encontram-se em fase de frutificação, entretanto, a maior parte está em desenvolvimento vegetativo.

Mesmo com o cenário de preços futuros em baixa, a área de milho para essa safra confirmou a tendência de significativo aumento, cerca de 13%, passando de 3.769 mil hectares em 2015/16 para 4.260,8 mil hectares nessa safra. Com previsão de condições climáticas favoráveis, projeta-se rendimento médio de 5.679 kg/ha, ante aos 3.999 kg/ha na safra 2015/16, representando um incremento esperado de 42% em relação ao exercício anterior.



Figura 54 – Milho segunda safra em maturação em Nova Ubiratã/MT



Fonte: Conab

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada apresentou neste levantamento incremento de 2,1% em relação ao ano anterior, atingindo 1.700 mil hectares. A cultura começou a ser plantada principalmente no sudeste do estado, onde a colheita da soja está mais adiantada, estimando-se a conclusão de 95% da área total. Desse número, aproximadamente 14% encontra-se no estágio de germinação, 68% em desenvolvimento vegetativo, 11% em florescimento e 2% em frutificação. O plantio ocorre no sistema de plantio direto praticamente na sua totalidade, com utilização de sementes transgênicas de ciclo precoce e superprecoce, para o escape do período seco nas fa-

ses de floração e enchimento de grãos. A maior parte das áreas são cultivadas com híbridos simples, apesar de haver plantios consideráveis de triplo e duplo em áreas marginais, onde não serão realizados maiores investimentos na produção ou em áreas onde o cultivo ocorre em períodos considerados de alto risco. Os preços do cereal seguem em queda, sendo esperado que ocorra retenção do grão à espera de melhores condições de venda, havendo risco de colapso no sistema de armazenagem, forçando a utilização de alternativas como o silo bolsa, como já verificado em safras anteriores.

Figura 55 – Milho segunda safra em desenvolvimento vegetativo em São Gabriel do Oeste/MS



Fonte: Conab



Figura 56 – Milho segunda safra em floração/enchimento de grãos em Aral Moreira/MS



Fonte: Conab

A Região Sul, segunda maior produtora nacional, tem o Paraná como único representante. A área de plantio estimada em 2.350,6 mil hectares apresenta-se, a despeito do relativo atraso no plantio do milho safrinha devido ao atraso na colheita da soja, em boas condições, em face do clima favorável para as lavouras e o controle de pragas que está sendo realizado preventivamente pelos produtores. A produtividade está sendo estimada em 5.390 kg/ha, representando incremento de 5,9% em relação à safra passada. Há de se considerar que a safra passada houve quebra por conta de estiagem e geadas. Dessa forma, mesmo que a maior parte da lavoura tenha sido implantada dentro do calendário de zoneamento agrícola, parte do milho foi implantado num período com menor potencial produtivo, o que pode reduzir a produtividade estimada.

A Região Nordeste, especialmente nos estados que compõem o Matopiba e onde a janela do clima permite a sucessão do plantio, deverão apresentar forte incremento na área plantada, estando previsto atingir 33,2% em relação ao exercício anterior. No Maranhão

o forte crescimento da área de milho na segunda safra se deu pelas ótimas condições climáticas da região, com chuvas abundantes e bem distribuídas, que estimulou os produtores a estenderem a janela de plantio. A área plantada que na safra passada atingiu 85,9 mil hectares, nesta, está sendo estimada em 201,9 mil, representando incremento de 135%. Na Bahia, o cultivo do milho segunda safra, deverá ocupar a área de 247,3 mil hectares. Os plantios que se concentram no nordeste do estado serão realizados a partir de abril.

Em Tocantins, o milho segunda safra teve um crescimento expressivo na área cultivada no estado (50%) em relação à safra passada, reduzida devido ao atraso no plantio da soja e à grande incerteza gerada pela escassez de chuvas. A despeito do aumento na área plantada dessa safra, os produtores estão muito cautelosos devido, principalmente, aos níveis de preços considerados desestimulantes. Nota-se redução do investimento para a cultura, como aquisição de sementes reclassificadas e aplicação de menores doses de adubo. O plantio se encontra na reta final.

Figura 57 – Milho segunda safra desenvolvimento vegetativo Caseara/TO



Fonte: Conab



Figura 58 – Milho segunda safra em floração em Caseara/TO



Fonte: Conab

Na Região Sudeste, a área levantada pela pesquisa mostra leve incremento em relação ao ocorrido na safra passada (2,7%). Em Minas Gerais, estima-se incremento de 2,6% na área de plantio, passando de 371 mil hectares para 380,7 mil hectares. O plantio teve início em janeiro, com maior concentração em fevereiro, devendo se estender até meados de março. Estima-se, a depender das condições climáticas no transcorrer da safra, uma produtividade média de 5.265 kg/ha, incremento de 140,3% em relação à safra anterior, justificando pelas elevadas perdas registradas na safra passada

em decorrência da grande estiagem verificada.

Em São Paulo é esperado incremento na área de 2,8%, motivada pelos preços remuneradores. Além de ajudar a controlar plantas daninhas, a alternativa de plantar a segunda safra de milho vem se tornando uma opção bastante viável ao produtor. Caso as condições climáticas favoráveis continuem nesta safra, é esperado forte incremento na produtividade (36,3%), bastante comprometida no ano passado em virtude da escassez hídrica.

Figura 59 – Milho segunda safra em desenvolvimento vegetativo em Franca/SP



Fonte: Conab

A posição consolidada da área de milho, reunindo a primeira e segunda safras brasileiras, no exercício 2016/17, deverá atingir 17.077,1 mil hectares, representando um incremento de 7,3%, comparado com o plantio do ano passado. A persistirem as boas condi-

ções climáticas nas principais regiões produtoras do país é razoável admitir uma produção recorde, atingindo 91,5 milhões de toneladas, com um incremento percentual de 37,5% em relação à safra passada.

Figura 60 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra

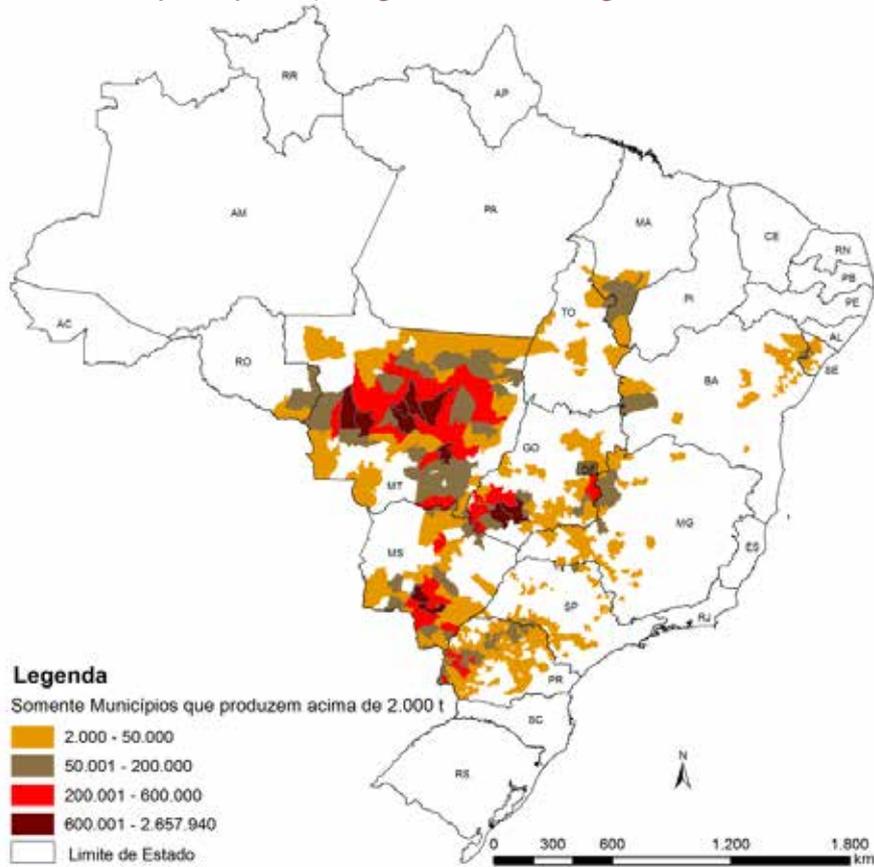
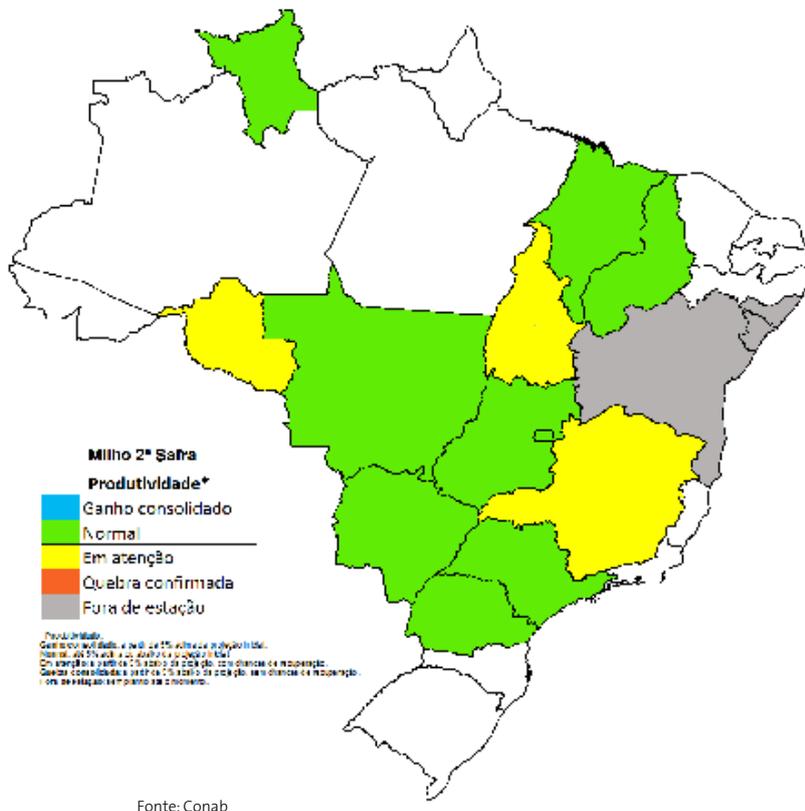


Figura 61 – Mapa da estimativa de produtividade – Milho segunda safra



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra.

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	C							PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	M/C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	246,2	382,8	55,5	3.816	4.220	10,6	939,5	1.615,5	72,0
RR	4,6	4,5	(2,8)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	119,5	145,4	21,7	4.613	4.034	(12,6)	551,3	586,5	6,4
PA	26,5	89,3	237,0	3.072	4.014	30,7	81,4	358,5	340,4
TO	95,6	143,6	50,2	3.063	4.561	48,9	292,8	655,0	123,7
NORDESTE	560,0	691,4	23,5	1.015	3.271	222,1	568,7	2.261,5	297,7
MA	85,9	201,9	135,0	1.784	4.200	135,4	153,2	848,0	453,5
PI	21,5	36,9	71,6	1.756	4.409	151,1	37,8	162,7	330,4
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	247,3	247,3	-	881	1.844	109,3	217,9	456,0	109,3
CENTRO-OESTE	6.747,1	7.259,9	7,6	3.824	5.649	47,7	25.798,5	41.008,8	59,0
MT	3.769,0	4.260,8	13,0	3.999	5.679	42,0	15.072,2	24.197,1	60,5
MS	1.665,0	1.700,0	2,1	3.679	5.140	39,7	6.125,5	8.738,0	42,6
GO	1.274,7	1.260,7	(1,1)	3.537	6.130	73,3	4.508,6	7.728,1	71,4
DF	38,4	38,4	-	2.400	9.000	275,0	92,2	345,6	274,8
SUDESTE	814,3	836,4	2,7	2.793	4.844	73,4	2.274,5	4.051,9	78,1
MG	371,0	380,7	2,6	2.191	5.265	140,3	812,9	2.004,4	146,6
SP	443,3	455,7	2,8	3.297	4.493	36,3	1.461,6	2.047,5	40,1
SUL	2.198,3	2.350,6	6,9	5.091	5.390	5,9	11.191,5	12.669,7	13,2
PR	2.198,3	2.350,6	6,9	5.091	5.390	5,9	11.191,5	12.669,7	13,2
NORTE/NORDESTE	806,2	1.074,2	33,2	1.871	3.609	92,9	1.508,2	3.877,0	157,1
CENTRO-SUL	9.759,7	10.446,9	7,0	4.023	5.526	37,4	39.264,5	57.730,4	47,0
BRASIL	10.565,9	11.521,1	9,0	3.859	5.347	38,6	40.772,7	61.607,4	51,1

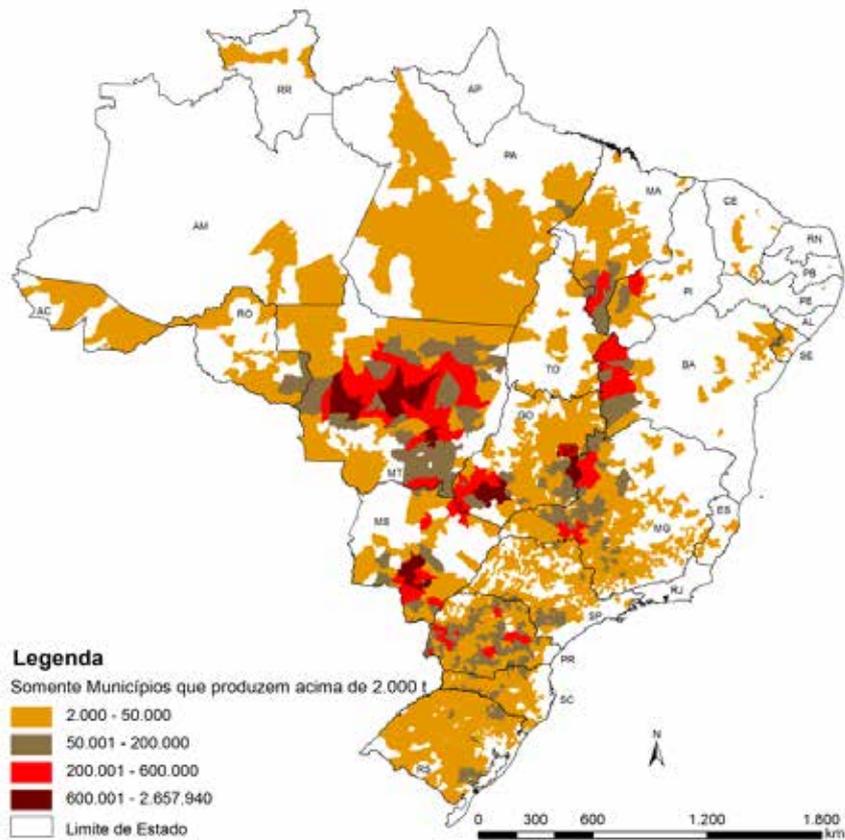
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 62 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	573,2	696,8	21,6	3.431	3.727	8,6	1.966,8	2.597,1	32,0
RR	4,6	4,5	(2,2)	3.036	3.450	13,6	14,0	15,5	10,7
RO	158,1	184,0	16,4	4.135	3.745	(9,5)	653,8	689,0	5,4
AC	39,6	35,2	(11,1)	2.442	2.361	(3,3)	96,7	83,1	(14,1)
AM	5,4	9,1	68,5	2.515	2.550	1,4	13,6	23,2	70,6
AP	1,8	1,7	(5,6)	902	980	8,6	1,6	1,7	6,3
PA	196,1	272,8	39,1	3.299	3.325	0,8	646,9	907,1	40,2
TO	167,6	189,5	13,1	3.223	4.631	43,7	540,2	877,5	62,4
NORDESTE	2.425,2	2.576,0	6,2	1.417	2.503	76,7	3.435,4	6.446,8	87,7
MA	354,3	478,4	35,0	2.468	4.089	65,7	874,4	1.956,2	123,7
PI	492,5	451,3	(8,4)	1.502	2.702	79,9	739,5	1.219,4	64,9
CE	460,2	511,3	11,1	356	847	137,9	163,8	433,1	164,4
RN	25,0	44,1	76,4	309	556	79,9	7,7	24,5	218,2
PB	84,6	90,3	6,7	237	463	95,4	20,1	41,8	108,0
PE	184,6	166,1	(10,0)	120	275	129,2	22,2	45,7	105,9
AL	28,3	28,3	-	674	630	(6,5)	19,1	17,8	(6,8)
SE	177,0	177,0	-	795	4.390	452,2	140,7	777,0	452,2
BA	618,7	629,2	1,7	2.340	3.069	31,2	1.447,9	1.931,3	33,4
CENTRO-OESTE	7.067,4	7.609,9	7,7	3.996	5.758	44,1	28.244,4	43.816,9	55,1
MT	3.800,1	4.294,2	13,0	4.019	5.695	41,7	15.271,6	24.453,5	60,1
MS	1.681,0	1.728,0	2,8	3.730	5.201	39,4	6.269,5	8.986,6	43,3
GO	1.521,1	1.520,7	-	4.228	6.450	52,6	6.430,5	9.808,1	52,5
DF	65,2	67,0	2,8	4.184	8.488	102,9	272,8	568,7	108,5
SUDESTE	2.051,3	2.136,7	4,2	4.775	5.679	18,9	9.794,3	12.133,4	23,9
MG	1.208,4	1.290,1	6,8	4.900	5.973	21,9	5.921,0	7.706,3	30,2
ES	13,6	13,4	(1,5)	2.910	2.857	(1,8)	39,6	38,3	(3,3)
RJ	2,0	2,7	35,0	2.600	2.332	(10,3)	5,2	6,3	21,2
SP	827,3	830,5	0,4	4.628	5.277	14,0	3.828,5	4.382,5	14,5
SUL	3.805,4	4.057,7	6,6	6.068	6.524	7,5	23.089,7	26.474,2	14,7
PR	2.612,4	2.852,5	9,2	5.545	6.025	8,7	14.484,9	17.186,8	18,7
SC	370,0	400,3	8,2	7.330	8.000	9,1	2.712,1	3.202,4	18,1
RS	823,0	804,9	(2,2)	7.160	7.560	5,6	5.892,7	6.085,0	3,3
NORTE/NORDESTE	2.998,4	3.272,8	9,2	1.802	2.763	53,4	5.402,2	9.043,9	67,4
CENTRO-SUL	12.924,1	13.804,3	6,8	4.730	5.971	26,2	61.128,4	82.424,5	34,8
BRASIL	15.922,5	17.077,1	7,3	4.178	5.356	28,2	66.530,6	91.468,4	37,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.7.3. OFERTA E DEMANDA

Tabela 38 – Balanço de oferta e demanda de milho

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
2016/17	7.999,0	91.468,4	500,0	99.967,4	56.100,0	24.000,0	19.867,4

Fonte: Conab.

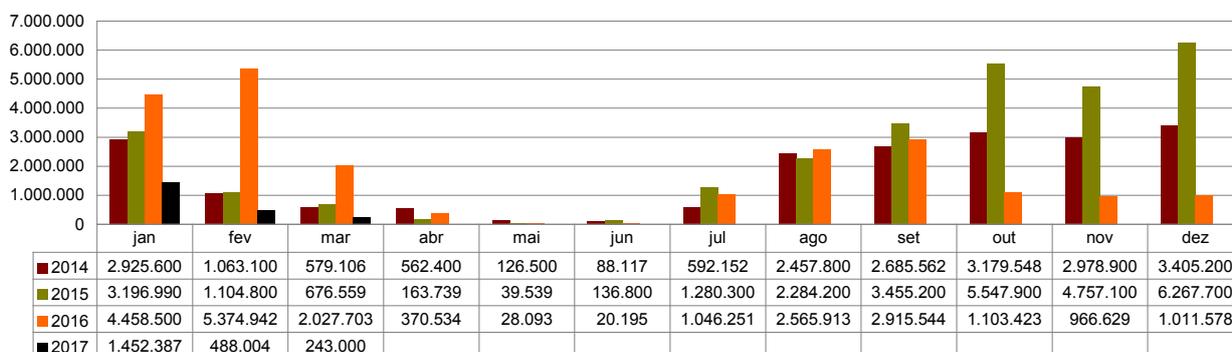


A principal alteração no quadro de oferta e demanda de milho é o incremento na estimativa de produção para a safra 2016/17. Portanto, optou-se por se manter a estimativa de exportação, dado que, até o momento, não há indicadores de que possa ocorrer um significativo aumento dos embarques para o segundo semestre deste ano, porque as comercializações antecipadas

da segunda safra não superaram 39% no Mato Grosso e 2% no Paraná.

Além disso, as exportações de fevereiro e março desse ano só chegaram a um volume de 731 mil toneladas, muito aquém do que vinha sendo realizado em anos anteriores.

Gráfico 36 – Exportações brasileiras de milho de Jan/14 a mar/17 (toneladas)



Fonte: Secex

Os preços baixos em Chicago e a desvalorização do dólar, bem como a estimativa de um volume significativo de milho no mercado doméstico, são os fatores de desestímulo a novos negócios de exportação.

Além disso, os preços futuros do milho, nos principais estados produtores seguem com viés baixista e, em alguns casos, como em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, já se encontram abaixo do preço mínimo.

Nesse cenário, os preços futuros estão, no Norte do Mato Grosso, abaixo de R\$ 15,00 a saca de 60 quilos, com embarque em agosto. Já no Norte do Paraná, as cotações estão variando entre R\$ 22,00 a R\$ 23,00 a saca de 60 quilos FOB para entrega em agosto e pagamento em setembro de 2017.

9.1.8. SOJA

O sétimo levantamento de safra da soja consolida o crescimento na área plantada é de 1,4% comparado ao plantio na safra anterior. O aumento no plantio da oleaginosa foi ajudado pelo bom comportamento do clima para os diversos estágios de desenvolvimento das lavouras, responsável pela safra recorde de 110.161,7 mil toneladas.

Na Região Sul houve, ao longo dos levantamentos realizados, redução na diminuição da área plantada em relação ao ocorrido no exercício anterior, atingindo 11.459,6 mil hectares, contra 11.545,4 mil hectares da temporada passada. São boas as expectativas de produtividades devido à regularidade das precipitações, boa insolação e manejo adequado das lavouras.

Em relação ao consumo, mesmo com as notícias sobre os impactos da Operação Carne Fraca, no setor de proteína animal, afetando as exportações e, por consequência, o alojamento de animais e à demanda por ração, o volume estimado deve permanecer em 56,1 milhões de toneladas.

Isso, ao que tudo indica, o setor de carnes está conseguindo resolver, juntamente com o Mapa, as demandas internacionais sobre o assunto e, desta feita, não deve ter grandes impactos na demanda doméstica por milho.

Assim, o estoque de passagem previsto para início de fevereiro de 2018 é de 19,9 milhões de toneladas, ou seja, o maior estoque de milho da história.

No Rio Grande do Sul, as lavouras encontram-se em plena colheita, praticamente em todas as regiões produtoras, atingindo cerca de 40% da área semeada. Nos municípios de Cruz Alta, Panambi e Ibirubá já foi ultrapassada 50% da área colhida, enquanto as áreas mais próximas às fronteiras com Santa Catarina e Argentina, colheram cerca de 30% do total. A expectativa atual é de rendimento médio de 3.150 kg/ha. Condições climáticas favoráveis, com boa distribuição das chuvas, associada a fatores tecnológicos como o avanço genético na resistência a pragas e doenças, juntamente com o esforço dos produtores em fazer os tratamentos preventivos, deverão determinar um aumento na produtividade média, além de garantir ótima qualidade do grão colhido.



Figura 63 – Lavoura de soja em maturação em Palmeiras das Missões/RS



Fonte: Conab.

Figura 64– Lavoura de soja pronta para colheita em Bozano/RS



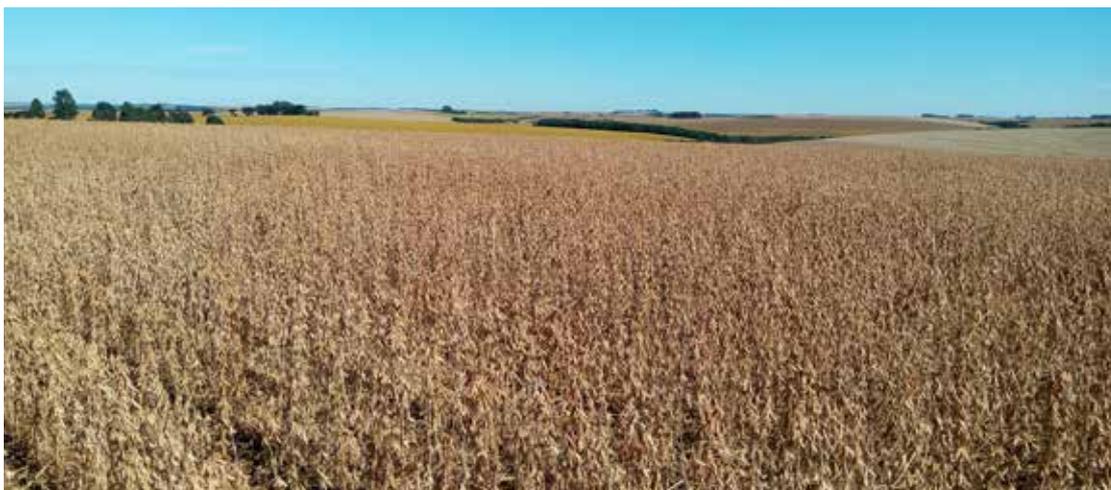
Fonte: Conab.

Figura 65 – Lavoura de soja em maturação em Bozano/RS



Fonte: Conab.

Figura 66 – Lavoura de soja pronta para a colheita em Não-me-toque/RS



Fonte: Conab.

Figura 67 – Lavoura de soja em maturação em Não-me-toque/RS



Fonte: Conab.

Em Santa Catarina a colheita da soja atingiu aproximadamente 35% da área, sendo considerada atrasada em relação ao ocorrido em outras safras. As boas condições climáticas, observadas durante grande parte do ciclo da cultura, além de proporcionarem bom desenvolvimento e garantir elevado potencial produtivo, alongou o ciclo de desenvolvimento de muitas

áreas, resultando no atraso ora observado. Ademais, a chegada do outono com temperaturas mais baixas e dias mais curtos, somado às instabilidades dos últimos dias, favoreceram a manutenção da umidade das lavouras por períodos maiores, dificultando a entrada das colhedoras.



Figura 68– Lavoura de soja em maturação em Santa Catarina/SC



Fonte: Conab.

As produtividades alcançadas até o momento indicam um aumento em relação ao obtido na safra passada, podendo chegar a médias superiores a 3.500 kg/ha ou 4,8% superior. Em muitos locais há relatos de médias ainda maiores, resultado da interação entre clima, material genético e aplicação correta do pacote tecnológico.

No Paraná as áreas da oleaginosa ficaram consolidadas em 5.249,6 mil hectares, com um decréscimo de 3,7% em relação ao exercício anterior e as condições climáticas apresentaram-se propícias ao bom desenvolvimento da cultura. Cerca de 77% da área já foi colhida, com produtividades que confirmam os prognósticos de 3.548 kg/ha, 14,8% maior que a safra anterior. Este aumento de rendimento se deve, além das ótimas condições climáticas, à qualidade das sementes, ao controle preventivo de doenças e à assistência técnica presente em todas as regiões produtoras.

Na Região Sudeste alterou-se a estimativa de redução da área plantada com a oleaginosa para um crescimento de 0,9% em relação ao ocorrido no exercício

anterior, decorrente basicamente de ajustes ocorridos na área plantada em Minas Gerais. Nesse estado a área de plantio foi estimada em 1.456,1 mil hectares, representando uma redução de 0,9% em comparação com a safra passada. Projeta-se uma produtividade média de 3.156 kg/ha, inferior em 2% à safra anterior, por conta da estiagem verificada especialmente na região noroeste, entre meados de dezembro e janeiro de 2017, que atingiu as lavouras na fase de granação. Espera-se alcançar uma produção de 4.595,5 mil toneladas, apresentando redução de 2,9% em relação a 2016. A colheita já ultrapassou 80% da área plantada e deverá se estender até o início de abril.

São Paulo, cuja safra apresentou importante incremento na área plantada, 4% em relação à safra passada, deverá obter incrementos nas produtividades em virtude das condições climáticas favoráveis ao longo do ciclo da cultura, e da utilização de cultivares adaptadas e resistentes/tolerantes, às pragas e doenças. Deve-se ressaltar nessa safra, o cuidado dos produtores na condução das lavouras, desde a semeadura até a colheita.

Figura 69 – Lavoura de soja pronta para a colheita em Orlandia/SP



Fonte: Conab.



Figura 70 – Colheita de soja em Assis/SP



Fonte: Conab.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da oleaginosa no país, a área plantada deverá apresentar incremento de 1,8% em relação ao exercício passado. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, a colheita da soja atingiu em março 97% da área total. Na região

oeste, ela se encontra praticamente encerrada e mesmo o excesso de chuvas registradas no mês passado, que provocaram perdas quanti-qualitativas, não foi suficiente para impactar negativamente o volume da safra, a maior já registrada para o estado.

Figura 71 - Lavoura de soja aguardando a colheita em Diamantino/MT



Fonte: Conab.

A produtividade média fechou em 3.273 kg/ha, registrando um aumento de 14,9% em relação à safra anterior, que atingiu 2.848 kg/ha. Em relação à área plantada, a pesquisa registrou incremento de 2%, saindo de 9.140 mil hectares na safra 2015/16 para 9.322,8 mil hectares na atual. Portanto, maior área e maior produtividade da oleaginosa projetam produção de 30.513,5 mil toneladas na safra 2016/17, volume 17,2% superior às 26.030,7 mil toneladas produzidas na safra 2015/16.

final, estimando-se em aproximadamente 92% da área total. Nas regiões leste, central, sul e oeste a colheita está mais adiantada, enquanto na região norte, ainda existem áreas a ser colhidas. Com os preços praticados atualmente, a comercialização segue lenta e com o avançar da colheita os armazéns já estão atingindo sua plena capacidade. Este fato deverá refletir em pouco espaço para o armazenamento do milho segunda safra, que será colhido a partir do segundo semestre.

Em Mato Grosso do Sul a colheita encontra-se na fase



Figura 72 – Lavoura de soja em maturação em Itaporã/MS



Fonte: Conab.

A produtividade estimada é de 3.300 kg/ha em uma área plantada de 2.522,3 mil hectares, refletindo numa produção recorde. O aumento da produtividade, em comparação com a safra anterior, decorre das boas condições climáticas para todas as regiões produtoras, além do aporte tecnológico adotado pelos produtores no uso de insumos e manejo adequado dos solos. Atualmente a alternância de dias ensolarados e pancadas de chuva frequentes favorece tanto a maturação da cultura da soja, quanto a operação de colheita.

Na Região Norte-Nordeste ocorreu o maior incremento percentual da área plantada com a oleaginosa no país (11,5%). Em Tocantins as lavouras se encontram em plena colheita, estimando-se cerca de 46,0% da área total. As expectativas são de que a produtividade nesta safra seja 50,4% maior do que na passada.

As lavouras se desenvolveram bem e na maior parte das regiões produtoras, a produtividade está se mantendo dentro da média esperada, com uma redução de apenas 0,4% em relação ao levantamento anterior. Este resultado foi atribuído às variedades mais precoces que sofreram mais com o veranico entre final de dezembro e início de janeiro, quando se encontravam em plena fase de formação e enchimento de grãos. Os impedimentos na evolução da colheita causados pelas chuvas estão dentro da normalidade do período para a região. Neste mês foi registrado aumento na população e no ataque de mosca branca em diversas regiões do estado, ocasionando uma perda branda em algumas lavouras. O aumento de área neste levantamento se deve à revisão da área cultivada com a oleaginosa no município de Santa Fé do Araguaia.

Figura 73 – Lavoura de soja pronta para colheita em Marianópolis/TO



Fonte: Conab.



Figura 74 – Lavoura de soja em maturação em Dianópolis/TO



Fonte: Conab.

Figura 75 – Lavoura de soja em maturação em Dianópolis/TO



Fonte: Conab.

Com relação ao plantio irrigado, ainda não há estimativas com relação à área para a soja destinada à semente. Esta área cultivada no ano passado já havia sofrido redução em relação a 2015 devido ao baixo volume hídrico dos reservatórios. Como neste ano, existe um projeto para fiscalização do uso da água na irrigação dos tabuleiros cultivados, aumenta a incerteza com relação à área a ser semeada. Se for observado bons níveis hídricos nos reservatórios, deverá haver reflexos no aumento da área cultivada devido ao grande interesse das empresas produtoras de sementes.

Na Bahia o cultivo da soja ocupa a área de 1.580,3 mil hectares. O plantio nesta safra começou em outubro e foi finalizado em dezembro, esperando-se uma produtividade média de 3.060 kg/ha. Os plantios antecipados ao fim do vazio sanitário, sob irrigação de pivô central, tiveram a colheita iniciada em janeiro e os plantios de sequeiro começam a ser colhidos em fins de fevereiro, com a estimativa de produção em torno de 4.835,7 mil toneladas de grãos. Os números atuais representam aumento de 3,5% na área cultivada e aumento de 50,6% na produção de grãos em relação à passada.



Figura 76 – Colheita de soja em São Desidério/BA



Fonte: Conab.

Figura 77 - À esquerda, lavoura de soja em estágio de maturação dos grãos, à direita, lavoura dessecada para a colheita e no detalhe planta com alta produtividade em Barreiras/BA.



Fonte: Conab.

Figura 78 – Lavoura de soja pronta para a colheita – Balsas/MA



Fonte: Conab.



Figura 79 – Lavoura de soja em desenvolvimento vegetativo em São Domingos do Azeitão/MA



Fonte: Conab.

No Maranhão ocorreu forte decréscimo de 14% na área plantada em relação à anterior, com produtividade estimada em 3.003 kg/ha, o que representa incremento de 88,9% em relação à safra passada, fortemente prejudicada pela falta de chuvas. A forte redução da área, constatada na atual pesquisa, foi mais acentuada no município de Tasso Fragoso. Estima-se que a metade das lavouras de soja já foram colhidas, enquanto 24% encontram-se em maturação, 10% estão em enchimento de grãos e floração e apenas 6% ainda permanecem no estágio de desenvolvimento vegetativo.

No Piauí ocorreu aumento da área de soja na ordem de 22,8% em virtude do retorno das áreas que migraram para o milho na safra passada por ocasião dos problemas climáticos, além de incrementos provenientes da cessão feita por outras culturas. A colheita da soja está em sua fase final, com cerca de 20% da área já realizada e as demais áreas encontram-se nas fases de frutificação (10%) e maturação (70%). O período crítico de incidência de pragas já passou, e as lavouras apresentam excelentes condições de desenvolvimento com as primeiras áreas já colhidas, evidenciando produtividades acima da média dos últimos anos.

Figura 80 – Lavoura de soja em maturação em Uruçui/PI



Fonte: Conab.

Os primeiros plantios desta safra utilizou-se sementes de ciclo precoce com o objetivo de fazer um segundo cultivo nas áreas, principalmente de milho e sorgo. Já a partir da segunda quinzena de novembro utilizou-se majoritariamente sementes de ciclo médio e tardio.

O somatório das expectativas para a temporada 2016/17 indica, para a oleaginosa, uma continuada tendência de crescimento da área plantada, atingindo o percentual de 1,4% em relação à safra passada, totalizando 33.711,3 mil hectares, com uma expectativa de produção de 110.161,7 mil toneladas.



Figura 81 – Mapa da produção agrícola – Soja

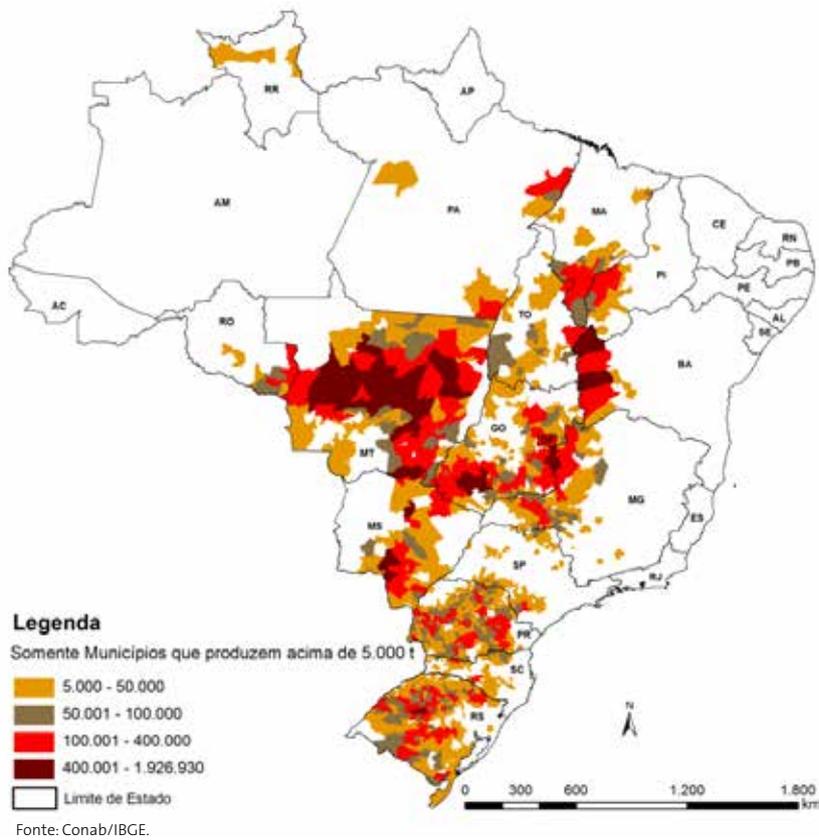
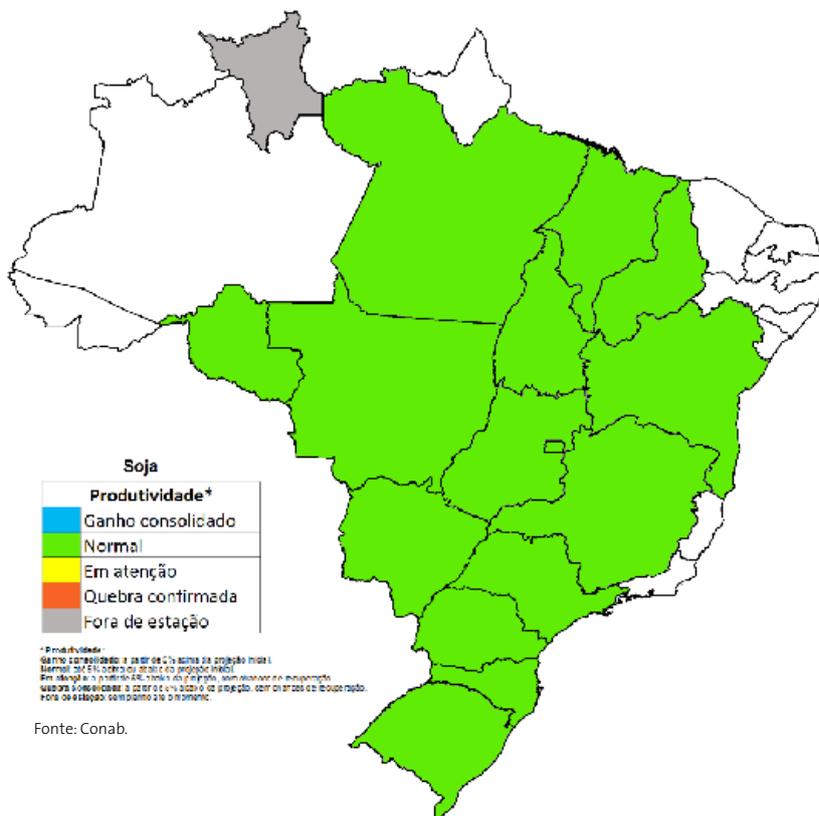


Figura 82 – Mapa da estimativa de produtividade – Soja



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja

UF	Mesorregiões	Soja primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.576,3	1.759,8	11,6	2.423	3.030	25,1	3.818,9	5.332,2	39,6
RR	24,0	30,0	25,0	3.300	3.300	-	79,2	99,0	25,0
RO	252,6	289,0	14,4	3.028	3.119	3,0	765,0	901,4	17,8
PA	428,9	484,7	13,0	3.003	3.189	6,2	1.288,0	1.545,7	20,0
TO	870,8	956,1	9,8	1.937	2.914	50,4	1.686,7	2.786,1	65,2
NORDESTE	2.878,2	2.950,3	2,5	1.774	3.033	70,9	5.107,1	8.947,7	75,2
MA	786,3	676,2	(14,0)	1.590	3.003	88,9	1.250,2	2.030,6	62,4
PI	565,0	693,8	22,8	1.143	3.000	162,5	645,8	2.081,4	222,3
BA	1.526,9	1.580,3	3,5	2.103	3.060	45,5	3.211,1	4.835,7	50,6
CENTRO-OESTE	14.925,1	15.193,6	1,8	2.931	3.283	12,0	43.752,6	49.887,2	14,0
MT	9.140,0	9.322,8	2,0	2.848	3.273	14,9	26.030,7	30.513,5	17,2
MS	2.430,0	2.522,3	3,8	2.980	3.300	10,7	7.241,4	8.323,6	14,9
GO	3.285,1	3.278,5	(0,2)	3.120	3.300	5,8	10.249,5	10.819,1	5,6
DF	70,0	70,0	-	3.300	3.300	-	231,0	231,0	-
SUDESTE	2.326,9	2.348,0	0,9	3.255	3.230	(0,8)	7.574,9	7.583,4	0,1
MG	1.469,3	1.456,1	(0,9)	3.220	3.156	(2,0)	4.731,1	4.595,5	(2,9)
SP	857,6	891,9	4,0	3.316	3.350	1,0	2.843,8	2.987,9	5,1
SUL	11.545,4	11.459,6	(0,7)	3.047	3.352	10,0	35.181,1	38.411,2	9,2
PR	5.451,3	5.249,6	(3,7)	3.090	3.548	14,8	16.844,5	18.625,6	10,6
SC	639,1	640,4	0,2	3.341	3.500	4,8	2.135,2	2.241,4	5,0
RS	5.455,0	5.569,6	2,1	2.970	3.150	6,1	16.201,4	17.544,2	8,3
NORTE/NORDESTE	4.454,5	4.710,1	5,7	2.004	3.032	51,3	8.926,0	14.279,9	60,0
CENTRO-SUL	28.797,4	29.001,2	0,7	3.004	3.306	10,1	86.508,6	95.881,8	10,8
BRASIL	33.251,9	33.711,3	1,4	2.870	3.268	13,9	95.434,6	110.161,7	15,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.

9.1.8.1. OFERTA E DEMANDA

Oferta e demanda mundial

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no dia 31 de março de 2017 a intenção de plantio de soja para a safra 2017/18, estimando que a área de plantio norte-americana provavelmente chegue a 36,22 milhões de hectares, ou seja, um aumento de 7% em relação à área estimada na safra 2016/17.

Assim, a importância de se analisar o cenário futuro neste momento e, caso a área de plantio norte-americana de 36,22 milhões, para a safra 2017/18 se confirme, e a produtividade seja a mesma da última safra (2016/17) de 3.500 kg/ha, os Estados Unidos produzirão, aproximadamente, 126,77 milhões de toneladas na próxima safra. Em 2016/17 este valor foi de 117,21 milhões de toneladas.

Porém, o mercado acha pouco provável que esta produtividade volte a acontecer, pois, o ótimo clima colaborou para a ótima safra em vigor.

Dessa forma, a produtividade média esperada pelo mercado deverá girar em torno de 3.200 kg/ha e assim, a produção ficando por volta de 115,9 milhões de toneladas, ou seja, um valor menor em 1,31 milhões de toneladas que da safra 2016/17.

Portanto, se confirmar tal cenário e as exportações e esmagamentos americanos aumentarem como tem acontecido nos últimos anos, há grandes possibilidades de que o estoque recorde americano, estimado hoje em 11,84 milhões de toneladas, abaixe na próxima safra.



Preços internacionais

Os preços primeira entrega na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) vêm numa escalada de baixa em março, reprimidos pelo excesso de oferta mundial, pois, além dos Estados Unidos que produziram uma safra recorde, o Brasil e Argentina também tiveram uma produção acima do esperado.

Dessa forma, os preços internacionais (CBOT) que estavam estáveis e cotados, em média, um pouco acima de US\$ 10,00/bu começaram abril cotados a US\$ 9,50/bu e com viés de forte baixa, depois do relatório de expectativa de plantio norte-americano.

Portanto, o que esperar dos preços internacionais para os próximos meses? Se por um lado existe uma pressão baixista nos preços devido ao excesso de oferta mundial para esta safra, por outro lado, com o início do plantio norte-americano (abril e maio de 2017), as especulações climáticas devem começar a

“dar o tom” para os preços futuros na bolsa de valores.

Além do fato de que o mercado já espera uma produtividade menor na safra 2017/18, alguns institutos meteorológicos já começam a prever um provável El Niño com temperaturas acima do normal nos principais estados produtores americanos e caso estas previsões se efetivem, há a possibilidade (mesmo que mínima), de que as produtividades americanas sejam ainda menores que as esperadas hoje pelo mercado, o que poderia alavancar os preços de voltar para os patamares de US\$ 10,00/bu.

Caso o mercado não reaja e não haja compras técnicas ou especulação climática para alavancar os preços internacionais, com os fundamentos de mercados hoje, os valores podem voltar aos patamares de US\$ 8,50/bu do início de 2016.

Gráfico 37 - Comportamento dos preços (Spot) na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT)



Fonte: USDA

Nota: Estimativa em fevereiro/2017.

Mercado nacional - Oferta e demanda nacional

a) Produção brasileira

Segundo a Conab, no seu sétimo levantamento de safra, a produção nacional de soja em grãos será de

110,16 milhões de toneladas.

b) Demanda interna

Mesmo com o aumento de produção, o consumo interno deve se manter praticamente estável no ano de 2017, com um aumento de apenas 6,96% em relação a 2016. Um dos principais usos dos grãos internamente é para produção de farelo e, devido aos problemas ocorridos recentemente, as exportações de carnes, e

por conseqüência, o consumo de farelo, diminuiram, afetando diretamente os esmagamentos. Apesar disso, o consumo interno brasileiro de soja em grãos para 2017 devem fechar o ano em 46,50 milhões de toneladas.



c) Exportações brasileiras de grãos de soja

Segundo a Secretaria de Comercio Exterior do Ministério da Indústria, Comércio Exterior (Secex/MDIC), em fevereiro as exportações brasileiras de soja em grão foram de 3,59 milhões de toneladas. Esse valor era 72% maior que o estimado em fevereiro de 2016, mas dentro da expectativa de exportações para a safra atual.

Em março, a Secex estima que as exportações devam ser de 8,98 milhões de toneladas, valor apenas 7,21% maior que as exportações de março de 2016, ano em que houve uma pequena quebra de produção, por este motivo as exportações de março estão um pouco menores que o esperado.

d) Estoques finais Brasil

Finalmente, caso não haja nenhum aumento nas exportações e consumo para 2017, os estoques de passagem para a safra 2016/17 devem ser de 4,44 milhões de toneladas, o segundo valor mais alto dos últimos

O principal motivo para contração nas exportações são as baixas comercializações estimadas nos principais estados produtores como Mato Grosso (MT) e Paraná (PR), justificadas pelos baixos preços internacionais e o dólar frente ao real.

Por este motivo é esperado que, para os próximos meses, estas exportações devam progredir, fechando o ano com o valor de 61 milhões de toneladas. Mas para que isso ocorra, as exportações necessitam aumentar bastante em relação aos valores exportados em 2015 e 2016, e permanecer alta até no mínimo em setembro de 2017, data do início da colheita de soja norte-americana.

dez anos. Apesar disso, esse valor equivale a um pouco mais de um mês de consumo interno, por isso, ainda dentro da normalidade.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo no país deverá ter uma área plantada de 608,1 mil hectares e uma produtividade de 2.798 kg/há, com produção de 1.701,2 mil toneladas. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes, por isso muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito devido ao mercado e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra.

O sorgo em Goiás, na região sudoeste do estado, o sorgo já foi totalmente semeado, houve uma redução de área em virtude do aumento das áreas de milho segunda safra na região. Na região sul do estado a cultura encontra-se bem desenvolvida. Uma boa opção para quem perdeu a janela de plantio do milho segunda safra. Ampliação de cerca de 19,4% na área plantada em relação à safra passada e uma boa expectativa de produção para a atual temporada. Na região leste está previsto a manutenção da área plantada com sorgo. Muitos agricultores alegam notar uma diminuição da produtividade da soja em safra com rotação com sorgo na safrinha, como também dificuldades para o armazenamento e comercialização após a colheita do grão. Contudo, é esperado uma área plantada de 240 mil hectares e uma produção de 840 mil toneladas. No geral, as lavouras goianas encontram-se em plena fase de germinação e desenvolvimento vegetativo e apresentam-se vigorosas e com boa expectativa de produtividade.

Em Minas Gerais estima-se que o plantio de sorgo, na presente safra, é majoritariamente oriundo de segunda safra. Estima-se uma área plantada de 175 mil hectares, com produtividade de 3.000 kg/ha em razão da recuperação havida em face das melhores condições climáticas, se comparadas ao ano anterior. Dessa forma espera-se uma produção de 525 mil toneladas, representando um incremento de 50,7% em relação à safra passada. O plantio teve início em fevereiro, mas deverá se concentrar em março.

Em Mato Grosso do Sul o plantio do sorgo deverá começar a partir da segunda quinzena de março, sendo abril o principal mês do plantio de sorgo. Cultura cultivada em apenas três municípios do estado, todos na região norte/nordeste do estado (Chapadão do Sul, Costa Rica e São Gabriel do Oeste). O sorgo encontra-se em fase de plantio com cerca de 47,53% da área total prevista de 7,7 mil hectares plantada, predominando as fases de germinação, com produtividade esperada de 3.300 kg/ha inicialmente. As áreas informadas poderão sofrer alterações para mais ou para menos, pois há uma indefinição por parte dos produtores que optam por plantar o milho segunda safra dentro da janela prevista, mas caso não consigam, sim o sorgo é cultivado em áreas mais marginais, pois não é a cultura principal.

Na Bahia o cultivo do sorgo ocupa a área de 98,5 mil hectares. O plantio foi realizado em dois momentos,



novembro e dezembro para os cultivos de sequeiro e fevereiro e março para os cultivos irrigado. A colheita foi iniciada em março, com a expectativa de produção em torno de 107,2 mil toneladas de grãos. Os números da safra atual representam aumento de 11,4% na área cultivada e aumento de 20,6% na produção de grãos em relação à safra passada. A produção de sorgo é destinada basicamente ao consumo interno, sendo consumido pelas indústrias granjeiras e pecuárias. Na Bahia o seu cultivo é impulsionado pelas boas cotações do milho, porque o sorgo substitui parcialmente o milho nas rações, sem contar que a lavoura de sorgo é menos exigente em insumos e é resistente ao estresse hídrico, sendo cultivado praticamente com os resíduos da cultura anterior. Os campos de sorgo estão distribuídos pelo centro norte, centro sul, Vale do São Francisco e Extremo Oeste, em manejo irrigados e sequeiro, com plantio direto e convencional, e com rotação de cultura com o algodão, milho e soja. No centro norte estima-se o cultivo de 1,1 mil hectares em manejo de sequeiro, com plantio convencional. A área cultivada na safra atual sofreu redução de 57% em relação à safra passada, pois faltou chuva em algumas regiões no momento do cultivo. A colheita

atinge 20% da área cultivada e espera-se a produção de 400 toneladas, com o rendimento médio de 390 kg/ha (6,5 sc/ha). No centro sul estima-se o cultivo de 24,8 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em novembro e dezembro. A colheita atinge 20% da área cultivada e espera-se a produção de 9 mil toneladas, com o rendimento médio de 360 kg/ha (6 sc/ha). No Vale do São Francisco estima-se o cultivo de 34,2 mil hectares em manejo de sequeiro. As lavouras foram plantadas em novembro e dezembro. A colheita atinge 20% da área cultivada e espera-se a produção de 12,3 mil toneladas, com o rendimento médio de 360 kg/ha (6,0 sc/ha). Diferente das outras graníferas cultivadas na região, o sorgo conseguiu bom desenvolvimento em manejo de sequeiro. No extremo-oeste estima-se o cultivo de 36 mil hectares, entre cultivos de sequeiro e irrigado com pivô central. A colheita está prevista para ser iniciada em maio, estimando-se a produtividade de 2.300 kg/ha (38 sc/ha) e a produção de 82,8 mil toneladas. As lavouras de sequeiro estão em estágio de maturação dos grãos e os cultivos irrigados estão em estágio de desenvolvimento vegetativo.

Figura 83 – Lavoura de sorgo em fase de maturação em Luiz Eduardo Magalhães/BA



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso, para a safra 2016/17, é de uma área de 34,3 mil hectares, um decréscimo de 30% em relação aos 49 mil hectares semeado na safra passada. Isso se deve em grande parte à opção do produtor pelo plantio do milho segunda safra. A produtividade esperada é de 2.193 kg/ha, aumento de 14,5% em relação aos 1.915 kg/ha da safra anterior. Sendo assim, a produção está estimada em 75,2 mil toneladas, ante

às 93,8 mil da safra anterior.

Em Tocantins, o não registro de plantio de sorgo primeira safra para esta safra se deve ao fato de que na safra passada houve algumas áreas que não foram cultivadas com soja devido à falta de chuvas para finalizar o plantio, e em janeiro essas áreas foram semeadas com sorgo apenas para que o solo não ficasse des-



coberto. Já nesta safra, com a regularidade das chuvas, estas áreas foram cultivadas com a soja normalmente. Neste levantamento, para o sorgo segunda safra, verificou-se um decréscimo na intenção de cultivo do grão de 29,8% ante à safra passada. Essa redução se deve ao fato de que na safra passada o sorgo ocupou lugar que seria do milho, por precaução dos produtores, dado às péssimas condições pluviométricas registradas. Apesar da redução na área ocupada, a cultura apresenta um ganho em investimento, com maior uso de cultivares híbridos em algumas regiões do estado e espera-se uma produtividade de 12,7% maior em relação à safra passada.

Na Paraíba o produtor paraibano tradicionalmente não planta sorgo granífero. Por fatores econômicos não tem interesse na produção do grão de sorgo, ficando restrito à exploração do sorgo forrageiro, destinado à formação de feno para consumo dos seus rebanhos. Na safra passada foram plantados 0,3 mil hectares de sorgo granífero, destinado à formação de sementes. Na presente safra é estimado um relevante acréscimo no plantio, totalizando uma área de 1,3

mil hectares, com previsão de produtividade em 1.150 kg/ha. Do total plantado, 70% foi realizado por uma empresa especializada na produção de sementes, com uso de pacote tecnológico avançado, cuja produtividade poderá atingir até 2.000 kg/ha.

No Estado de São Paulo, assim como nas principais regiões produtoras desse cereal no País, o principal fator limitante das culturas implantadas no outono-inverno é a disponibilidade hídrica. A escassez e a distribuição irregular nesse período do ano, onde a falta de chuvas constituem elevados riscos de perdas de produtividade do milho e de outras culturas graníferas, devido as deficiências hídricas que geralmente ocorre nas fases críticas de desenvolvimento das culturas. Para minimizar riscos maiores de perdas nas lavouras, o produtor tem optado pelo cultivo do sorgo, por sua rusticidade, resistência e tolerância à períodos de baixa umidade do solo. Produtor mostra-se desestimulado com esta cultura e, neste sétimo levantamento, sinaliza com forte redução de área, 14,4 %. Dificuldade de armazenagem e preço inferiores ao milho, são os principais motivos deste recuo.

Figura 84 – Sorgo em Barretos/SP



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, na safra passada as chuvas cessaram em fevereiro inibindo o plantio, na safra atual as condições climáticas estão favoráveis o que propiciou o produtor plantio de área de 5 mil hectares, incremento de 51,5% em relação à safra anterior que foi de

3,3 mil hectares, aumento na produtividade de 5.149 kg/ha em relação à safra 2015/16 que foi de 4.500 kg/ha, 14,4% a mais. Incremento também na produção de 772,5%, saindo de 14,9 mil toneladas na safra passada, para 25,7 mil toneladas na atual safra.



Figura 85 – Mapa da produção agrícola – Sorgo

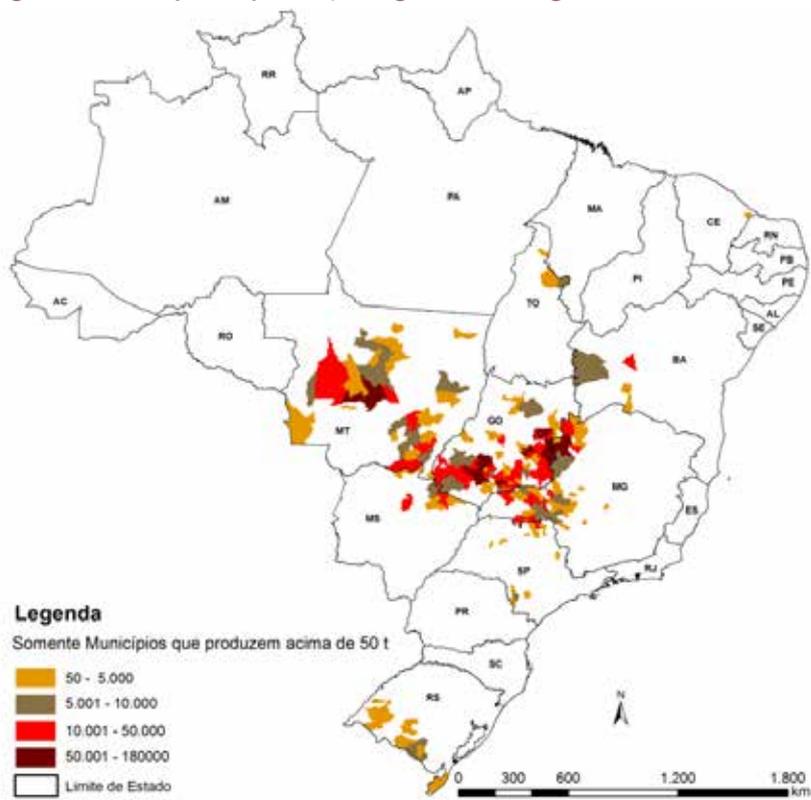
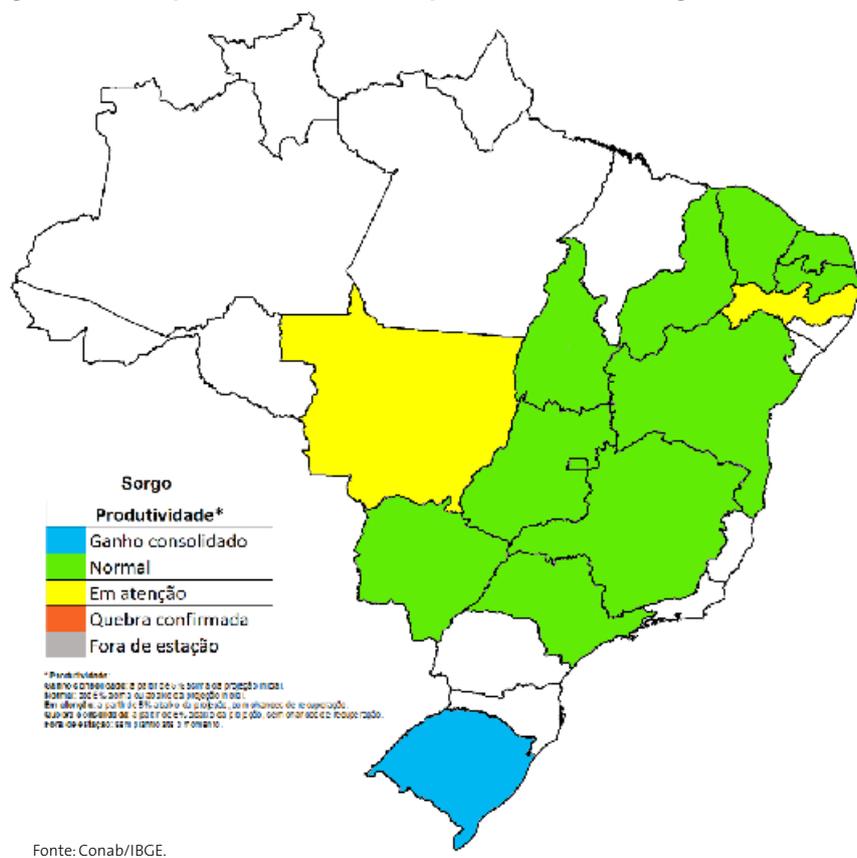


Figura 86 - Mapa da estimativa de produtividade - Sorgo



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M	C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR. %	Safra 15/16	Safra 16/17	VAR %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,1	17,6	(29,9)	1.687	1.902	12,7	42,3	33,5	(20,8)
TO	25,1	17,6	(29,8)	1.687	1.902	12,7	42,3	33,5	(20,8)
NORDESTE	97,1	108,9	12,2	942	1.044	10,8	91,4	113,7	24,4
PI	2,8	2,8	-	45	775	1.622,2	0,1	2,2	2.100,0
CE	0,7	0,7	-	1.346	1.915	42,3	0,9	1,3	44,4
RN	0,4	0,5	21,9	1.224	1.380	12,7	0,5	0,7	40,0
PB	0,3	1,3	332,0	800	1.150	43,8	0,2	1,5	650,0
PE	4,5	5,1	13,3	167	155	(7,2)	0,8	0,8	-
BA	88,4	98,5	11,4	1.006	1.088	8,2	88,9	107,2	20,6
CENTRO-OESTE	262,8	287,0	9,2	1.836	3.367	83,4	482,6	966,3	100,2
MT	49,0	34,3	(30,0)	1.915	2.193	14,5	93,8	75,2	(19,8)
MS	9,5	7,7	(18,9)	3.390	3.300	(2,7)	32,2	25,4	(21,1)
GO	201,0	240,0	19,4	1.700	3.500	105,9	341,7	840,0	145,8
DF	3,3	5,0	51,5	4.500	5.149	14,4	14,9	25,7	72,5
SUDESTE	185,0	185,6	0,3	2.102	3.021	43,7	388,8	560,7	44,2
MG	172,6	175,0	1,4	2.018	3.000	48,7	348,3	525,0	50,7
SP	12,4	10,6	(14,4)	3.266	3.368	3,1	40,5	35,7	(11,9)
SUL	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
RS	9,0	9,0	-	2.929	3.000	2,4	26,4	27,0	2,3
NORTE/NORDESTE	122,2	126,5	3,5	1.095	1.163	6,2	133,7	147,2	10,1
CENTRO-SUL	456,8	481,6	5,4	1.965	3.227	64,2	897,8	1.554,0	73,1
BRASIL	579,0	608,1	5,0	1.782	2.798	57,0	1.031,5	1.701,2	64,9

Fonte: Conab.

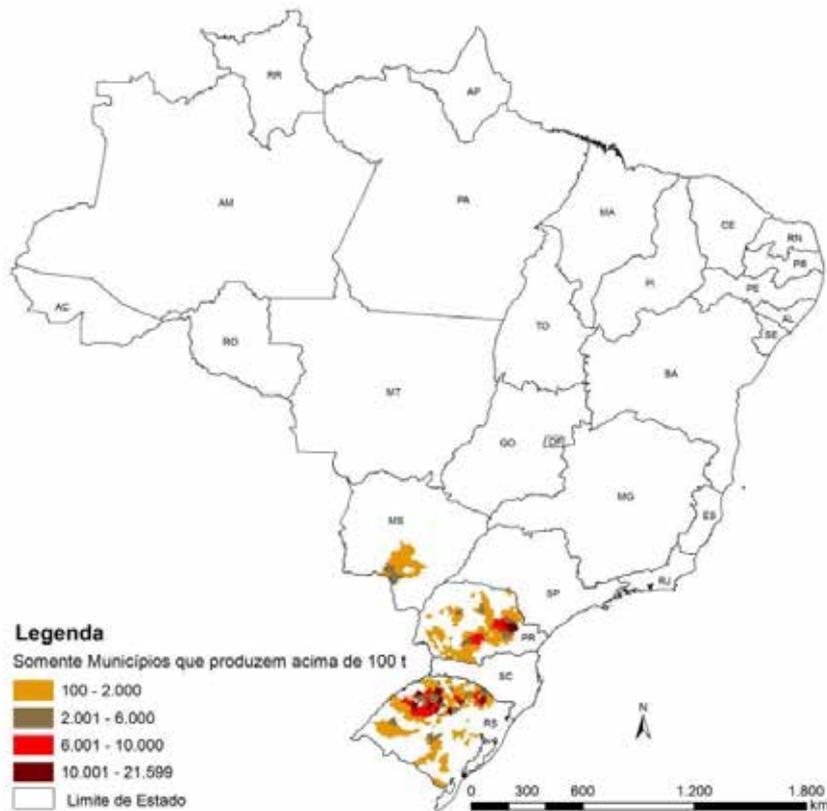
Nota: Estimativa em abril/2017.



9.2 CULTURAS DE INVERNO - SAFRA 2016

9.2.1. AVEIA

Figura 87 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	15,0	15,0	-	1.500	1.560	4,0	22,5	23,4	4,0
MS	15,0	15,0	-	1.500	1.562	4,1	22,5	23,4	4,0
SUL	276,5	279,2	1,0	2.912	2.410	(17,2)	805,3	672,8	(16,5)
PR	58,2	60,9	4,6	2.508	2.306	(8,1)	146,0	140,4	(3,8)
RS	218,3	218,3	-	3.020	2.439	(19,2)	659,3	532,4	(19,2)
CENTRO-SUL	291,5	294,2	0,9	2.840	2.366	(16,7)	827,8	696,2	(15,9)
BRASIL	291,5	294,2	0,9	2.840	2.366	(16,7)	827,8	696,2	(15,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.2.2. CANOLA

Figura 88 – Mapa da produção agrícola – Canola

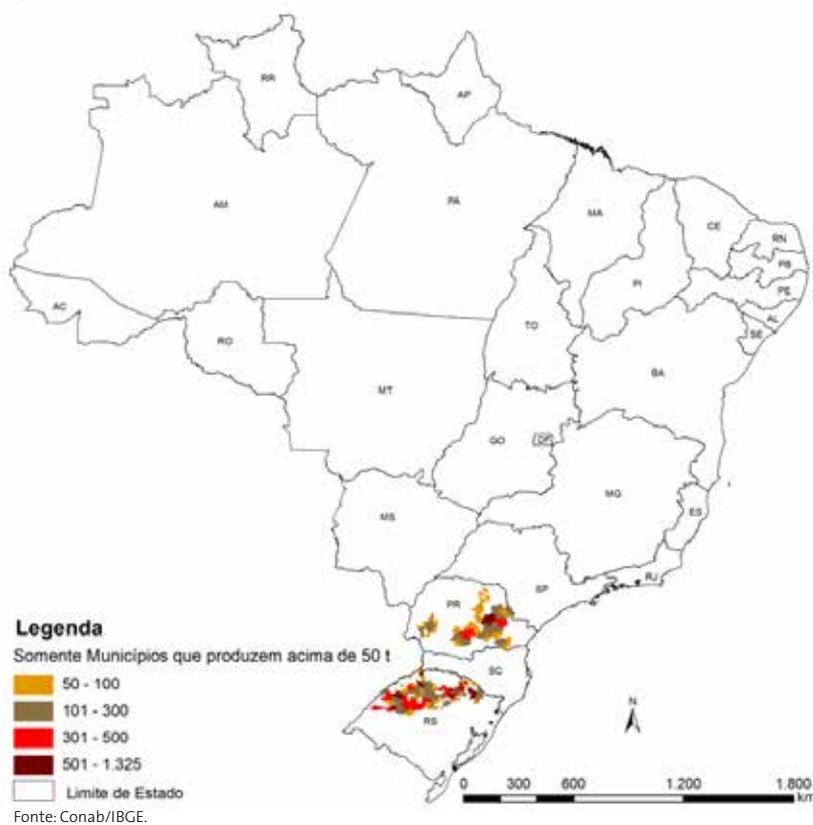


Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.553	2,6	71,9	71,6	(0,4)
PR	6,3	4,9	(22,0)	1.479	1.504	1,7	9,3	7,4	(20,4)
RS	41,2	41,2	-	1.520	1.558	2,5	62,6	64,2	2,6
CENTRO-SUL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.553	2,6	71,9	71,6	(0,4)
BRASIL	47,5	46,1	(2,9)	1.514	1.553	2,6	71,9	71,6	(0,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.2.3. CENTEIO

Figura 89 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	2,5	2,7	8,0	2.600	1.741	(33,0)	6,5	4,7	(27,7)
PR	1,0	1,2	20,0	2.402	2.125	(11,5)	2,4	2,6	8,3
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.367	(49,4)	4,1	2,1	(48,8)
CENTRO-SUL	2,5	2,7	8,0	2.600	1.741	(33,0)	6,5	4,7	(27,7)
BRASIL	2,5	2,7	8,0	2.600	1.741	(33,0)	6,5	4,7	(27,7)

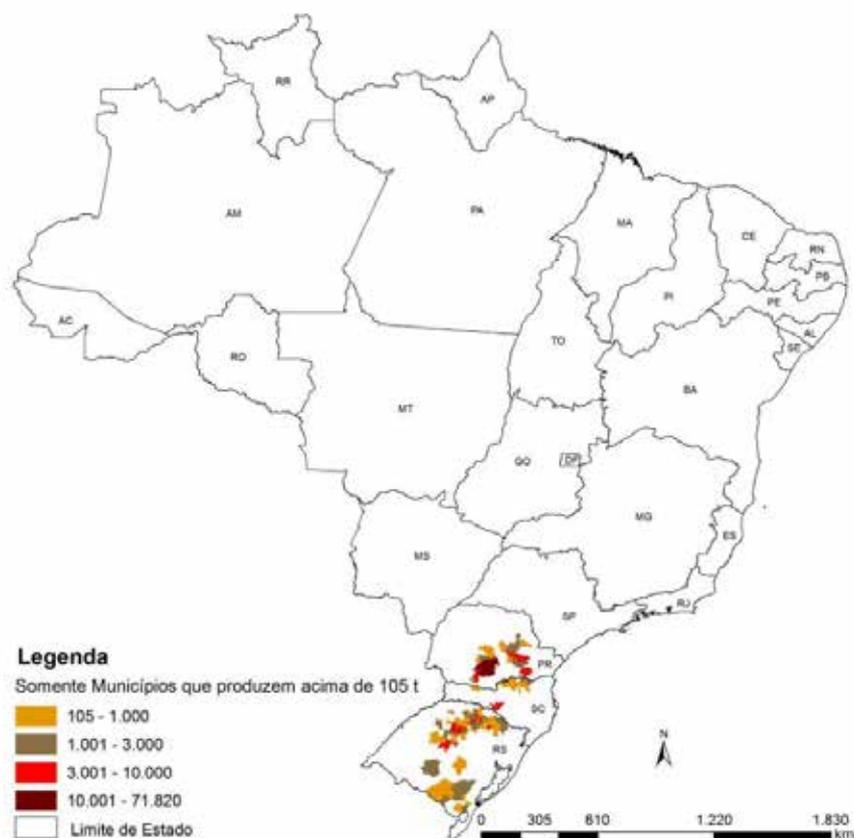
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.2.4. CEVADA

Figura 90 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	95,6	104,8	9,6	3.921	3.020	(23,0)	374,8	316,5	(15,6)
PR	42,5	51,7	21,6	4.682	3.740	(20,1)	199,0	193,4	(2,8)
SC	1,3	1,3	-	4.800	3.175	(33,9)	6,2	4,1	(33,9)
RS	51,8	51,8	-	3.274	2.297	(29,8)	169,6	119,0	(29,8)
CENTRO-SUL	95,6	104,8	9,6	3.921	3.020	(23,0)	374,8	316,5	(15,6)
BRASIL	95,6	104,8	9,6	3.921	3.020	(23,0)	374,8	316,5	(15,6)

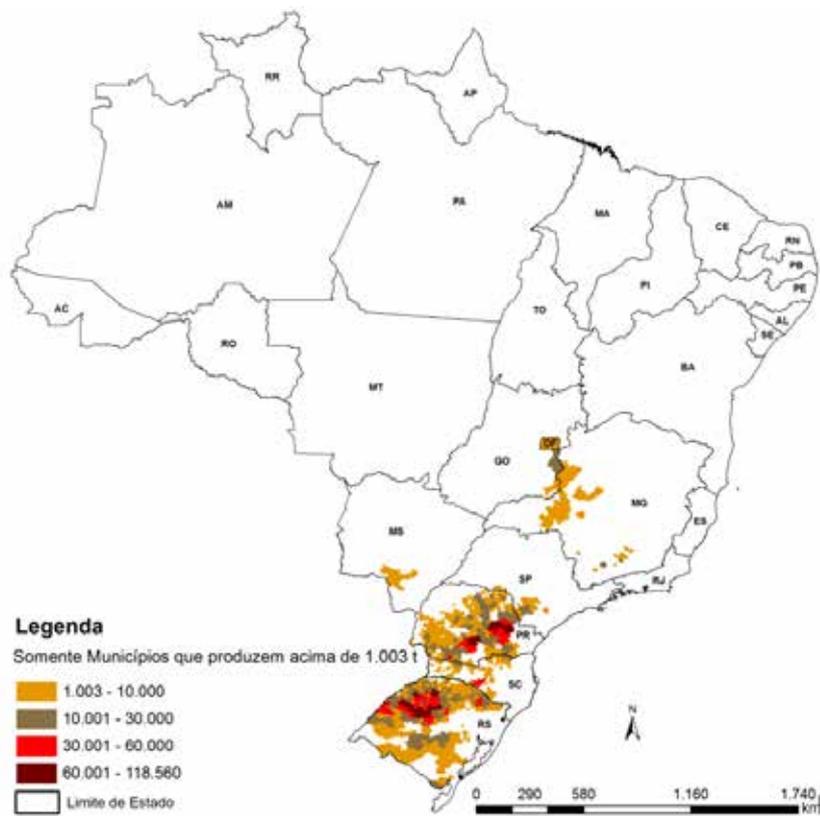
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



9.2.5. TRIGO

Figura 91 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 45 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-OESTE	32,9	28,8	(12,5)	3.657	3.503	(4,2)	120,3	100,9	(16,1)
MS	17,8	17,0	(4,6)	2.328	2.203	(5,4)	41,4	37,5	(9,4)
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,8	-	6.000	6.000	-	4,8	4,8	-
SUDESTE	161,1	160,6	(0,3)	2.852	2.742	(3,9)	459,4	440,4	(4,1)
MG	84,3	84,3	-	2.599	2.645	1,8	219,1	223,0	1,8
SP	76,8	76,3	(0,7)	3.129	2.849	(8,9)	240,3	217,4	(9,5)
SUL	1.921,4	1.860,6	(3,2)	3.190	2.632	(17,5)	6.129,1	4.896,8	(20,1)
PR	1.086,4	1.025,6	(5,6)	3.140	2.837	(9,6)	3.411,3	2.909,6	(14,7)
SC	58,1	58,1	-	3.800	2.954	(22,3)	220,8	171,6	(22,3)
RS	776,9	776,9	-	3.214	2.337	(27,3)	2.497,0	1.815,6	(27,3)
NORTE/NORDESTE	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
CENTRO-SUL	2.115,4	2.050,0	(3,1)	3.171	2.653	(16,3)	6.708,8	5.438,1	(18,9)
BRASIL	2.118,4	2.055,0	(3,0)	3.175	2.661	(16,2)	6.726,8	5.468,1	(18,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.



Como é do conhecimento, o período do ano safra no Brasil aborda agosto de um ano a julho do ano seguinte. Dessa forma, o fechamento do quadro de suprimento nacional referente ao ano de 2016/17 ainda requer novos dados de importação e exportação no período de março a julho de 2017, podendo gerar alteração no volume de estoque de passagem e, em consequência, alterações na antevisão de 2017/18.

A previsão de safra para 2017/18 de apenas 5,47 milhões de toneladas vai requerer maiores importações de trigo em grão, projetando-se exportações de 800 mil toneladas, próxima da que se espera em 2016/17, e incremento da moagem industrial para 10,6 milhões de toneladas, não obstante ao ambiente econômico e

político do país.

Dessa forma, estima-se que o consumo brasileiro de trigo em grão seja de 10,9 milhões de toneladas e o suprimento nacional próximo de 13,7, composto pelo somatório dos estoques de entrada, produção e importação.

Estima-se que a ampla oferta de trigo no Brasil, Mercosul e no mundo mantenham os preços da matéria-prima e das farinhas de trigo adequados, estimulando a demanda de pães, massas e biscoitos, aquecendo o consumo de alimentos derivados de trigo reconhecidamente de baixo custo na dieta dos brasileiros.

Tabela 46 - Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - Em mil toneladas

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 AGO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO GRÃOS	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO GRÃOS	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUL)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17 ⁽¹⁾	809,3	6.726,8	6.100,0	13.636,1	700,0	10.500,0	317,3	10.817,3	2.118,8
2017/18 ⁽²⁾	2.118,8	5.468,1	6.200,0	13.786,9	800,0	10.600,0	308,0	10.908,0	2.078,9

Legenda: (1) Estimativa (2) Previsão.

Fonte: Conab.



9.2.6. TRITICALE

Figura 92 – Mapa da produção agrícola – Tríticale

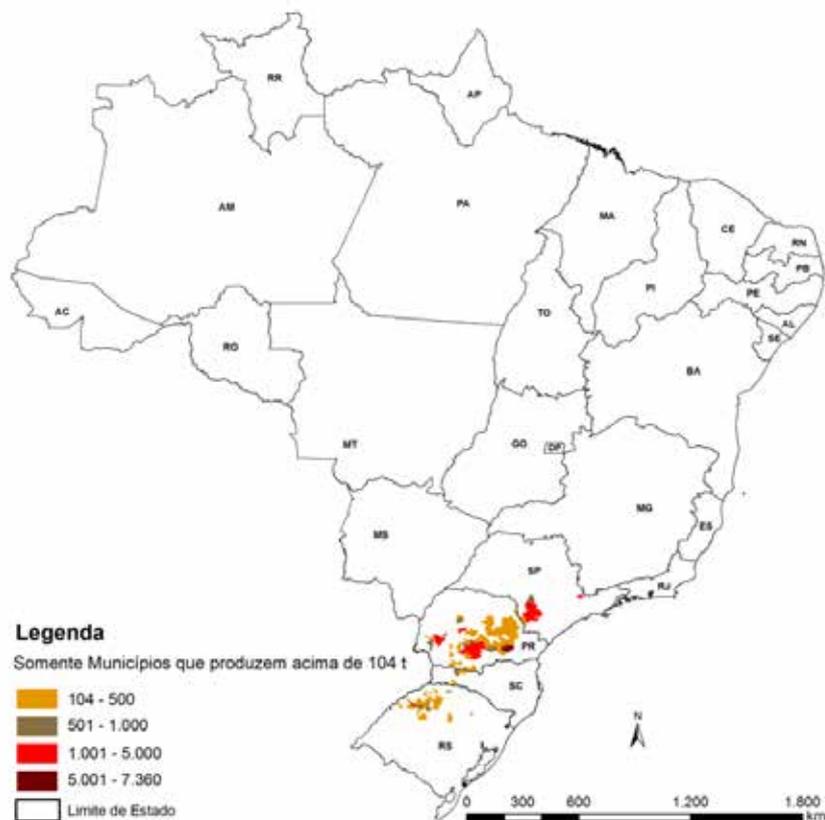


Tabela 47 – Comparativo de área, produtividade e produção – Tríticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	7,5	-	2.853	2.853	-	21,4	21,4	-
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.856	-	21,4	21,4	-
SUL	16,0	15,5	(3,1)	2.919	2.355	(19,3)	46,7	36,5	(21,8)
PR	9,7	9,2	(5,2)	3.097	2.512	(18,9)	30,0	23,1	(23,0)
SC	0,6	0,6	-	2.243	2.687	19,8	1,3	1,6	23,1
RS	5,7	5,7	-	2.700	2.067	(23,4)	15,4	11,8	(23,4)
CENTRO-SUL	23,5	23,0	(2,1)	2.898	2.517	(13,1)	68,1	57,9	(15,0)
BRASIL	23,5	23,0	(2,1)	2.898	2.517	(13,1)	68,1	57,9	(15,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2017.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2016/17, estimada com base nos dados de produção do sétimo levantamento da Safra de Grãos 2016/17 da Conab e nos preços recebidos pelos produtores março/2017, totalizou R\$ 176,64 bilhões. Este número é 8,2% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 163,30 bilhões.

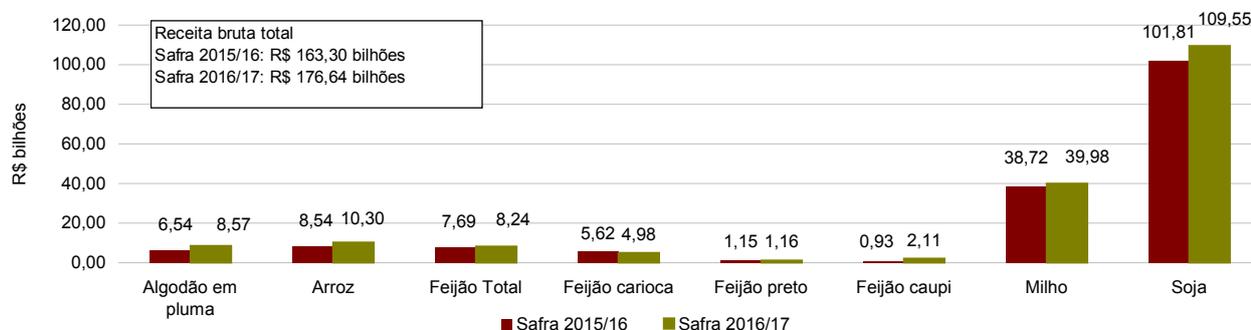
Tabela 48 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17

PRODUTO	PRODUÇÃO (Milhões t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO (R\$ Bilhões)		
	Safra 15/16	Safra 16/17	Variação	Unid.	03/2016	03/2017	Variação	03/2016	03/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(e)	(f)	(f/e)
Algodão em pluma	1,29	1,47	14,3%	15	76,08	87,24	14,7%	6,54	8,57	31,0%
Arroz	10,60	11,98	13,0%	60	48,32	51,59	6,8%	8,54	10,30	20,6%
Feijão Total	2,51	3,31	31,7%	60	183,70	149,45	-18,6%	7,69	8,24	7,2%
Feijão carioca	1,69	2,11	25,1%	60	200,04	141,74	-29,1%	5,62	4,98	-11,4%
Feijão preto	0,47	0,52	11,0%	60	148,15	134,55	-9,2%	1,15	1,16	0,8%
Feijão caupi	0,36	0,65	79,0%	60	153,30	194,70	27,0%	0,93	2,11	127,4%
Milho	66,53	90,92	36,7%	60	34,92	26,39	-24,4%	38,72	39,98	3,3%
Soja	95,43	110,16	15,4%	60	64,01	59,67	-6,8%	101,81	109,55	7,6%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	163,30	176,64	8,2%

Fonte: Conab

Nota: Estimativa de produção em abril/2017 e preços de março de 2016 e 2017.

Gráfico 38 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

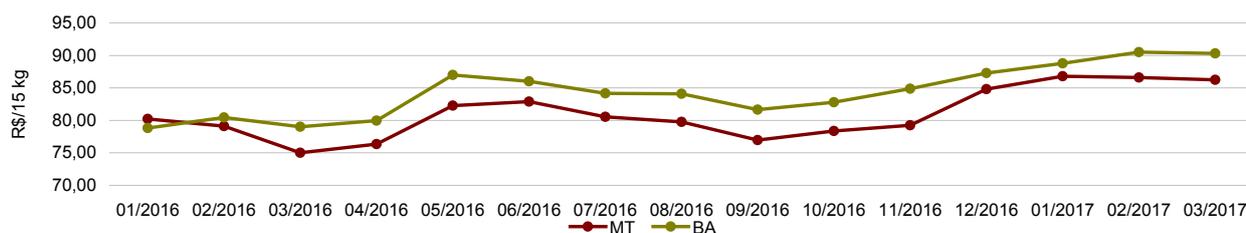
Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.1. ALGODÃO

Em Mato Grosso, maior produto brasileiro da fibra (66,4% do total da safra), a produção aumentou de 880,5 para 978,3 mil toneladas (11,1%) e os preços médios recebidos evoluíram de R\$ 75,00 para R\$ 86,23/arroba (15%) entre março de 2016 e 2017. Com esses dados, a estimativa da receita passará de R\$ 4,40 em 2015/16 para R\$ 5,62 bilhões em 2016/17, variação de 27,7%.

Na Bahia, segundo maior produtor (21,6% do total da safra), a produção aumentou 28,8% (de 247,3 para 318,4 mil toneladas) e os preços, 14,3% (de R\$ 79,01 para R\$ 90,30/arroba). Em consequência desse comportamento a receita bruta do algodão baiano apresenta crescimento de 47,2%, saltando de R\$ 1,30 para R\$ 1,92 bilhão.

Gráfico 39 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Janeiro/2016 a março/2017



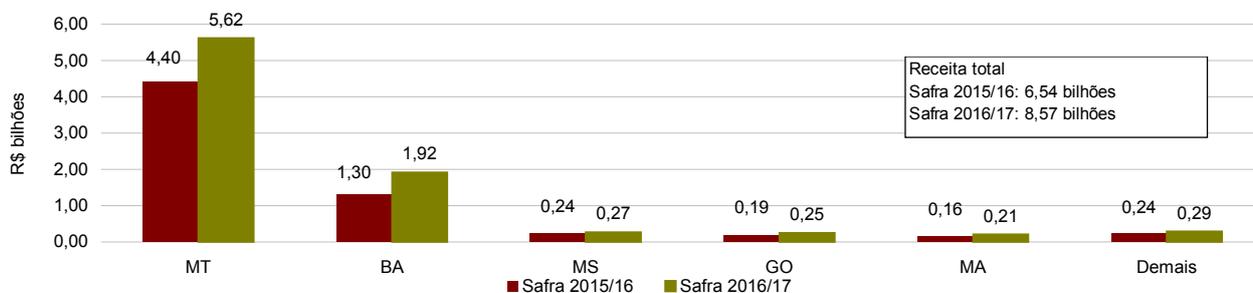
Fonte: Conab.



Nos outros 12 estados em que se produz algodão, a safra evoluiu de 161,4 para 176,5 mil toneladas, os preços aumentaram, em média, 12,7% e, conseqüentemente, o valor da produção destas Unidades da Federação atingiram, na safra atual, o montante de R\$ 0,83 para R\$ 1,03 bilhão.

Ao consolidar todos os dados anteriores, conclui-se que o valor da receita bruta do algodão no Brasil deverá ser de R\$ 8,57 bilhões nesta temporada, 31% acima do observado na safra anterior, R\$ 6,54 bilhões.

Gráfico 40 – Receita bruta da produção agrícola – Algodão em pluma – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

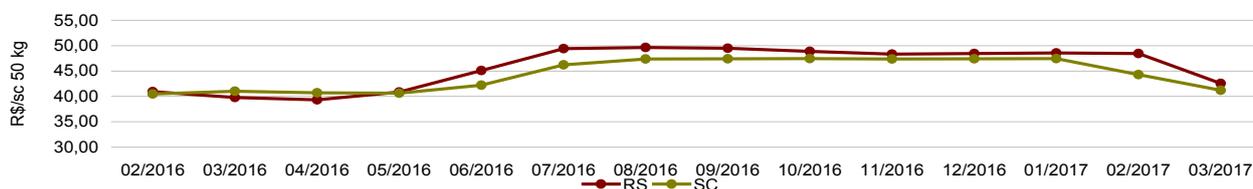
Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.2. ARROZ

Este é outro produto que apresenta elevada concentração de produção (80,16%) no Rio Grande do Sul (70,99%) e em Santa Catarina (9,17%), razão, por essa

o resultado final da receita é fortemente influenciado pelo comportamento da safra e dos preços nessas localidades.

Gráfico 41 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores (longo fino)



Fonte: Conab.

Como a produção gaúcha de arroz deve aumentar 15,6%, passando de 7,36 para 8,5 milhões de toneladas e os preços médios subiram de R\$ 39,79 para R\$ 42,55 a saca de 50 quilos entre março de 2016 e março/2017, a receita esperada para a safra 2016/17 no Rio Grande do Sul é de R\$ 7,24 bilhões, R\$ 1,38 bilhão ou 23,6% superior à observada na temporada passada.

Em Santa Catarina as variações foram de menor magnitude, mas de mesmo sentido. Ou seja, a produção deve aumentar 4,4%, evoluindo de 1,05 para 1,1 milhão de toneladas e os preços médios tiveram discreto aumento, saindo de R\$ 41,00 para R\$ 41,21 a saca de 50 quilos, entre março de 2016 e março de 2017. Dessa

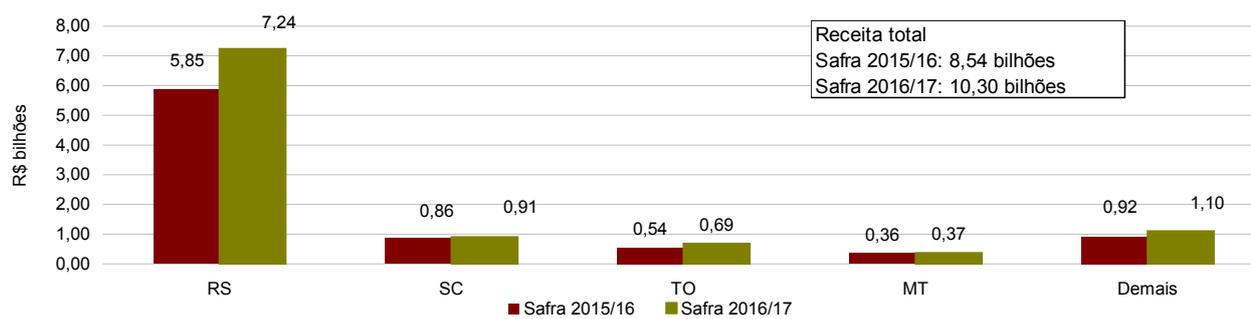
forma, a receita catarinense da safra 2016/17 soma R\$ 905,3 milhões, 4,9% superior aos R\$ 862,89 milhões obtidos em 2015/16.

Nos demais estados, a produção aumentou 8,3% nesta safra, passando de 2,19 para 2,38 milhões de toneladas. Como os preços médios também cresceram 9,4%, em média, a receita bruta sobe de R\$ 1,82 bilhão para R\$ 2,16 bilhões, R\$ 335,96 milhões a mais do que a obtida em 2015/16.

A receita bruta estimada de arroz para o Brasil é de R\$ 10,3 bilhões na safra atual, apresentando crescimento de 20,6% sobre a cifra de R\$ 8,54 bilhões da temporada passada, conforme apresentado no Gráfico 5.



Gráfico 42 – Receita bruta da produção agrícola – Arroz em casca – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

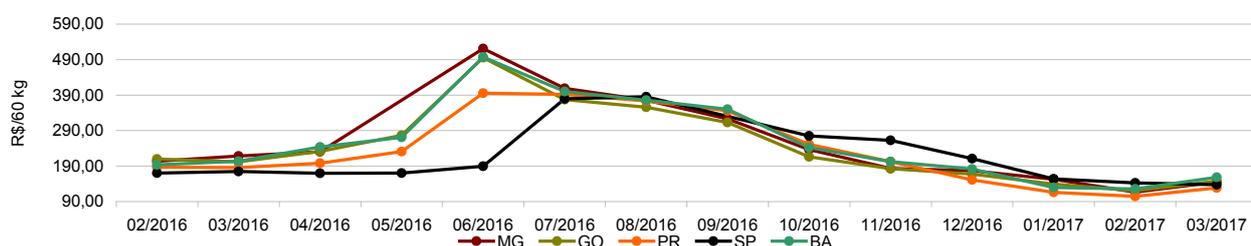
10.3. FEIJÃO

10.3.1. FEIJÃO-CARIOCA

Encerrada a colheita da primeira safra, observa-se agora o comportamento da segunda safra, que, assim como a primeira, transcorre, até o momento, dentro de normalidade climática, sem relatos de ataques de pragas e doenças que afetem significativamente a lavoura. Porém, temperaturas mais amenas ou frias podem alterar essa situação.

Os preços tiveram ligeira recuperação em março, quando comparados a fevereiro deste ano; porém, apesar dessa reação, continuam abaixo dos valores praticados em março de 2016 em praticamente todos as Unidades da Federação. Na média, as cotações atuais estão 29,1% abaixo dos valores de março do ano passado.

Gráfico 43 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

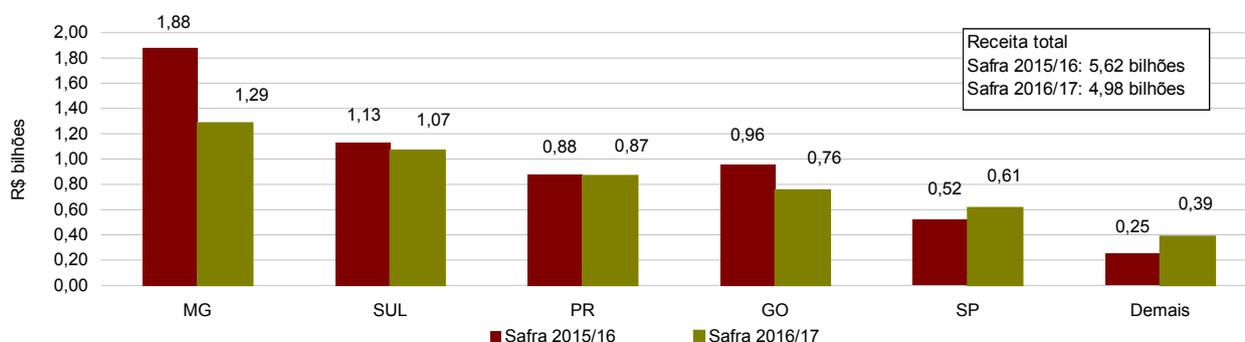


Fonte: Conab.

A redução dos preços superou o aumento médio de 25,1% da produção e, conseqüentemente, a receita

bruta estimada para a safra 2016/17 somou R\$ 4,98 bilhões, 11,4% inferior aos R\$ 5,62 bilhões de 2015/16.

Gráfico 44 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão-carioca – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.



10.3.2. FEIJÃO-PRETO

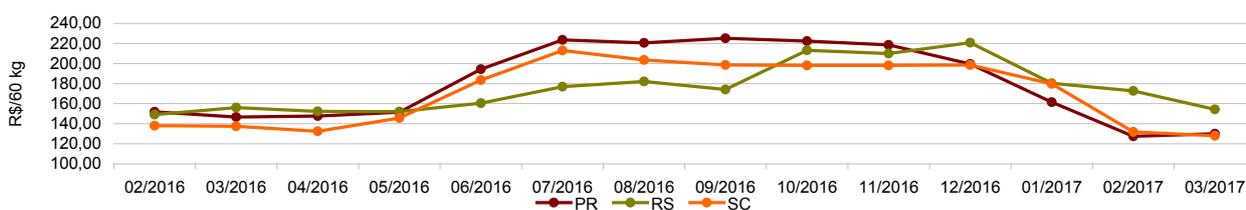
A situação do feijão-preto é semelhante à do carioca: a primeira safra foi muito boa, beneficiada pelo clima e por temperaturas favoráveis e com a segunda safra encontrando-se quase toda plantada. As lavouras estão nas fases de desenvolvimento vegetativo, floração e enchimento de grãos; porém, temperaturas mais amenas ou frias podem alterar essa situação.

O cenário de preços do feijão preto também está parecido com o do feijão-carioca: os preços de março deste

ano apresentam alguma reação quando comparados a fevereiro, mas, ainda assim, abaixo das cotações de março do ano passado.

A produção aumentou de 465,7 em 2015/16 para 517 mil toneladas em 2016/17, apresentando variação de 11%. Os preços apresentaram redução média na ordem de 8,7%, inferior, portanto, ao crescimento da produção.

Gráfico 45 – Feijão preto – Preços nominais recebidos pelos produtores

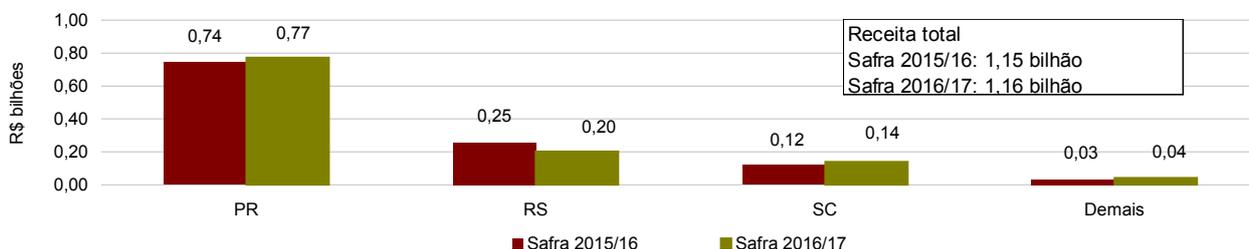


Fonte: Conab.

A receita bruta de feijão-preto na temporada atual somou R\$ 1,16 bilhão, contra R\$ 1,15 bilhão para a safra

2015/16, apresentando crescimento de 0,8%.

Gráfico 46 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão-preto – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.3.3. FEIJÃO CAUPI

A produção de feijão caupi apurada pela Conab será de 649 mil toneladas na safra 2016/17, 79% superior às 362,5 mil toneladas da safra passada.

Os principais estados produtores são Mato Grosso e Ceará, que têm participação de 34,7% e 15,2%, respectivamente, no total.

A continuidade da escassez de chuvas por longo período na Região Nordeste afetou severamente a oferta de produto e os preços dispararam no mercado.

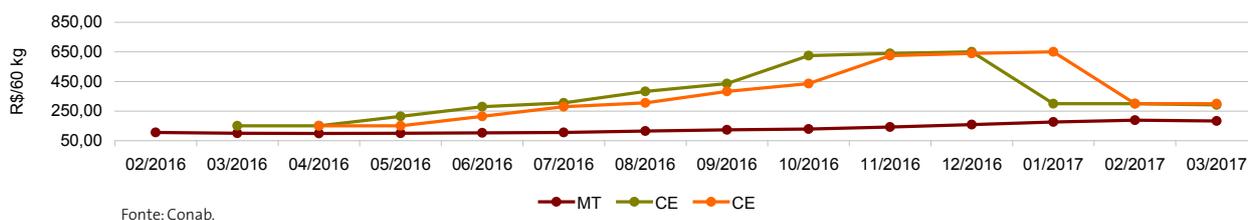
Segundo o Inmet, as previsões do modelo do institu-

to indicam que há grande probabilidade que as chuvas do trimestre março-abril-maio, para o Nordeste, fiquem muito próximas da variabilidade normal da região, cenário bem diferente do ocorrido em 2016, quando as anomalias negativas foram muito acentuadas em toda a região, confirmando o prognóstico elaborado em fevereiro daquele ano pelo Inmet.

O preço médio Brasil foi de R\$ 153,30 a saca de 60 quilos em 2016 e de R\$ 194,70 a saca de 60 quilos em 2017, apresentando variação de 27%.



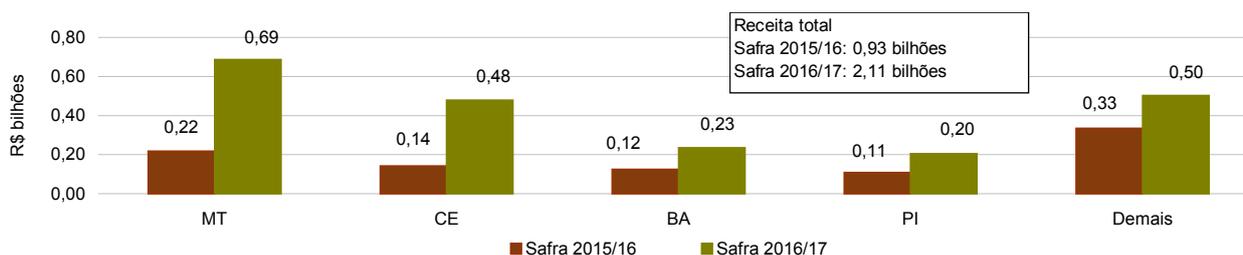
Gráfico 47 – Feijão caupi – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

A receita bruta total do feijão caupi foi estimada em R\$ 926,17 milhões na safra 2015/16 e em R\$ 2,11 bilhões em 2016/17, com crescimento de 127,4%.

Gráfico 48 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão caupi – Safras 2015/16 e 2016/17



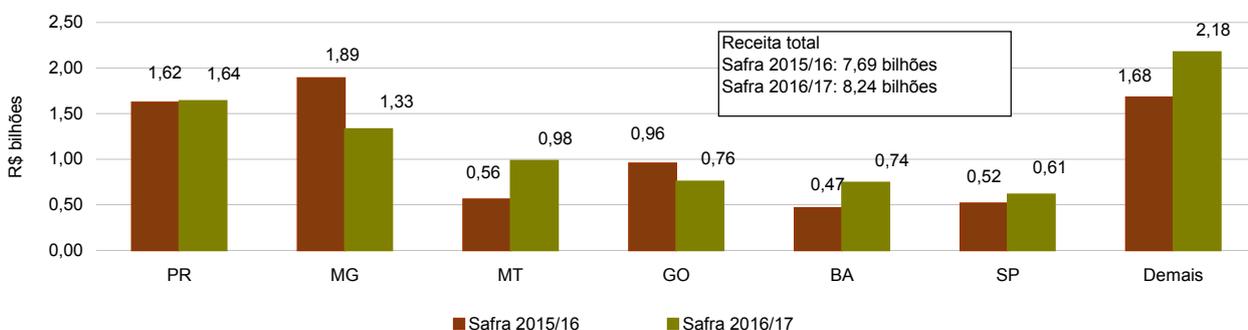
Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.3.4. FEIJÃO TOTAL

Agregando os valores do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se a receita bruta do total de feijão de R\$ 7,69 bilhões na temporada 2015/16 e R\$ 8,24 bilhões em 2016/17, Gráfico 12.

Gráfico 49 – Receita bruta da produção agrícola – Feijão total (carioca, preto e caupi) – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.4. MILHO

De maneira geral, a situação climática foi extremamente favorável em todos os estágios de desenvolvimento das lavouras da primeira safra, proporcionando ganhos de produtividade e aumento na produção.

O quadro climático continua muito favorável para o cultivo da segunda safra e caso permaneça assim nos próximos meses, conforme previsões de institutos meteorológicos, repetem-se as possibilidades de

aumento da produtividade e de produção para estas lavouras e, por consequência, para a produção total de milho.

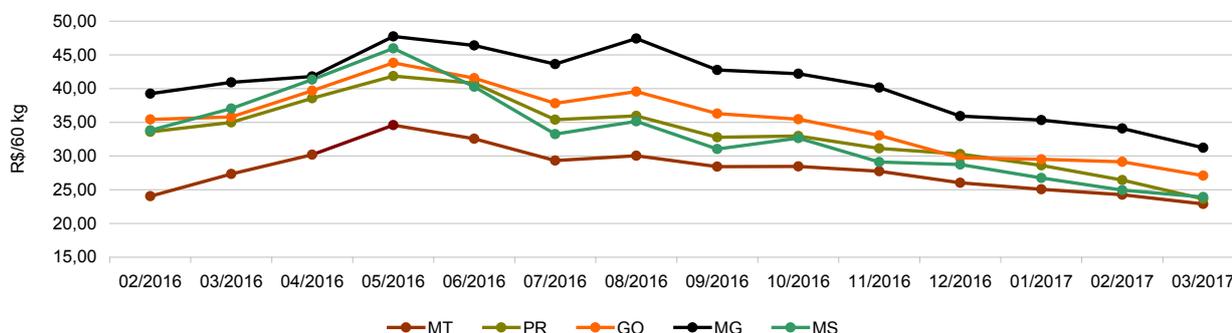
Os dados apurados no sétimo levantamento passado indicam que a produção total de milho (primeira e segunda safra) na safra 2016/17 será de 90,92 milhões de toneladas, 36,7% superior ao de 2015/16 - 66,53 milhões de toneladas.



Os preços do produto nos principais estados produtores continuam em processo de queda e, como pode ser observado no gráfico a seguir, os dados de março

de 2017 encontram-se abaixo dos valores do mesmo mês do ano anterior.

Gráfico 50 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores

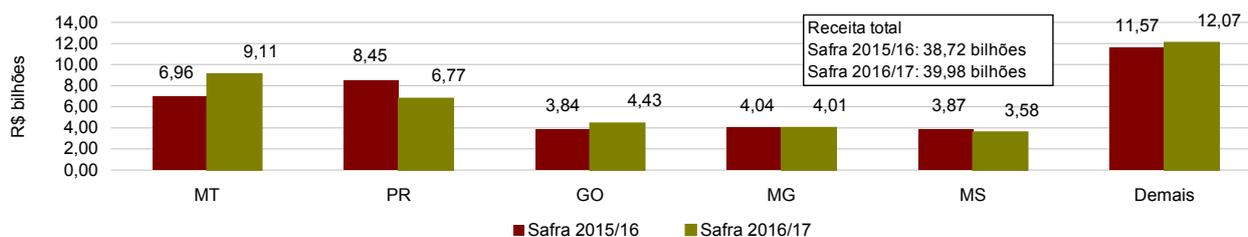


Fonte: Conab.

A despeito da queda média de 24,4% nos preços no Brasil, a receita para este ano safra está estimada em

R\$ 39,98 bilhões, 3,3% superior aos R\$ 38,72 bilhões de 2015/16.

Gráfico 51 - Receita bruta da produção agrícola – Milho – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.

10.5. SOJA

A cada levantamento de campo, a estimativa de produção da oleaginosa supera a anterior. Nesta pesquisa, a previsão de colheita foi elevada para 110,16 milhões de toneladas, 2,55 milhões de toneladas superior ao sexto Levantamento, 15,4% acima da safra anterior e 14,5% maior do que o recorde anterior, de 96,23 milhões de toneladas verificadas na safra 2014/15.

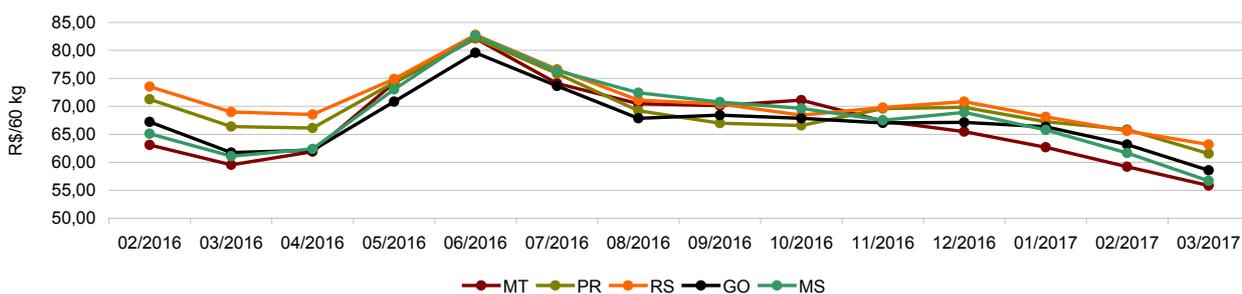
Cabe destacar os aumentos de 72,7% na produção da

região do Matopiba, que evoluiu de 6,79 para 11,73 milhões de toneladas e do Mato Grosso, que passou de 26,03 para 30,51 milhões de toneladas, ampliando a safra em 4,48 milhões de toneladas entre as temporadas. Nessas duas áreas, o crescimento total foi de 9,42 milhões de toneladas.

Por outro lado, os preços recebidos pelos produtores continuaram sua trajetória de redução, influenciada, basicamente, pelo avanço da colheita nos estados.



Gráfico 52 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores

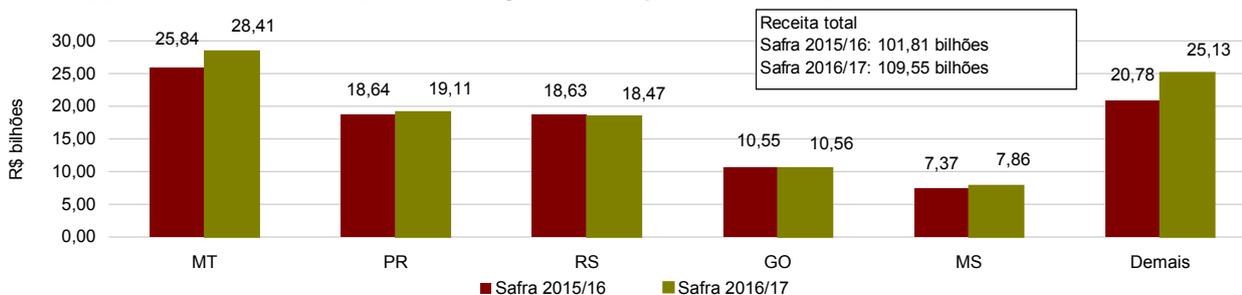


Fonte: Conab.

Mesmo com a queda de preços entre março de 2016 e de 2017 em 14 dos 16 estados produtores, em apenas cinco deles houve redução no valor da receita bruta, porque o crescimento médio da produção foi de 15,4% e a redução média nos preços foi de 6,8%.

Em termos globais, a receita bruta da soja desta safra foi orçada em R\$ 109,55 bilhões, 7,6% superior à da safra 2015/16, que foi de R\$ 101,81 bilhões.

Gráfico 53 – Receita bruta da produção agrícola – Soja – Safras 2015/16 e 2016/17



Fonte: Conab.

Nota: preços de março de 2016 a março de 2017.





11. CADEIA AGROINDUSTRIAL DO FEIJÃO

A cadeia agroindustrial do feijão no Brasil compreende três fluxos básicos: feijão comum cores, com destaque para o carioca, variedade predominante no consumo nacional; feijão comum preto, de consumo altamente concentrado, principalmente no Rio de Janeiro; e o feijão caupi, de consumo nordestino.

A variedade de maior consumo (carioca) é produzida internamente. Existe algumas variedades similares, mas de pouca aceitação por parte do consumidor brasileiro. Para o cultivo do grão carioca não há preocupações quanto à competição pelo produto importado, vez que o mercado é bastante exigente, em se tratando da cor do grão, que deve ser claro, uma vez que, conforme vai passando o tempo, perde umidade, escurece e sofre fortes deságios na venda. Esta é uma barreira natural quanto à armazenagem e importações.

O feijão carioca é, sem dúvida, o mais importante da cadeia e sua produção é distribuída uniformemente nas três safras. Por ser uma cultura de ciclo curto, fácil manejo e sem exigências de fotoperiodismo, é praticamente cultivada em todo o país. Existe um grande número de intermediários, cerealistas regionais e cooperativas que atuam especificamente como centros de armazenagem.

A despeito da dispersão da produção, em grande parte do país, esse produto é cultivado para a subsistência, de modo que aproximadamente 80% da produção comercial ocorrem nos estados da Região Centro-Sul do país. O Paraná é o segundo maior produtor nacional de feijão comum cores e é o líder, disparado, na produção de feijão comum preto da primeira e segunda safras, tendo

contribuído anualmente com cerca de 20% da produção (incluindo cores e preto). Minas Gerais se mantém como maior produtor de feijão-carioca de primeira safra, contribuindo com mais de 30% da produção nacional de feijão dessa classe, injetando no mercado mais de 500 mil toneladas.

Já o feijão comum preto constitui uma cadeia à parte, tendo o Paraná como grande fornecedor desta variedade. O Brasil não é autossuficiente na produção e, após escoada a safra paranaense e catarinense (a do Rio Grande do Sul é consumida por lá mesmo), a tradição é comprar o produto argentino, que é uma extensão internacional da cadeia. Os argentinos não consomem essa cultivar, todavia produzem para vender para o Brasil por ter qualidade e baixo custo de produção e, conseqüentemente, boa competitividade. O consumo per capita argentino é cerca de 0,5 kg/habitantes/ano de feijão comum branco.

A produção de feijão comum preto se concentra no Sul do país, onde são produzidas na primeira e segunda safra, cerca de 98,5% e 99% respectivamente, de toda a produção nacional. Embora o mercado sofra a influência

11.2. CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

A primeira safra começa a ser plantada em agosto, finalizando-se em dezembro, enquanto a colheita inicia-se em dezembro, estendendo-se até março. Já a segunda safra o plantio tem início em janeiro e vai até março, com a colheita entre abril e junho. Finalmente, a terceira safra é plantada entre abril e julho e colhida entre julho e outubro. Utilizando como referência a safra 2014/15, a distribuição da produção ocorreu da seguinte forma: 34,02% na primeira safra, 39,85% na segunda safra e 26,13% na terceira safra.

Cabe mencionar que os cinco maiores produtores (Pa-

raaná, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e São Paulo) são responsáveis por cerca de 70% da produção nacional. No Brasil existem duas regiões superavitárias na oferta desse grão: as Regiões Sul e a Centro-Oeste. Nota-se que praticamente todo o excedente da produção é destinado para o mercado atacadista de São Paulo, com exceção do Mato Grosso, onde cerca de 85% do volume produzido na segunda safra é de feijão caupi, também conhecido como feijão de corda, macaçar ou vigna. Acerca do direcionamento da produção de feijão caupi mato-grossense, boa parte é destinada ao atendimento do mercado nordestino e exportada para outros países, com destaque para a Índia, principal país importador.

da zona cerealista de São Paulo, o Rio de Janeiro continua sendo a principal praça formadora de preços, tendo em vista que lá se concentra o maior número de consumidores desta variedade no país. Dessa forma, o preço se forma pelo jogo de forças entre as necessidades de consumo das grandes redes varejistas e a oferta.

O maior parque empacotador dessa variedade se encontra nos seguintes estados, por ordem de importância e tamanho: São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro. As marcas mais fortes atualmente são, em ordem alfabética: Camil, Carreteiro, Combrasil, Kikaldo e Máximo. A intermediação existe, no entanto, em menor grau que no feijão comum cores; possivelmente porque o mercado do feijão comum preto é menor e bem mais estruturado.

O feijão caupi é um produto típico de consumo nordestino. A Região Norte/Nordeste detém mais 60% de toda a produção nacional dessa variedade. Na primeira safra, Piauí e Bahia são responsáveis por mais de 80% da produção no primeiro plantio, com destaque para o município baiano de Guanambi.



Tabela 49 -Consumo per capita kg/hab/ano

Consumo por região	fase	1ª. Safra	2ª. Safra	3ª. Safra	TOTAL
		Nov a Mar	Abr a Jun	Jul a Out	(1000 ha/t)
NORTE 10,5	Plantio	4,8	45,6	39,9	90,3
	Colheita	3,0	37,3	33,5	73,8
	Consumo	76,0	45,6	60,8	182,3
Deficit / Superavit		-73,0	-8,3	-27,3	-108,5
NORDESTE 17,7	Plantio	482,5	692,7	332,7	1507,9
	Colheita	263,8	191,6	205,5	660,9
	Consumo	417,8	250,7	334,2	1002,7
Deficit / Superavit		-154,0	-59,1	-128,7	-341,8
SUDESTE 17,0	Plantio	248,5	138,2	82,1	468,8
	Colheita	420,0	192,2	214,3	826,5
	Consumo	607,9	364,7	486,3	1458,9
Deficit / Superavit		-187,9	-172,5	-272,0	-632,4
SUL 15,0	Plantio	291,1	257,0	4,5	552,6
	Colheita	547,5	453,9	4,3	1005,7
	Consumo	182,9	109,7	146,3	438,9
Deficit / Superavit		364,6	344,2	-142,0	566,8
C. OESTE 16,0	Plantio	81,1	242,7	85,8	409,6
	Colheita	179,0	344,5	215,0	738,5
	Consumo	103,0	61,8	82,4	247,2
Deficit / Superavit		76,0	282,7	132,6	491,3
Brasil 16,3	Plantio	1108,0	1376,2	545,0	3029,2
	Colheita	1413,3	1219,5	672,6	3305,4
	Consumo	1387,6	832,5	1110,0	3330,0
Deficit / Superavit		25,7	387,0	-437,4	-24,6

Fonte: Conab.





12. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

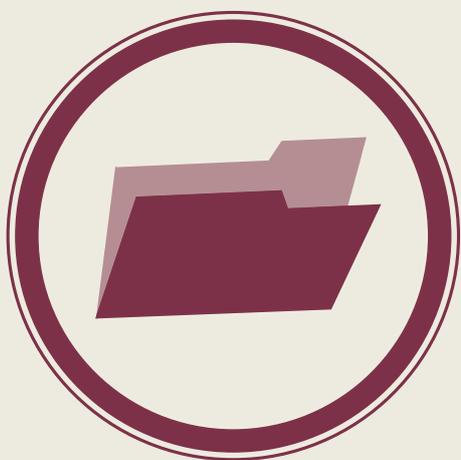
Tabela 50 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.473,2	55,0	1.729,5	700,0	630,0	399,5
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.400,0	893,7	459,6
	2016/17	459,6	11.948,0	1.100,0	13.507,6	11.500,0	1.100,0	907,6
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.285,6	150,0	3.621,6	3.350,0	120,0	151,6
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.903,0	22.313,7	3.996,4
	2012/13	3.996,4	81.505,7	911,4	86.413,5	53.287,9	26.174,1	6.951,5
	2013/14	6.951,5	80.051,7	790,7	87.793,9	54.541,6	20.924,8	12.327,5
	2014/15	12.327,5	84.672,4	316,1	97.316,0	56.742,4	30.172,3	10.401,3
	2015/16	10.401,3	66.530,6	3.338,1	80.270,0	53.387,8	18.883,2	7.999,0
	2016/17	7.999,0	91.468,4	500,0	99.967,4	56.100,0	24.000,0	19.867,4
Soja em grãos	2010/11	2.611,1	75.324,3	41,0	77.976,4	41.970,0	32.986,0	3.020,4
	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	744,0
	2013/14	744,0	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	110.161,7	300,0	111.943,8	46.500,0	61.000,0	4.443,8
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.954,0	0,8	31.790,1	15.500,0	14.100,0	2.190,1
	2016/17	2.190,1	33.110,0	1,0	35.301,1	17.000,0	15.900,0	2.401,1
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,3	8.327,8	6.359,2	1.669,9	298,7
	2015/16	298,7	7.839,0	70,0	8.207,7	6.380,0	1.400,0	427,7
	2016/17	427,7	8.385,0	40,0	8.852,7	6.800,0	1.550,0	502,7
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	6.100,0	13.636,1	10.817,3	700,0	2.118,8
2017	2.118,8	5.468,1	6.200,0	13.786,9	10.908,0	800,0	2.078,9	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em abril/2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





13. CALENDÁRIOS DE PLANTIO E COLHEITA

Quadro 12 - Calendário de plantio e colheita - Algodão

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			■	■	■				■	■		
Nordeste												
MA			■	■	■				■	■	■	■
PI			■	■	■				■	■	■	■
CE				■	■	■			■	■		
RN				■	■	■			■	■	■	■
PB	■				■	■	■	■	■	■	■	■
PE	■	■			■	■	■	■	■	■	■	■
AL	■						■	■	■			■
BA		■	■	■	■			■	■	■	■	■
Centro-Oeste												
MT			■	■					■	■	■	■
MS		■	■	■			■	■	■	■	■	
GO		■	■	■					■	■	■	
Sudeste												
MG		■	■	■			■	■	■	■	■	■
SP	■	■	■		■	■	■	■	■	■	■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■			■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
MG			■	■	■	■	■	■				
SP	■	■	■	■	■	■	■					■
Sul												
PR	■	■		■	■	■	■					■
RS	■	■	■		■	■	■					

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
TO												
Nordeste												
CE												
PB												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
Sudeste												
SP												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
Nordeste												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
Centro-Oeste												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
Sudeste												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
Sul												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

Legenda: █ Plantio █ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	■						■	■	■		■	■
TO	■						■	■	■		■	■
Nordeste												
CE	■							■	■		■	■
PE	■						■	■	■		■	■
AL	■						■	■	■		■	■
SE	■						■	■	■		■	■
BA	■						■	■	■		■	■
Centro-Oeste												
MT							■	■		■	■	
MS							■	■		■	■	
GO							■	■	■	■	■	■
DF							■	■	■	■	■	■
Sudeste												
MG	■					■	■	■	■		■	■
SP	■						■	■	■		■	■
Sul												
PR						■	■	■		■	■	

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE							■	■			■	■
BA		■	■			■	■					
Centro-Oeste												
MT					■	■			■	■		
MS					■	■	■		■	■	■	
GO					■	■			■	■		
Sudeste												
MG						■	■			■	■	
Sul												
RS	■		■	■	■						■	■

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
Fonte: Conab.



Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA		 	 									
Sudeste												
MG		 	 									
SP	 	 	 									
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita				
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
PI		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita				
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo

UF/Região	22/09 a 21/12			1/12 a 20/03			0/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO		■	■	■	■	■	■	■				
Nordeste												
PI			■				■					
CE				■	■	■		■	■			
RN				■	■	■		■	■		■	
PB				■	■	■		■	■			
PE					■	■	■	■		■	■	■
BA		■	■	■		■	■	■				
Centro-Oeste												
MT					■	■	■		■	■	■	■
MS					■	■	■		■	■	■	■
GO					■	■	■		■	■	■	■
DF						■	■		■	■	■	■
Sudeste												
MG					■	■	■		■	■	■	■
SP					■	■	■		■	■	■	■
Sul												
RS	■	■	■	■		■	■	■	■			

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Aveia

REGIÃO/UF	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS						■	■	■		■	■	■
Sul												
PR	■	■	■				■	■	■	■	■	■
RS	■	■					■	■	■	■		

Legenda: ■ Plantio ■ Colheita
 Fonte: Conab.



Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab



Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09			
													
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	
Centro-Oeste													
MS													
GO													
DF													
Sudeste													
MG													
SP													
Sul													
PR													
SC													
RS													

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.

Quadro 30 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda:  Plantio  Colheita
 Fonte: Conab.







Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
**AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO**

